

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Ciências Sociais

CONVERGÊNCIA DE FLUXOS, MIMETISMO E (DES)CONTROLE
Uma Netnografia da *Blogomídia* Política

Por
ADY CARNEVALLI

Dissertação de Mestrado apresentada à
banca examinadora como requisito
parcial para obtenção do grau de mestre
em Ciências Sociais

2008

CARNEVALLI, Ady. **Convergência de Fluxos, Mimetismo e (Des)controle: Uma netnografia da *Blogomídia* Política.** (2008). 1º semestre. 162 fls. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Juiz de Fora, UFJF. PPGCS,

Banca Examinadora

Prof. Dr. Gilberto Barbosa Salgado (orientador – UFJF)

Prof. Dr. Francisco Coelho dos Santos (examinador – UFMG)

Prof. Dr. André Moysés Gaio (examinador – UFJF)

Trabalho examinado em: _____ Conceito: _____

Sou só um sertanejo, nessas altas idéias navego mal (...) eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte na minha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos (...) Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba. (...) Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.

(Grande Sertão Veredas, Guimarães Rosa)

Àqueles professores, da infância até hoje, que fizeram diferente e foram também meus mestres.

À minha família, que, desde os tempos em que, por falta de mesa, eu estudava sentado no chão de tacos velhos da casa, priorizou os meus estudos.

Aos meus amigos, alguns mais próximos, outros espalhados pelo mundo, e outros já em outra esfera, cuja amizade vive em mim, na minha essência, nos meus atos.

Em especial, para Flávio de Melo Ferreira, que durante 23 anos acompanhou minha trajetória como um verdadeiro irmão, tendo entrado em coma no momento em que eu defendia esta dissertação e falecido dois dias depois.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – A POLÍTICA E AS NOVAS TICS	02
1. ESFERAS PÚBLICAS, REDES E CONVERGÊNCIAS.....	15
1.1. Comunidade, sociedade e esfera pública.....	17
1.2. Público, privado e opinião pública.....	28
1.3. O ambiente virtual.....	37
1.4. Redes e convergências.....	51
2. A <i>BLOGOSFERA</i> E A <i>BLOGOMÍDIA</i>	63
2.1. De tagarelice teclada a contra-poder do quarto poder.....	65
2.2. Uma radiografia da <i>Blogosfera</i> de informação política no Brasil... 80	
2.2.a) Aspectos gerais.....	83
2.2.b) Aspectos específicos.....	93
2.3. Mimetismo e <i>Blogomídia</i>	112
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
3.1. Sobre homens e máquinas.....	124
3.2. Sobre presente e futuro.....	137
4. ANEXOS	
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
6. REFERÊNCIAS LITERÁRIAS	
7. <i>SITASE BLOGS</i> CONSULTADOS	

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 01: Esferas Públicas e Conversação Civil.....	27
Quadro 02: As quatro correntes teóricas sobre esferas públicas virtuais.....	49
Quadro 03: Relação de <i>blogs</i> por temas – Portal IG.....	85
Quadro 04: Relação de <i>blogs</i> por temas – Portal Uol.....	86
Quadro 05: Relação de <i>blogs</i> por temas – Folha de S.Paulo.....	86
Quadro 06: Relação de <i>blogs</i> por temas – O Globo.....	86
Quadro 07: Seqüência de títulos dos <i>blogs</i> sobre a crise nos aeroportos.....	90.
Quadro 08: <i>Intralinkagem</i>	91
Quadro 09: <i>Blogs</i> de políticos e temas da grande imprensa.....	92
Quadro 10: <i>Blogs</i> amadores e tendência à reprodução de temas.....	93
Quadro 11: Recursos visuais – <i>Emotions</i>	93
Quadro 12: <i>Blogs</i> Partidários.....	94
Quadro 13: <i>Blogs</i> Partidários – Comentários.....	96
Quadro 14: <i>Blogs</i> Profissionais.....	98
Quadro 15: <i>Blogs</i> Independentes – Conversa Afiada.....	100
Quadro 16: <i>Blogs</i> Independentes – Conversa Afiada – Leitores.....	101.
Quadro 17: <i>Blogs</i> Independentes – Conversa Afiada – PIG.....	101
Quadro 18: <i>Blogs</i> Independentes – Conversa Afiada – Frase Provocativa.....	102
Quadro 19: <i>Blogs</i> Indpendentes – Mino Carta.....	102
Quadro 20: <i>Blogs</i> Amadores – O Biscoito Fino e a Massa.....	104
Quadro 21: <i>Blogs</i> Amadores – O Biscoito Fino e a Massa – Informações.....	105
Quadro 22: <i>Blogs</i> Amadores: Polêmica S.A.....	106
Quadro 23: <i>Blogs</i> Amadores – Vizinho do Jeferson.....	107
Quadro 24: <i>Blogs</i> – Características Específicas.....	108
Quadro 25: Usuários de internet no mundo, em 2005.....	127
Quadro 26: Línguas usadas na internet.....	128

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço a Deus. Isto significa reconhecê-lo em cada gesto de solidariedade das pessoas iluminadas que encontrei pelo caminho. É ter a certeza de ser regido por algo superior e a favor, pois, quando a situação começa a ficar crítica, surpresas boas sempre acontecem. Dessa vez, foi o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (Fapemig), com o pagamento de bolsa da instituição durante os últimos 12 meses de curso. Os recursos a mim repassados foram valiosos para a dedicação à pesquisa, já que, três meses antes, havia sido demitido da iniciativa privada.

É fundamental agradecer também à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e ao seu Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), pela implantação do curso e pelo acesso aos livros e às aulas que trouxeram conhecimentos inéditos, ajudando-me a refinar as informações já capitaneadas ao longo da vida acadêmica, profissional e pessoal.

Instituições são feitas por pessoas. Algumas devem ser citadas com especial atenção. Em 2005, após dez anos afastado da academia, cursei especialização em planejamento e gestão social, na própria UFJF. Naquele ano, o incentivo do professor Gilberto Salgado, orientador dessa dissertação, foi muito importante para que eu reunisse coragem suficiente para enfrentar uma seleção de mestrado em área diferente da qual me formei. Sua organização durante a orientação e a abertura para as abordagens sugeridas, da mesma forma, ajudaram a situar e a nortear o percurso.

Aos professores convidados para a banca examinadora, André Moysés Gaio e Francisco Coelho dos Santos, que gentilmente aceitou deslocar-se de Belo Horizonte a Juiz de Fora, faz-se necessário reconhecer. É mister lembrar ainda do valor da turma com a qual convivi durante dois anos, onde o espírito de cooperação e de amizade prevaleceu, brindando-me ainda com ricas contribuições nos debates realizados em sala de aula.

O incentivo ao crescimento intelectual e cultural também foi proporcionado pelos departamentos que abrigam os cursos de graduação e de mestrado de ciências sociais. Em 2007, eu e mais cinco mestrandos, sendo três da minha turma, tivemos trabalhos aprovados no Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado na UFPE, em Recife. Não fosse o auxílio do Instituto de Ciências Humanas (ICH), através de seu

diretor, professor Eduardo Condé, e do PPGCS, na figura de seu coordenador, Rubem Barboza Filho, não poderíamos ter o orgulho de participar ativamente do evento e a inesquecível experiência de conhecer um bonito pedaço do Brasil, cuja riqueza natural é refletida no proceder de sua população.

Em tempos de individualismo, falta de educação, desrespeito, disputas de egos e tolas vaidades, nunca é demais lembrar da honra de conhecer pessoas avessas a tais práticas, que se distinguem naturalmente pelas armas do conhecimento e da elegância nas ações. Os professores José Alcides Figueiredo, Marcelo Camurça, Jurema Brittes e Helena Motta tornaram-se, para mim, referências de práticas leais dentro do curso.

Muitos foram os amigos externos ao curso, que, com seu incentivo, deram-me energia suficiente para seguir viagem. Entre eles, Ricardo Miranda, Márcio Guerra, Fabiola Costa, Kathlenn Batista, Juliana Duarte, Flávia Lopes, Lucimar Santiago, Simone Tavares, Fabrício Castro, Anderson Brasil, Alex Chinelato, Eduardo Lopes, Marilene Rachel e outros tantos.

Algumas pessoas merecem ser incluídas em parágrafo único, pela constante cumplicidade nos bons momentos e pela solidariedade nos dias ruins. Aline Avelar, a irmã que tive o privilégio de escolher depois de adulto, e Luciana Dominato, a melhor pessoa que me aconteceu no mestrado, são para sempre. O curso acaba, mas nossas vidas continuam misturadas. Ricardo Bedendo, Eduardo Campos e Tâmara Lis, com os quais eu já convivía, continuam pacientemente me suportando. Francisco Filho, o Chico, secretário do mestrado, é uma agradável descoberta, assim como toda sua família. E, por fim, a admiração por Eduardo Condé apenas ratificou-se, pela amizade, inteligência, e humor refinado e afiadíssimo.

Mais uma etapa rica de vida é cumprida. Durante dois anos, fui um simples mestrando entre tantos doutores imortais. Um jornalista entre sociólogos da academia. Mais do que o verniz intelectual, a convivência neste meio proporcionou-me aprendizagem para a vida. A satisfação é saber que o cruzeiro, aquele mesmo que a Sofia, de Rubião, não quis fitar, está assaz alto para discernir entre nobres e plebeus, alunos e doutores, mortais e imortais.

Ady Carnevalli

RESUMO

Esta pesquisa busca compreender o papel exercido pelos *blogs* e seu potencial para viabilizar práticas democráticas, como produção de conteúdo, procedimentos deliberativos e poder de influência sobre a formulação de políticas públicas. A *Blogosfera* poderia se transformar em um veículo de mídia, alternativo e independente? Seria uma espécie de *small media* (mídia dos pequenos), capaz de contrapor-se ao padrão imposto pela imprensa tradicional, a ponto de ser considerada o contra-poder do quarto poder? Ou, por outro lado, estaria sendo já em suas raízes absorvida pelos meios hegemônicos? Para responder a tais proposições, desenvolve-se uma cartografia de categorias principais de *blogs* que tratam de temas políticos no Brasil. Aspectos como mimesis e convergência de fluxos são confrontados às características rizomáticas da rede e da própria *Blogosfera*, para traçar um diagnóstico da situação atual e das possibilidades de alcance dessa nova ferramenta virtual.

ABSTRACT

This research aims at understanding the role played by blogs and their potential to get democratic practices viable as content output, decision-making procedures, and shaping power over public policy planning. Could the Blogosphere turn into an alternative and independent communication medium? In this case, would it be a kind of small medium able to counterbalance the prevailing pattern imposed by traditional mass media to the point of coming to be considered the Fourth-power's anti-power? Or else would it have already been drawn by the all-encompassing media? In order to address these questions, this study unfolds a cartography of blog main categories which deals with political issues in Brazil. Aspects of mimesis and converging flows are confronted with the very Blogosphere and the net randomized features so as to offer a diagnosis of the current situation and the range capability of this new virtual tool.

*Encontrar aberta a cancela do sítio me perturba.
Penso nos portões dos condomínios e, por um instante,
aquela cancela escancarada é mais impenetrável. Sinto
que, ao cruzar a cancela, não estarei entrando em algum
lugar, mas saindo de todos os outros.*

(Estorvo – Chico Buarque de Hollanda)

INTRODUÇÃO

A POLÍTICA E AS NOVAS TICs

“Assim como aqueles que desenham a paisagem e se colocam nas baixadas para apreender melhor a natureza dos montes e os acontecimentos das alturas, e se colocam no alto para ver o que se passa embaixo, assim também para conhecer o caráter do povo é preciso ser príncipe e para entender o príncipe é preciso ser do povo.”

(O Príncipe – Maquiavel)

O príncipe, esse ator político descrito por Nicolau Maquiavel, é o beneficiário do uso pró-ativo das armas da informação, do marketing político e da interação. Arsenal talvez fundamental ou com importância anterior ao controle dos exércitos propriamente ditos. A necessidade de domínio dos meandros da comunicação para manter-se no poder ilumina, a ponto de ofuscar a visão dos ingênuos, as entrelinhas de cada um dos simples mandamentos eternos para o sucesso dos governantes. O administrador deve buscar informações necessárias em fontes isentas para tentar agir com prudência e tornar sábios os conselhos recebidos. Esta lógica invertida¹ presume liberdade de expressão e confere *status* aos conselheiros, sem, no entanto, subtrair o controle da situação ao monarca.

O opúsculo, anunciado pelo autor no remoto ano de 1513, “aproxima os príncipes dos deuses e dos demônios”.² Por vezes, a distinção é impossível. Para Maquiavel, não raro, os homens se levantam contra os que governam para descobrirem, mais tarde, que a mudança foi para pior. As informações que se fazem circular entre o alto dos vales e as planícies são capazes de definir destinos e influem decisivamente na distribuição do bem e do mal. A interpretação dos

¹ Para Maquiavel, “os conselhos sábios, de onde quer que venham, são devidos necessariamente à prudência do príncipe; e esta não é devida aos bons conselhos recebidos”. (Maquiavel, 2005: 182).

² Expressão utilizada por José Nivaldo Júnior, no livro *Maquiavel, o Poder – História e Marketing*, onde o autor, além de comparar os príncipes, governantes do século XVI, não só aos governantes públicos, mas aos administradores das empresas e conglomerados privados atuais, faz a aproximação deles com os deuses e os demônios - e ainda com o marketing político (Maquiavel, 2005: 161).

acontecimentos e dos anseios de seu povo, bem como a habilidade em imprimir sua imagem pessoal na consciência coletiva da população por ele governado - ou mesmo dos vizinhos e dos inimigos - pode fazer do príncipe um homem amado, temido ou odiado. Pela responsabilidade em tomar a decisão final, o soberano se sente muitas das vezes solitário; outras, onipotente.

A observação através das lentes de Maquiavel mostra não ser mera coincidência o endeusamento e a satanização da comunicação nos tempos modernos, tanto devido às expectativas criadas em relação às novas maneiras pretendentes de interação quanto, na mesma intensidade, às frustrações advindas de tais esperanças. Por estar o sucesso ou o fracasso do administrador ligado diretamente à capacidade em lidar com informações recebidas e mesmo em escolher em quais delas acreditar, “O Príncipe” permanece atual, mesmo quando seus conselhos não são aplicados exclusivamente a monarquias e ditaduras explícitas.

A transposição para as sociedades modernas dos ensinamentos de Maquiavel deveria acrescentar, naturalmente, a atuação dos veículos de mídia como chaves para a análise das decisões dos “príncipes” da modernidade, bem como da arquitetura assumida pelas democracias contemporâneas. Afinal, os *mass media* passaram a ser mediadores da relação entre políticos e população, isto quando não são os próprios “conselheiros” diretos do poder ou mesmo os protagonistas do *status quo*.

No entanto, a ciência política, com raras exceções, continuaria, por praticamente mais cinco séculos após Maquiavel, analisando o tabuleiro apenas pelos movimentos tradicionais das peças, fechando os olhos às novas nuanças que apareciam em seu xadrez. Somente a partir da segunda metade do século XX, um grupo maior de autores, entre os quais John Thompson e Michael Howlett³, passou a incluir a comunicação na teoria política, começando a desfazer o que Luís Felipe

³ Estes estudos são expostos no primeiro capítulo. Thompson identifica uma complexa reorganização dos padrões de interação humana, através do tempo e do espaço, a partir da invenção de novos meios e da expansão da população mundial, uma reorganização que interfere na interpretação da dicotomia público-privado. Já Howlett estuda a ligação entre opinião pública e políticas públicas consolidadas.

Miguel chama de “ponto cego nas teorias da democracia”.⁴ O papel dos veículos e dos conglomerados da mídia, envolvendo até então tevês, rádios, jornais e revistas, passa a ser considerado como ponto de partida e de referência para a nova ciência política, agora associada à sociologia da comunicação. Tal junção promove o resgate das teorias que abarcam avaliações de emissão e recepção de mensagens, pesquisas sobre a formação da opinião pública e a sua capacidade de pressão, além de estudos dos canais de participação da população nas decisões políticas dos regimes democráticos e da influência das empresas e dos tipos de meios de comunicação nos debates sobre questões públicas.

Uma nova revolução, porém, transforma tempo e espaço, embaralha as peças e cria novas perspectivas de interação e de conflitos entre todos os setores da sociedade. Proporciona inédita liberdade para a criatividade e a expressão dos indivíduos e, ao mesmo tempo, ativa formas de controle sobre os mesmos. As novas tecnologias de informação e comunicação (TICs)⁵, cuja maior expressão é a internet, impõem mudanças radicais nas relações sociais. Os intervalos entre as novidades não mais acompanham a transição de gerações humanas. A efemeridade de quase tudo não espera sequer a alteração entre faixas etárias.

O homem contemporâneo é permanentemente atraído, seduzido ou mesmo forçado a entrar em lugares que, pródigos em concentrar a realidade, podem funcionar também como pontos de fuga a ela. Por outro lado, as “porteiças” abertas pelas novas tecnologias, por vezes, inibem quem vislumbra seu horizonte. Nasce um mundo digital, desterritorializado dentro de seus próprios endereços e infinito em seu tempo real. Um meio privado, porém público, público, mas pessoal.

As TICs permitem contatos cibernéticos globais, mas, ao mesmo tempo, reúnem individualizando, criam léxicos particulares, subversões das línguas nacionais, e geram possibilidades, no campo virtual, de uma espécie de democracia imaterial e da manifestação de pensamentos e aspirações, por vezes (auto)-reprimidos pelas censuras morais e éticas.

⁴ No artigo “O ponto cego nas teorias da democracia”, Miguel aponta falhas que custam a efetividade das teorias democráticas. Uma delas, segundo ele, está na pressuposição de que a concorrência mercadológica por si só controlaria a qualidade das notícias veiculadas (Miguel, 2000: 57).

⁵ As novas tecnologias de informação e comunicação são representadas, neste estudo, pela abreviatura TICs.

O “tudo ao mesmo tempo agora” modifica as relações entre os homens em suas micros e macroestruturas. Os produtos proporcionados pelas tecnologias de informação transformam-se, por um lado, em lugares de geração potencial de sociabilidade e de participação política ampliada, e, por outro, em reprodução virtual de desigualdades reais e de disputas individuais ou de grupos, munidas de ideologias legítimas, de perigosos preconceitos repaginados ou mesmo de meras vaidades adolescentes. Porém, para além do rastro de um volume grande de lixo cibernético, que envolve *apartheid* e futilidades, travam-se batalhas entre conglomerados multinacionais, tendo no comando “príncipes” do capitalismo ou sociedades anônimas de “nobres” em busca não apenas do controle da informação, mas do domínio da opinião, o que eleva as TICs de simples ferramentas a parte integrante da construção da cultura contemporânea, onde o efêmero e o descartável se conjugam no encontro exato do espaço e do tempo de um presente quase perfeito.

Ao avaliar a corrida incessante para a instantaneidade dos fatos, com repercussões tão duradouras quanto uma bola de sabão, Jean Baudrillard, em “A Ilusão Vital”, classifica o “tempo real” como o ponto de desaparecimento do próprio tempo, porque um tempo perfeito, afirma, não tem memória nem futuro. Nas suas palavras, o “real” está desaparecendo não por causa de sua ausência, mas, pelo contrário, porque existe realidade demais.⁶ A afirmação de Baudrillard é tão radical quanto questionável, pois parece conter o anseio pela destruição do tempo como um todo, tempo a que o próprio homem decide se prender a partir de sua consciência das horas e das estações. No entanto, a procedência se dá nas considerações de que as mudanças trazem apocalíptico ineditismo nas relações espaço-temporais.

As TICs inauguram um cenário diferente: a criação de canais de mídia, ou seja, canais de longo alcance potencial não apenas para aqueles com condições de patrocinar altos investimentos, mas para qualquer indivíduo, grupo social ou organização civil que consiga ter facilitado o acesso aos meios tecnológicos. O

⁶ Segundo Baudrillard, “nos movemos para um mundo onde tudo que existe apenas como idéia, sonho, fantasia ou utopia será erradicado, porque tudo será imediatamente realizado”. Perderia-se, portanto, a ilusão como condição para a vida. A humanidade, nesse sentido, “caminharia para o encontro com a realidade, a verdade absoluta, o outro nome que se dá para a morte” (Baudrillard, 2001: 72).

webcentrismo⁷ invade empresas, departamentos públicos e residências, além de construir comunidades transnacionais, mas parece estar ainda vivendo seu *big-bang*, envolto na nebulosidade de suas perspectivas, principalmente de interatividade e democracia. José Einsenberg não hesita em afirmar que o quadro ainda é “obscuro e indefinido”, mesmo havendo alguns experimentos sobre o uso das novas tecnologias de comunicação para finalidades políticas e de democratização das sociedades contemporâneas. Ao provocar os cientistas sociais na defesa da necessidade de uma linha pragmática de estudo sobre a rede mundial de computadores, o autor, em 2002, pondera ser talvez ainda cedo para tentar formular, por exemplo, uma teoria política da internet, mas, irônico, profecia que “amanhã pode ser tarde demais”. (Einsenberg, 2002: 492-3).

O tema provoca a construção de novas categorias de pesquisa tanto na sociologia quanto no campo antropológico. A etnografia tradicional é a base, na medida em que, conforme descrevem Sandra Montardo e Liliana Passerino, representa a metodologia de pesquisa originária da antropologia e intimamente relacionada com o conceito de cultura. Desta forma, para o etnógrafo, “a observação direta, participante e crítica seria a melhor técnica a ser utilizada, de forma a conseguir dados que representem a concepção de mundo dos grupos estudados (Montardo e Passerino, 2006: 04)”. No entanto, esta metodologia sofre adaptações para a avaliação dos acontecimentos desenvolvidos no mundo virtual, considerados objetos e sujeitos de transformações sociais. O novo campo de pesquisa inspira a *netnografia* e/ou “*cartografia da net*”, que consiste(m) em estudos baseados na observação, contendo ou não entrevistas com participantes do meio estudado, e descrição de *sites* e grupos de discussão, os *chats*, mantidos por entidades civis representativas, governamentais, da iniciativa privada ou “individuais”.⁸

⁷ Durante a exposição dos argumentos nesta dissertação, alguns termos e expressões consideradas importantes para a compreensão do tema, serão negritados. O termo **webcentrismo** busca aqui descrever, de forma sintética, o fato de as relações contemporâneas, sejam elas interpessoais, sociais, econômicas ou políticas, estarem organizadas através dos meios tecnológicos de comunicação, em especial, da internet. A web, neste caso, seria o ponto centralizador das informações e das relações desenvolvidas em torno e a partir delas.

⁸ O último domínio aparece entre aspas porque mesmo os *sites* mantidos por um indivíduo estão hospedados em provedor externo, privado ou público, e não se encontram, portanto, nas mãos apenas de uma pessoa.

A netnografia aplicada ao estudo dos blogs apresenta como possibilidades a exploração da comunicação multimídia, permitindo, contar com dados coletados em texto, áudio e vídeo, recursos que podem enriquecer a observação dos estudos etnográficos tradicionais. Há também outras possibilidades quanto ao uso da netnografia para a pesquisa em blogs, a saber: 1) facilidade de busca e coleta de dados; 2) amplitude da coleta e do armazenamento (no tempo e no espaço); 3) desdobramento da pesquisa com rapidez (Montardo e Passerino, 2006: 08).

Não é ousadia dizer que o “amanhã”, de Einsenberg, está se tornando “ontem” ou, no mínimo, “hoje”. Enquanto a Web 3.0⁹ deixa de ser sonho ou delírio, novas linhas de estudo de comunicação e de política incluem a análise do uso e da influência das redes sociotécnicas. É bem verdade que a internet não perde as características básicas, mas a revolução continua a acontecer. A evolução e a disponibilização das técnicas de criação e manutenção de materiais virtuais dão margem a novas possibilidades, intensificando seu potencial de fomentar a sociabilidade, a comunicação e a própria interferência individual nas questões públicas. Saltos importantes acontecem e os hábitos mudam em poucos cliques.

Do *Pager*¹⁰ à implantação da TV digital no Brasil, passando pelo acesso à internet através dos aparelhos celulares, são apenas dez anos. Mesmo considerando a hipótese de que a internet tenha se naturalizado, conforme alguns teóricos começam a sugerir, a sua permanente análise não pode ser descartada. Sem contar o fato de que os produtos por ela abrigados e a partir de suas técnicas e estrutura constituídos são novos fenômenos a serem estudados, seja pelas áreas de sociologia, antropologia e comunicação, seja por outras, como psicologia e direito. Analisar um desses derivados é o que este trabalho pretende.

⁹ A Web 1.0 representa a fase de implantação e popularização da internet. A 2.0, o atual estágio, baseado em mecanismos de busca e em sites colaborativos, isto é, que recebem colaborações espontâneas dos internautas. Já a Web 3.0 é apontada como a terceira onda do meio virtual, e prevê a organização e o uso, de maneira mais inteligente, de todo o conhecimento já disponível na rede. Ela está ligada ao aperfeiçoamento do funcionamento dos chamados “agentes inteligentes”, que serão abordados no capítulo 2.

¹⁰ Em 1998, a coqueluche, no Brasil, é o *Pager*, um aparelho conectado a uma central telefônica, para onde as pessoas ligam, falam com uma telefonista e ditam um recado que, de forma fantástica, vai parar na telinha do aparelho do destinatário, ao custo mensal de R\$ 32. Celular e computador custam caro demais e a internet é praticamente inacessível. É uma vida sem *ring tones*, Google e sequer Orkut ou Msn.

A idéia inicial da pesquisa surge na tentativa de relacionar as possibilidades democratizantes da internet e das TICs com o papel exercido pelos veículos tradicionais e pelas esferas políticas oficiais de debates públicos, como o Congresso Nacional. No entanto, os dilemas passam a ser delimitar o objeto de estudo e traçar perguntas objetivas e considerações consistentes sobre o tema. A partir de revisão bibliográfica de teorias da democracia e da comunicação e da descoberta de uma novíssima linha de pesquisa multidisciplinar, envolvendo as áreas citadas e também a de informática¹¹, o objeto torna-se claro, bem como as questões a ele relacionadas.

A proliferação dos *weblogs* - ou *blogs*¹² - na internet, bem como a sua evolução, profissionalização e incorporação pelos grandes conglomerados de informação, já têm iniciada no campo científico, com destaque importante para a academia brasileira, a construção de linhas teóricas específicas. O estudo dos *blogs* é desenvolvido nos ramos da cultura e do comportamento social, mas também nas áreas de política e de comunicação, a partir do potencial de interferência nas decisões políticas e na própria pauta de debates imposta à população.

A partir de 2002, quando as ferramentas de criação e de manutenção dos *blogs* são colocadas à disposição dos leigos, o número de *sites* pessoais passa, em três anos, a ser 60 vezes maior. Hoje, a média, no planeta, chega a 175 mil novos *blogs* criados por dia. O Brasil tem o quinto maior grupo de leitores de *blogs* do mundo e é o terceiro com maior número de *blogueiros*.¹³ Diante de tais estatísticas e perspectivas, o interesse pelo estudo dos *blogs* nacionais suscita importantes discussões, relacionadas não apenas à possibilidade de criação de uma mídia alternativa, mas à sua utilização como base para debates públicos que resultem em benefícios para a sociedade.

Há correntes que falam em nova esfera pública, contra-esfera pública ou mesmo na manifestação de uma espécie de “comunismo virtual”. Outras que enxergam os *blogs* como uma “*small media*” ou “*small voice*” (mídia pequena ou voz dos

¹¹ Talvez se possa falar em “informática social”, na medida em que a tecnologia está voltada para criar o ambiente de interação entre pessoas, através das máquinas, e não puramente entre máquinas.

¹² *Weblogs* são páginas pessoais na internet. O termo *Weblog* foi criado a partir da junção de duas palavras inglesas, com *web* referindo-se à rede e *log* a registro e conexão. As características principais dos *weblogs* estão descritas no capítulo 2.

¹³ Os números completos estão dispostos no capítulo 2 desta dissertação.

pequenos). A *small media* é ainda apontada como o contra-poder do quarto poder. Em termos de laços relacionais, a redefinição de tempo e de espaço, provocada pelas inovações tecnológicas, e a chamada convergência dos meios são novas discussões, já que a comunicação, no início face a face, vive experiências inéditas após uma seqüência de revoluções com intervalos maiores entre uma e outra.

Com a internet nos celulares, os usuários não se deslocam até a rede, mas a rede se desloca até o usuário, criando, em velocidade cada vez mais espantosa, duas novas classes sociais: a dos conectados e a dos desconectados. Outra questão diz respeito ao alcance da rede, pois estudos vêm demonstrando uma convergência de fluxos, ou seja, ao invés de a rede ser infinita, sendo ligada por milhares de laços em iguais condições e sem núcleos específicos, é observado justamente o oposto. Existiriam laços sociais e relacionais mais fortes que outros, devido a parcerias entre comunidades virtuais, envolvendo estruturas profissionais e amadoras.

A *Blogosfera*¹⁴ é um quebra-cabeças de mais ou menos 200 milhões de peças *on line*¹⁵, cuja série infinita de combinações não pode ser conferida no manual de instruções, pois não existe este manual. As figuras a serem formadas não são previstas, de forma *a priori*, pelo jogo, mas dependem essencialmente da habilidade dos jogadores. Para o pesquisador, a ambição não deve ser desvendar todas as combinações e derivações, o que seria impossível, mas tentar ao menos tatear figuras que possam acrescentar fatos e idéias novas sobre o assunto. A esta dissertação interessa, em especial, a análise de *blogs* brasileiros que abrangem temas políticos. Pretende-se uma netnografia de aspectos de forma e de conteúdo, bem como dos *links* estabelecidos no espaço virtual, e da relação com outros meios de informação e com o próprio meio político.

Há pelo menos duas perguntas principais, ambas sem a pretensão de respostas incontestes, mas que buscam se inserir nos debates relacionados a esta linha de pesquisa. A primeira, que talvez tenha sido o embrião deste estudo, parte da

¹⁴ *Blogosfera* é o termo que vem sendo utilizado para definir o espaço ocupado pelos *blogs* no ambiente virtual da internet.

¹⁵ De acordo com pesquisa divulgada em 2007, pela Intel, são 170 milhões de *blogueiros* em todo o mundo. A pesquisa foi realizada com 10 mil pessoas, representando estatisticamente 75% dos 532 milhões de usuários de internet no mundo, entre o final de 2006 e o início de 2007, em 21 países. Os resultados da pesquisa estão dispostos em http://wnews.uol.com.br/site/noticias/materia.php?id_secao=1&id_conteudo=8570.

seguinte indagação: Quem pauta quem? No entanto, a tentativa de respondê-la cairia na armadilha de buscar onde teria sido publicada ou veiculada primeiro determinada notícia, dando sempre margem a vorazes contestações. Evolui-se para uma questão mais abrangente: Como as pautas midiática e política se reproduzem na sociedade a partir do momento em que a produção de informação não está mais circunscrita às empresas de comunicação de massa? Ainda dentro dessa questão, são perguntas persistentes: A internet transforma a lógica da imposição da agenda de debates públicos? E mais: Os assuntos debatidos nos *blogs* mais acessados constituem realmente uma pauta alternativa àquela imposta pelos veículos da(s) grande(s) mídia(s)¹⁶ ou seguem a mesma pauta, mesmo quando a leitura é diferente e discordante em relação a determinado tema?

Discute-se aqui, de forma prioritária, não simplesmente a capacidade de argumentação e de interpretação dos usuários, embora este assunto não seja ignorado, mas a habilidade dos *blogueiros* em tirar da opacidade as pautas não iluminadas de determinados públicos, para os quais os veículos tradicionais atuam com cegos holofotes, gravadores surdos e microfones mudos. É certo que as respostas à primeira questão provocam perguntas derivadas: Os *blogs* que abordam assuntos políticos representam que tipo de papel hoje no país, e para onde podem caminhar, pensando sempre no sentido de ações democratizantes? Seriam eles uma espécie de esfera pública? Qual? Ou teriam papel de vigilância das ações dos governantes e dos veículos de comunicação tradicionais? Ou mais ainda, representariam o resgate da opinião pública?

O capítulo 1 – Esferas públicas, redes e convergências – é dedicado aos aspectos teóricos relacionados às várias transições observadas da comunidade tradicional à sociedade em rede, envolvendo a evolução dos conceitos de público, de privado e de esfera pública, a relação entre opinião pública e o processo de efetivação de políticas, bem como o quadro imposto pela chamada convergência das mídias. Esta parte teórica é dividida em quatro seções. Na primeira, além da abordagem, a partir da obra de Ferdinand Tönnies, que delinea a oposição entre comunidade e

¹⁶ As palavras estão grafadas no singular, mas com possibilidade de plural, porque há uma linha de estudiosos que discordam da referência a todos os meios de comunicação no singular “mídia”, com o argumento de que são distintos e, por isso, deveriam ser chamados de “mídias”. Esta discussão está no capítulo 1.

sociedade, discute-se o conceito de esfera pública, com base em Jürgen Habermas, e de conversação civil, recuperando a visão de Gabriel Tarde. A conjugação de tais proposições acerca de comunidade, de esfera pública e de conversação civil são alicerces importantes para a compreensão dos mecanismos de participação política efetiva ou mesmo das expectativas em torno da construção de uma ou de várias esferas públicas consistentes que se façam legitimar nas sociedades modernas.

A segunda seção traz a abordagem da evolução dos conceitos de espaços público e privado, da capacidade efetiva de influência da opinião pública nas decisões políticas e da interferência dos veículos de comunicação na pauta dos debates sociais. São base os autores John Thompson e Michael Howlett, expoentes da nova geração de sociólogos com trabalhos voltados para o estudo da relação entre sociedade civil e implantação de políticas, e Luís Felipe Miguel, estudioso do papel da comunicação no jogo político, no Brasil.

Em seguida, busca-se conjugar os conceitos históricos expostos nas seções iniciais com a realidade imposta pelas novas TICs. As questões principais estão em situar comunidade, esfera pública e opinião pública no âmbito virtual, bem como descrever os argumentos que se acrescentam ao novo cenário das relações interconectadas, como de contra-esfera pública, esfera pública autônoma e conversação. Os autores dedicados ao estudo da rede mundial de computadores, como Howard Rheingold, Paulo Vaz, Janet Murray, Francisco Marques e Alex Primo estão aqui relacionados.

As características que cercam as TICs, em especial, a internet, como a formação das redes e as interações como fluxos informacionais, estão conjugadas na quarta seção, que ainda aborda os impactos sentidos pela sociedade contemporânea em relação às novas mudanças tecnológicas não apenas na área da comunicação, mas em toda a distribuição de poder, nas relações de trabalho e na liberdade de criação e de expressão. A discussão é conduzida a partir dos argumentos de Manuel Castells, Richard Sennett, Paulo Vaz e Gilberto Salgado.

O capítulo 2 – *A Blogosfera e a Blogomídia* – pode ser definido entre uma parte que aborda o histórico, as estatísticas e a construção de uma linha de estudos teóricos sobre *blogs*, e uma segunda, a netnografia propriamente dita dos *blogs*

escolhidos para a observação. O capítulo é dividido em três seções. Na primeira, apresenta uma síntese das expectativas teóricas positivas em relação à *Blogosfera*, devido à possibilidade de descentralização da produção do conteúdo, ao acesso às fontes originais, à liberdade autoral e a um modelo alternativo à produção padrão do jornalismo. Inclui a história da evolução dos *sites* pessoais, o potencial de influência política e comercial, com exemplos reais, e ainda as taxionomias já formuladas no Brasil para o estudo dos *blogs*. Raquel Recuero, Alessandra Aldé e Francisco Coelho dos Santos sustentam a apresentação.

Na segunda seção, são descritos os *blogs* escolhidos para análise nesta dissertação, os critérios para tais escolhas e a classificação elaborada para a observação. São expostas ainda as considerações gerais e específicas da *Blogosfera* política e de cada *blog* e/ou grupo de *blogs* em relação aos demais, levando em conta aspectos de forma, de conteúdo e de *linkagens*. Steven Johnson e Henrique Antoun são referências. Já a última seção é dedicada a explicar o conceito de *Blogomídia*, cunhado neste trabalho, além de promover um debate sobre comunicação vertical, comunicação horizontal, mimetismo e circularidade da informação nas sociedades contemporâneas. Nesta seção, recorre-se aos clássicos Platão, Aristóteles e Erick Auerbach, bem como aos contemporâneos Richard Dawkins e Raquel Recuero, entre outros.

O terceiro e último capítulo é dedicado às considerações finais, com ênfase para a velocidade das mudanças e as suas conseqüências, como desigualdades acentuadas, as perspectivas em relação à evolução das novas tecnologias digitais e seu potencial para o uso político democrático, a atuação dos movimentos sociais, o lado positivo do estado de caos proporcionado pelas novas TICs, e a inevitável, perigosa e prazerosa relação entre o homem e a máquina. Acrescenta ainda discussão proposta sobre a revolução cultural, a terceira a ser alcançada pelas sociedades modernas. Dominique Wolton, Henrique Antoun, Fernando Dalmonte e Gilberto Salgado guiam os argumentos.

A metodologia da pesquisa pode ser classificada como qualitativa, em relação à forma de abordagem, e exploratória, quanto aos seus objetivos. É qualitativa porque o processo e seus significados são os focos principais, considerando uma relação

dinâmica entre o mundo real e o sujeito, ou seja, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, que não pode ser traduzido por completo em números. É exploratória, por visar proporcionar maior familiaridade com o tema, ainda novo nas ciências sociais, e buscar a construção de hipóteses viáveis, envolvendo levantamento bibliográfico, observação de variáveis em objeto e categorias especificamente delimitadas, além de ter como procedimento técnico o estudo de casos. O objetivo é chegar, por este caminho, a uma análise mais clara do papel da internet, através dos *blogs*, nas relações de poder e, conseqüentemente, dos movimentos de ajustes e de mutações das interações ocorridas no ulterior de uma possível nova esfera pública.

Como já dito, o objeto de análise pertence a um quebra-cabeças de 200 milhões de peças. Por isso, não faltam lacunas, seja pela questão prática da delimitação de espaço e do próprio tempo para a confecção desta pesquisa, conjugação que exige escolhas, seja pela bibliografia incipiente sobre *blogs*, ou mesmo pelas próprias limitações acadêmicas do pesquisador. De antemão, poder-se-ia questionar o porquê da escolha dos *blogs* que tratam declaradamente de política, sendo que as discussões sobre temas públicos podem acontecer em todos os campos, do esporte à cultura. A necessidade de um recorte objetivo direciona tal opção como um passo inicial, não impedindo – muito pelo contrário – que trabalhos futuros do mesmo autor ou de outros avaliem o potencial de interferência política contido em *sites* pessoais de outras categorias.

A própria definição dos *blogs* de referência para a netnografia pode suscitar questionamentos. No entanto, tem como base os que aparecem entre os mais acessados – ou mais *linkados* – em seis mecanismos de organização de *rankings* na internet, um critério que, se não é exato, procura ser honesto. Esta pesquisa pode provocar a leitura de que a dissertação esteja fundando alicerces de uma teoria crítica da *Blogosfera*, caminhando inclusive para o pessimismo, devido, em alguns momentos, indicar frustrações em relação ao objeto de estudo.¹⁷ Na verdade, busca-se aqui retratar uma interpretação do momento atual vivido, no Brasil, pelos *blogs*

¹⁷ Este tipo de interpretação foi levantado durante pré-exposição da pesquisa na disciplina Dissertação II, do Mestrado em Ciências Sociais, da UFJF, debate que trouxe ricas colaborações ao trabalho.

que tratam de temas políticos e pela *Blogosfera* de uma forma geral. Zaratustra ensina que “é preciso saber o que se quer, e se se quer”¹⁸. Até mesmo para vislumbrar horizontes mais agradáveis e, quem sabe, chegar ao pote de ouro ao final do arco-íris, é preciso saber também onde se está. No caso deste estudo, o objetivo é justamente antever os riscos, ou mesmo diagnosticá-los, sem perder a expectativa de que tanto as TICs recentes quanto as próximas gerações de tecnologias inéditas possam tornar-se sábias - para o bem público - a partir da habilidade de seus multiplicados “príncipes”. E a esperança em nada está ligada ao pessimismo. Se a leitura desta conseguir provocar não a simples concordância ou a discordância seca e deselegante, mas novos questionamentos, críticas construtivas e sugestões bem intencionadas, a empreitada já vale a pena.

¹⁸ “Assim falou Zaratustra” é considerado o livro “sagrado” do filósofo Friedrich Nietzsche, contendo parábolas, máximas e aforismos para a vida concreta física e não outra, em outro lugar.

Capítulo 1 - ESFERAS PÚBLICAS, REDES E CONVERGÊNCIAS

“As próprias idéias nem sempre conservam o nome do pai, muitas aparecem órfãs, nascidas do nada e de ninguém. Cada um pega delas, verte-as como pode, e vai levá-las à feira, onde todos as têm por suas.”

(Esau e Jacó – Machado de Assis)

O advento das TICs e a sua rápida expansão trazem junto a pretensão de uma sociedade em rede, onde todos os indivíduos, grupos e países são interconectados com o auxílio das máquinas. O espaço virtual ajuda a reatar os laços sociais no campo real, potencializando a solidariedade e a própria participação de todos para a construção do bem-comum. A informação é, finalmente, reconhecida como importante lastro político. A velocidade de produção de conteúdo e de difusão de notícias passa a ser item de extremo valor na balança comercial e social das relações. Portais, *sites* e *blogs* caminham para a formação de comunidades virtuais. As novidades acontecem de minuto a minuto. E, embora o ambiente digital seja uma seqüência de comandos humanos para posterior obediência da máquina, mecanismos como o *mouse*, a tela ou o teclado, no computador, como os controles remotos, nos videogames, fazem os indivíduos introjetarem a sensação de que os equipamentos são extensões de seu próprio corpo. Um toque no *mouse* não significa uma “ordem” a ser executada pela máquina, mas a própria ação. Esta é a ilusão.

Constroem-se “salas” e “espaços reservados” nos *chats*, fóruns de discussão, atalhos. A desterritorialização dos espaços passa a ser reterritorialização. Os limites físicos do mundo real são transportados para a tela do computador. No uso do aparelho celular, não acontece diferente. Mesmo que não seja necessária, a pergunta “Onde você está?” é, em geral, a primeira a ser feita. Todas as representações e as próprias atitudes acontecem no sentido de aproximação entre as pessoas. Formam-se comunidades dentro de uma “sociedade em rede”. Fala-se em nova esfera pública, sem distinção de raça, de cor, de religião.

Mas seria possível simplesmente transportar conceitos como de comunidade, sociedade, rede e esfera pública para o ambiente virtual, situando e adaptando-os aos novos ambientes de interação? As comunidades têm as características que

poderiam fazer jus ao nome? A sociedade encontra-se realmente em rede? Ou seriam redes? Na medida em que os usuários das TICs consomem mais informação, pode-se dizer que estão mais preparados para debater problemas da coletividade, bem como suas próprias angústias pessoais? Pode-se falar em esfera pública? Em contra-esfera pública? As comunidades virtuais, os fóruns de discussão, os *blogs*, teriam potencial para evoluírem para “Cidades-Estados” virtuais? Estão mais ligados à participação ou à vigilância? Em relação à política ou à(s) mídia(s)?

Este capítulo é dedicado à evolução dos conceitos e das interpretações da sociologia sobre as relações individuais e sociais, do modelo de comunidade tradicional às redes possibilitadas pelas novas TICs. Na primeira seção, a partir das obras de Ferdinand Tönnies, Jürgen Habermas e Gabriel Tarde, serão descritos conceitos históricos importantes relativos a comunidades tradicionais, sociedade, esfera pública - ou modelos de esferas públicas – e conversação civil. Já sob as luzes de John Thompson, Michael Howlett e Luís Felipe Miguel, serão discutidos historicamente, na segunda seção, a posição e o papel do privado, do público e da opinião pública, bem como a influência da ação dos veículos de comunicação sobre a pauta dos debates sociais.

Na seção seguinte, os temas abordados nas duas primeiras passam a ser analisados sob a ótica das recentes transformações das possibilidades de comunicação e de interação virtual. Howard Reinghold, Paulo Vaz, Janet Murray, Francisco Marques e Alex Primo, estudiosos das novas tecnologias, iluminam a argumentação. A quarta seção, que encerra o capítulo, avalia a formação da(s) rede(s), os fluxos informacionais e a convergência dos meios, bem como os impactos sentidos em todos os setores da sociedade pela revolução tecnológica da informação e da comunicação. Manuel Castells, Richard Sennett, Paulo Vaz e Gilberto Salgado servem como base.

Pretende-se com estes itens, relacionados à sociologia, à antropologia, à economia e à comunicação, fundamentalmente, construir uma base teórica consistente para a abordagem crítica dos *blogs* de política nacionais. Para isso, busca-se fazer a transposição e a conseqüente adequação, sempre que necessária e possível, de conceitos e noções clássicas a estudos recentes sobre formas de

interação, diálogos, debates e informações sobre a efetiva influência da opinião pública nos processos de definição de ações voltadas para a sociedade.

1.1. Comunidade, sociedade e esfera pública

No século XIX, Ferdinand Tönnies, no livro “Community & Society”, inaugura as noções de “comunidade” (*Gemeinschaft*) e “sociedade” (*Gesellschaft*), considerando os laços de ligação entre os seus membros. Segundo o autor, a comunidade pode ser identificada por três características primordiais: laços sanguíneos, *habitat* comum e unidade de espírito. A consangüinidade é representada pela família, pelo parentesco ou pelo clã. O *habitat* corresponde ao compartilhamento do mesmo espaço físico, mas um lugar de extensão necessariamente reduzida, podendo ser a aldeia, a vila ou a pequena cidade. Já a unidade de espírito, também chamada comunidade de vida mental, cujos exemplos podem ser a religião e a nação, exige cooperação mútua e ações coordenadas com os outros membros para o alcance de metas comuns. Ou seja, uma proximidade intelectual para a busca do consenso, o que só pode ser conseguido através da linguagem. Laços consangüíneos, físicos, religiosos e de comunicação acabam, segundo Tönnies, corroborando para uma associação natural entre os homens. Neste sentido, a interação entre os indivíduos passa pela motivação afetiva.

Já a sociedade, segundo o autor, ergue-se sobre bases opostas, centradas no contrato, na desterritorialização e na opinião pública. O contrato regula a troca de bens materiais e a relação entre “particulares”. Atitudes negativas de um indivíduo para com o outro são permitidas, desde que estejam previstas na legislação, e tornam-se comuns e toleradas. A desterritorialização é simbolizada pelo comércio e pela circulação do dinheiro, além da passagem da agricultura para a indústria. A transição, hoje, para a sociedade da tecnologia da informação, encaixa-se perfeitamente neste conceito, onde o círculo abrange

metrópole, nação e mundo. Já a opinião pública representa o espírito de determinada sociedade, tendo como meio a imprensa. No denso artigo “Comunidade e Mediatização”, Paulo Serra descreve o pensamento de Tönnies:

(...) enquanto a comunidade é essencialmente centrípeta, pelo que os indivíduos permanecem unidos apesar de todos os fatores que tendem a separá-los, a sociedade é essencialmente centrífuga, pelo que os indivíduos permanecem separados apesar de todos os fatores tendentes à sua unificação (Serra, 2006, p.04).

Embora os conceitos pareçam excludentes um do outro, Tönnies, em vários momentos, vê a impossibilidade da existência de uma comunidade ou de uma sociedade em “estado puro”. Por uma lógica simplista, a comunidade seria o primeiro estágio rumo à sociedade. Poderia determinar dois períodos históricos diferentes. No entanto, os dois estados de convivência são encontrados em todas as épocas, incluindo a atual. As sociedades comportam laços comunitários, ao passo que, em toda comunidade, podem ser identificadas tendências para a absorção de características da sociedade.

De acordo com Tönnies, dois princípios aparentemente conflitantes – e ambos verdadeiros – são regentes desta “impureza” nos dois modelos: Para Aristóteles, o homem é um ser social. Já para Thomas Hobbes, o homem é de natureza anti-social. Está no homem a contradição. É, ao mesmo tempo, aristotélico e hobesiano, o que não deixa de ser bom para desde interações individuais até relações entre países. Segundo Serra, tais possibilidades acabam por permitir um olhar diferenciado sobre as nações. Conforme a época e o espírito apresentado por sua população, elas “podem ser mais comunitárias ou mais societárias” (Serra, 2006: 05).

O sentido de comunidade e de solidariedade nas sociedades modernas cada vez mais se liga a laços emocionais, afetivos ou mesmo relacionados a sentimentos e objetivos comuns. A comunidade parte então de um “entendimento compartilhado” entre seus membros. Isto não significa uma constante *a priori* sobre todas as questões. Zygmunt Bauman, no livro

“Comunidade: a busca por segurança no mundo atual” (Bauman, 2003: 98), esclarece que tal entendimento precede acordos e desacordos, funcionando não como linha de chegada, mas como ponto de partida para a busca do consenso, um acordo alcançado por pessoas com opiniões essencialmente diferentes, produto de negociações e compromissos difíceis, de muita disputa e contrariedade.

Antes mesmo da obra de Tönnies, Jean Jacques Rousseau e Charles Montesquieu¹⁹ observam a impossibilidade de recuperar a Polis grega nas sociedades modernas, devido ao crescimento das populações e ao aumento das distâncias territoriais. O Estado deixa de ser pequeno e os cidadãos não conhecem mais os seus conterrâneos com tanta facilidade, inviabilizando a reedição, no sentido macro, da democracia tal qual concebida na Grécia²⁰. Portanto, a Teoria da Vontade Geral, de Rousseau, derivada da busca do consenso entre os cidadãos, e a da democracia possível em pequenas Cidades-Estado, de Montesquieu, o que facilita o encontro e as decisões voltadas para o bem-comum, trazem a ressalva de serem eficazes somente em grupos pouco extensos e com conhecimento mútuo.²¹

Na inexistência de um modelo puro de comunidade nas sociedades modernas, o seu próprio conceito passa por reformulações. Raquel Recuero, em “Comunidades Virtuais – Uma abordagem teórica” (Recuero, 2001: 03) lembra da formulação de Marcos Palácios, quando este observa os elementos que

¹⁹ Os argumentos de Rousseau e de Montesquieu estão expostos nos livros “O Contrato Social” (São Paulo, Martins Fontes) e “O Espírito das Leis” (Brasília, Ed. UNB), respectivamente.

²⁰ A democracia grega presume que todos os cidadãos, à exceção de mulheres e escravos, têm o direito de reunirem-se em espaços públicos para decidirem sobre questões públicas de interesse coletivo.

²¹ As teorias que valorizam a participação política por si mesma e não apenas em situações de exceção, como pleitos eleitorais, envolvem grupos desenvolvimentistas e comunitaristas. De acordo com uma revisão da bibliografia histórica, elaborada por Miguel, em “Um ponto cego nas teorias da democracia” (Miguel, 2000: 58-9), na influência desenvolvimentista, a participação política possui caráter educativo; a virtude cívica é fruto de aprendizado prático, que faz nascer indivíduos mais capazes e competentes. Já para os comunitaristas, a comunidade é fonte de identidade; um direito é reconhecido se serve a um fim moralmente importante. Tais posições estão ligadas à teoria da Vontade Geral, de Rousseau, que trata a sociedade não como uma mera agregação, mas como associação. Daí a importância dada à vontade geral, ao “eu-comum”. Semelhanças guardam com o pensamento de Montesquieu, de cuja teoria deriva a idéia de que a democracia plena é possível em pequenas Cidades-Estado, onde haveria a possibilidade de formação de pequenos fóruns para a discussão face a face dos problemas comuns a todos ou a grupos especificamente atingidos. Patten, Bobbio, Friedland e Castells, além de pensadores como Marx, Mill, Arendt e Habermas constituem os maiores expoentes da corrente participativa. Com argumentos distintos, dirigem suas teorias para a formação dos canais de participação popular com capacidade para interferir nas decisões do poder público.

moldam as comunidades modernas, ligados ao sentimento de pertencimento, à territorialidade, à permanência, à ligação pelo sentimento de comunidade, ao caráter corporativo e à emergência de um projeto comum. Na esteira deste pensamento, Giovana Lucas, em “Ciberespaço e Sociabilidade”, acrescenta que:

O termo comunidade evoluiu de um sentido ideal de família, comunidade rural, passando a integrar um maior conjunto de grupos humanos (...) As comunidades rurais passaram a desaparecer, dando origem às grandes cidades. E, por isso, o conceito clássico de comunidade começa a desaparecer também na prática. Mas isso não quer dizer que tenha “morrido”. Sempre foi possível encontrar nas cidades - onde a organização social predominante é a “sociedade” – nos pequenos bairros, comunidades que possuem as mesmas características citadas. (Lucas, 2005: 41-2).

Em síntese, tais pressupostos indicam a inexistência da *Gemeinschaft* em estado puro, mas não excluem a presença das comunidades no seio das sociedades modernas. Eles levam em conta a capacidade de articulação corporativa e a emergência de projetos comuns de grupos que se fazem reconhecer ou pelo menos buscam tal objetivo. E ainda consideram a aproximação e o entendimento não como pontos de chegada, mas de partida, em busca de consenso, exigindo inúmeras negociações entre pessoas de opiniões diferentes. Insere-se aqui então a discussão sobre esfera pública, essencial para a compreensão da relação entre Estado (esfera política) e sociedade (esfera civil).

Em “Mudança Estrutural da Esfera Pública”, Jürgen Habermas a conceitua como a reunião de um público, formado por pessoas privadas, que constroem uma opinião pública, com base na racionalidade do melhor argumento. No entanto, neste primeiro estudo, as discussões estariam, para o autor, imunes à influência do poder político e econômico, e da ação estratégica. O autor analisa o contexto ligado ao desenvolvimento da sociedade burguesa, na Europa pós-medieval, mas reconhece historicamente outros modelos de esfera pública, como a helênica, a plebéia e a de “representação” pública feudal, que não é política, mas está voltada mais propriamente para a exibição das “virtudes” da nobreza.

Habermas postula que, na esfera pública burguesa, o melhor argumento passa a ser mais importante do que a hierarquia social. Dela, ficam de fora mulheres e empregados, considerados, à época, sem autonomia para decidir racionalmente. A esfera pública, portanto, está atrelada aos donos do capital privado. Mesmo quando os trabalhadores constituem esfera pública própria, as intervenções do Estado são sempre no sentido de conservar o “equilíbrio” do sistema. Na própria produção literária, segundo Habermas, o raciocínio perde lugar para a forma, havendo ainda, para se vender mais, uma aproximação entre fato e ficção. A publicidade, por sua vez, deixa de ser uma forma de controle público do poder, através dos “*mídia*” para ser o instrumento de manipulação de uma opinião - agora “não-pública” - destinatária apenas para aclamar.

O autor, no entanto, aposta na publicidade crítica concorrente da publicidade manipulativa para a construção de uma esfera pública realmente legítima, a partir de conflitos políticos, de movimentos sociais e da iniciativa de grupos marginais inovadores, o que, segundo ele, não eliminaria a ação voltada ao entendimento. Ou seja, a busca por uma esfera pública consistente nas sociedades modernas passaria pela constituição de esferas públicas autônomas – ou de comunidades formadas por indivíduos com interesses afins -, como os movimentos feministas, ecologistas ou regionais. Dessa forma, o pensamento de Habermas se transforma. Em “Direito e Democracia”, o teórico introduz a idéia de rede de comunicação dos espaços públicos políticos, espaços autônomos que teriam como base a sociedade civil. Esta, por sua vez, estaria centrada na solidariedade social e não no Estado ou no mercado.

A esfera pública pode ser descrita como uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de posição e opiniões; nela os fluxos comunicacionais são filtrados e sintetizados, a ponto de se condensarem em opiniões públicas enfeixadas em temas específicos. (...) Em sociedades complexas, a esfera pública forma uma estrutura intermediária que faz a mediação entre o sistema político, de um lado, e os setores privados do mundo da vida e sistemas de ação especializados em termos de funções, de outro lado. Ela representa uma rede supercomplexa que se ramifica espacialmente num sem número de arenas

internacionais, nacionais, regionais, comunais e subculturais, que se sobrepõem umas às outras. (Habermas, 2003: 92 e 107)

Haveria assim uma esfera pública civil - ou várias esferas públicas civis - não deliberativa(s), ou seja, espaços de discussão não diretamente ligados ao plano das decisões parlamentares. Para o autor, não basta perceber e identificar os problemas. A(s) esfera(s) pública(s) “deve(m) tematizá-los, problematizá-los e dramatizá-los, a ponto de serem assumidos e elaborados pelo complexo parlamentar”. A “periferia social”, como Habermas trata o grupo (ou o conjunto de grupos) daqueles que não estão nos cargos administrativos, luta pelos seus interesses diversos, mas, ao mesmo tempo, busca legitimar-se e legitimar seu espaço público de discussão para fazer incluir na pauta dos debates vigentes os seus temas, bem como a sua visão, por vezes alternativa, aos assuntos de interesse coletivo.

Existem atores que podem ser identificados como partidos políticos ou como organizações econômicas, como representantes de grupos profissionais, de associações protetoras dos inquilinos, etc; ao passo que outro tipo de atores tem que produzir primeiro as características que os identificam. Isso pode ser constatado claramente em movimentos sociais que atravessam inicialmente uma fase de auto-identificação e de autolegitimação. (...) As estruturas comunicacionais da esfera pública estão muito mais ligadas aos domínios da vida privada, fazendo com que a periferia, ou seja, a sociedade civil, possua uma sensibilidade maior para os novos problemas, conseguindo captá-los e identificá-los antes que os centros de política. Pode-se comprovar isso através dos grandes temas surgidos nas últimas décadas. (Habermas, 2003: 109 e 115)

O autor descreve três tipos de esferas públicas, diferenciadas por níveis de comunicação, de complexidade organizacional e do alcance. A episódica, onde estão incluídos bares, cafés e encontros na rua; a esfera pública da presença organizada, tendo como exemplos os encontros de pais, públicos que freqüentam o teatro, concertos de rock, reuniões de partidos ou congressos de

igrejas; e a abstrata, produzida pela mídia, alcançando leitores, ouvintes e espectadores singulares e espalhados globalmente. Habermas enfatiza, porém, que, mesmo havendo diferenciações entre os tipos, “as esferas públicas parciais - constituídas através da linguagem comum ordinária - são porosas e permitem uma ligação entre elas”. (Habermas, 2003: 107). Conforme o autor, a esfera pública “é um sistema de alarme, dotado de sensores não especializados, porém sensíveis no âmbito de toda sociedade”. Para os movimentos sociais, é questão de vida ou morte, afirma, a possibilidade de encontrarem formas solidárias de organização e esferas públicas que permitem esgotar e radicalizar direitos e estruturas comunicacionais existentes. (Habermas, 2003:109).

Ao discutir o tema, Francisco Marques, no artigo “Debates políticos na internet: a perspectiva da conversação civil” (Marques, 2006: 168), recupera as proposições de Wilson Gomes. Este sintetiza a compreensão de esfera pública a partir de três ângulos: o debate deliberativo, o debate não-deliberativo e a esfera de exposição ou visibilidade pública. O primeiro tipo é exemplificado através das argumentações apresentadas nas casas parlamentares ou mesmo nos assuntos de um grupo particular, como uma associação de moradores ou acionistas de uma empresa, com o objetivo de definir estratégias e políticas. O segundo funciona, na maioria dos casos, com fins informativos, com a intenção de fornecer aos interessados maior capacidade de reflexão dos prós e dos contras de determinada matéria, ou ainda apenas para mantê-los a par do assunto. O debate não-deliberativo ocorre, geralmente, em situações cotidianas, sem a marca da formalidade. Já o terceiro tipo envolve a esfera de exposição ou visibilidade pública. Nesta forma, não há necessariamente uma realização dialógica entre quem emite e quem recebe determinado conteúdo. Envolve, sobretudo, os *mass media*, pela exposição de materiais acerca do que deverá chegar aos setores deliberativos.²²

²² Ao ratificar a existência de uma esfera pública midiática, Salgado, no artigo “Mídia e Esfera Pública na América Latina”, afirma que “a mídia, ou as mídias, não pertencem apenas ao mercado ou à esfera privada, e até mesmo ao plano íntimo. Seus efeitos ou conseqüências na vida societal são enormes e podem, por isso mesmo, gerar novas formas de sociabilidade, participação e ação social. Ele ainda acrescenta a visão de Barboza Filho, em que esta sociabilidade seria possivelmente facilitada para latinos e ibéricos, “tão calorosos, afetivos e valorizadores das diversas modalidades de interação social” (Salgado, 2006).

Além das taxonomias de Habermas e de Gomes, aplicadas como base para esta argumentação, é interessante verificar mais detalhadamente os traços propostos por Gabriel Tarde para o que ele chama de “conversação civil”. Para clarificar seu pensamento, o autor, no livro “L’Opinion Et La Foule”, faz a distinção entre multidão e público, estritamente relacionada, respectivamente, aos conceitos de comunidade e de sociedade. A comunidade, com suas características marcantes de território, laços consangüíneos, tradição e busca de um bem comum, é o palco da multidão. Em auditórios, praças e feiras, as pessoas estão próximas no espaço físico, em geral se conhecem e compartilham problemas e anseios. De acordo com Tarde, no clã, na tribo ou nas cidades antigas e da idade média, todos se conhecem pessoalmente e, a partir das conversações privadas ou dos discursos dos oradores, não é difícil uma idéia comum se estabelecer nos espíritos, pois, de forma alguma, têm origem impessoal. “Pela mesma razão, ela (a idéia comum) não serve de ligação senão entre as pessoas que, vendo-se e falando-se todos os dias, quase não cometem abusos umas sobre as outras” (Tarde, 1989: 37)²³.

Já o público é mais marcadamente notado nas sociedades modernas, a partir da expansão territorial e populacional, onde as relações não mais envolvem timbre de voz, gestos e personalidades conhecidas. A idéia comum que une os espíritos passa a não contar com uma fisionomia viva, como nas comunidades ou pequenas Cidades-Estado. Segundo Tarde, o público representa a multidão dispersa, em que a influência dos espíritos uns sobre os outros se torna uma ação à distância e a distâncias cada vez maiores. Como os indivíduos estão separados, a coesão passa a ser apenas mental, podendo aumentar de forma contínua em extensões indefinidas. No entanto, apesar das diferenças, multidão e público - na visão de Tarde, o grupo social do passado e o grupo social do futuro - guardam em comum o fato de que a ligação entre os indivíduos se dá na comunhão de idéias e de paixões, deixando “livre jogo a suas diferenças individuais”.

²³ A citações relacionadas a Tarde correspondem à referência eletrônica, explicitada na bibliografia.

(...) eles (os homens) estão sentados, cada um em sua casa, lendo o mesmo jornal e dispersos por um vasto território. Qual é, pois, o laço que existe entre eles? Este laço é, com a simultaneidade da sua convicção ou da sua paixão, a consciência que cada um possui de que esta idéia ou esta vontade é partilhada, no mesmo momento, por um grande número de outros homens. Basta que ele saiba isso, mesmo sem ver esses homens, para que seja influenciado por esses tomados em massa, e não apenas pelo jornalista, inspirador comum que, ele próprio invisível e desconhecido, se torna por isso mesmo mais fascinante (Tarde, 1989: 09).

Estudioso de Tarde, Serra evidencia um paradoxo trazido pelo advento dos meios de comunicação e da imprensa, o que fez do transporte do pensamento à distância mais importante do que o transporte da força. Na base da sugestão à distância, delineada por Tarde, está a sugestão pela proximidade. Primo deixa clara a interpretação de que não é “o prestígio da atualidade” que o jornal veicula o responsável pelo contágio do público, mas sim “o que inspira atualmente um interesse geral, mesmo que seja um fato antigo” (Serra, 2006, p.07). A partir de idéias, palavras, juízos, ações, o indivíduo está sendo doutrinado, desta forma, em condições de ser impressionado pelo olhar do outro, por mais que o outro esteja dele afastado.

Uma diferença fundamental consiste no fato de que o indivíduo da antiga cidade pertence a apenas uma multidão, ao passo que, nas sociedades modernas, pode integrar vários públicos. Assim como, na análise de Habermas, freqüenta esferas públicas distintas. Outra similaridade entre os dois autores está na abordagem do perigo da relação entre o público e os “*mídia*”. Enquanto, para Habermas, a publicidade deixa de ser uma forma de controle público do poder para transformar-se em instrumento de manipulação; para Tarde, existe seleção e adaptação mútua entre público e jornal. O público escolhe o jornal que melhor expressa suas idéias e paixões, ao passo que o jornal utiliza as idéias e paixões do público para o dirigir.

A generalização, paralela à fragmentação dos públicos, é outra característica dos novos tempos. Segundo Tarde, cada ator social, ainda no século XVIII, quer

construir seu público, seu jornal e seus leitores à distância, dando início a uma segmentação incompleta, variável, internacional e de perpétua renovação e penetração mútua. Por mais diversos, os públicos tendem a concordar, porém, em algumas questões que atingem a todos. Esse encontro de vozes díspares para objetivos comuns acaba, segundo o autor, formando a opinião pública, e ganha força política.

No entanto, embora leve em consideração o papel dos veículos de comunicação e das discussões políticas, Tarde vê a “conversação civil” como fundamental para qualquer tipo de mudança. Para o autor, a transformação de opiniões individuais em “opinião social” acontece, sobretudo, devido às conversações privadas. Ele não descarta, porém, influências de elementos de tradição e de razão²⁴, e da atuação da imprensa sobre a formação da posição de cada indivíduo e inclusive da pauta a ser debatida, já que, se ninguém conversasse sobre os jornais, não poderiam suas informações alcançar os espíritos. Para Tarde, porém, é a conversação particular a causa mais profunda da opinião, pois envolve o diálogo sem utilidade direta e imediata, a fala por falar, por prazer, por jogo ou por delicadeza, instaurando entre os homens uma proximidade centrada em atenção espontânea. A conversação civil seria, por assim dizer, o encontro dos indivíduos, ou de cada pequena multidão, constituintes de um ou de vários públicos.

Embora trate a conversação civil como diálogos desprezíveis e não deliberativos, Tarde considera que ela é a engrenagem da evolução do poder, que, por sua vez, depende da evolução da opinião. E a evolução da opinião depende da evolução da conversação, que depende de suas fontes.

É aí que o poder se elabora, enquanto que, nas Câmaras dos deputados e nos seus corredores, o poder usa-se e, freqüentemente, desconsidera-se. (...) Os cafés, os salões, as lojas, quaisquer lugares em que se conversa, são as verdadeiras fábricas do poder. (...) O poder sai daí como a riqueza sai das manufaturas e das fábricas, como a ciência sai dos laboratórios, dos museus e

²⁴ Para Tarde, a razão estaria ligada a juízos pessoais, relativamente racionais, de uma elite que se isola e sai da corrente popular para a estancar ou dirigir. Já a tradição relaciona-se aos hábitos, costumes e leis constituídos por determinada comunidade ao longo de gerações (Serra, 2006: 09).

das bibliotecas, como a fê sai das escolas de catecismo e dos ensinamentos maternos, como a força militar sai das fundições de canhão e dos exercícios de caserna (Tarde, 1989: 64).

Quadro 01: Esferas Públicas e Conversação Civil

Autor	Esfera Pública	Exemplos
Habermas	<ol style="list-style-type: none"> 1. Episódica 2. Presença Organizada 3. Abstrata 	<p>Bares, cafês e encontros nas ruas</p> <p>Encontros de pais, públicos de teatro e concertos de rock</p> <p>Produzida pela mídia. Alcance de leitores, ouvintes e telespectadores singulares e espalhados globalmente</p>
Gomes	<ol style="list-style-type: none"> 1. Debate deliberativo 2. Debate não-deliberativo 3. Esfera de 	<p>Argumentações nas casas parlamentares, associação de moradores ou acionistas de empresas, para definir estratégias e políticas</p> <p>Situações cotidianas, sem a marca da formalidade. Fins informativos.</p> <p>Não há necessariamente</p>

	exposição ou visibilidade pública	realização dialógica entre quem emite e quem recebe a mensagem. Envolve os <i>mass media</i> .
Tarde	Conversação civil	Conversação particular, diálogo sem utilidade direta ou imediata, fala por falar, por prazer, por jogo ou delicadeza

Fontes: Habermas (2003), Marques (2006) e Tarde (1989)

A partir da conversação civil, acende-se potencialmente a pólvora da comunicação horizontal, com alcance ilimitado e uma espécie de poder legítimo, capaz de influir na organização vertical da sociedade. Como os limites entre os espaços públicos e privados estão cada vez mais tênues e os debates mais influenciados pela pauta imposta pelos meios de comunicação, as obras de Thompson, Howlett e Miguel, expostas na seção seguinte, tornam-se esclarecedoras.

1.2. Público, privado e opinião pública

A relação entre espaços públicos e privados e a própria construção da opinião pública, a partir da conjugação destes, compõem repertórios que se complementam nas obras de John Thompson e Michael Howlett. Para descrever a dinâmica dos conceitos de espaços público e privado, Thompson, no livro “A Mídia e a Modernidade”, avalia processos históricos de interação.

Durante a maior parte da história, as interações eram face a face. As tradições orais dependiam, para sobreviver, de um contínuo processo de renovação. Eram, por um lado, abertas, em termos de conteúdo, permitindo, na renovação, uma série de atos criativos, e, por outro, restritas, em termos de alcance geográfico (Thompson, 1998: 77).

A interação face a face é exercida em contexto de co-presença, onde os participantes partilham do mesmo sistema referencial de tempo e de espaço, e a comunicação tem carácter dialógico. A partir do século XV, com o desenvolvimento dos meios de comunicação, acontece não apenas a instituição de novas redes de transmissão de informação, mas uma complexa reorganização dos padrões de interação humana. Os interlocutores não dependem mais do compartilhamento do mesmo ambiente espaço-temporal. A **interação face a face** ganha, conforme Thompson, a companhia das **interações mediada** – pelo uso de algum meio técnico, como papel e fios elétricos – e da **quase mediada** – pelos meios de comunicação de massa, como livros, jornais, rádio e televisão, de carácter monológico.²⁵

Diante desta revolução, a democracia, no sentido de co-presença e participação nas decisões políticas, perde consistência. Assim como as relações individuais passam a ser mediadas e quase mediadas, sem que, com isso, seja excluída a relação face a face, as relações públicas caminham para a forma representativa, embora não excluam por completo a participação, que se dá pelo menos através das eleições, e a própria interação face a face, por exemplo, nas discussões desenvolvidas no palco das assembleias representativas.

²⁵ A **interação quase mediada**, segundo Thompson, implica uma extensa disponibilidade de informação e conteúdo simbólico que se dissemina no espaço e no tempo. Diferencia-se das **interações face a face e mediada** por dois aspectos. Os participantes destas são orientados para outros específicos, sob uma forma dialógica. Já naquela, a quase mediada, as formas simbólicas são produzidas para um número indefinido de receptores potenciais e, por isso, a interação é monológica; o fluxo de comunicação é predominantemente de sentido único. Por tais motivos, o autor prefere classificá-la como um tipo de quase interação, pois ela não tem o grau de reciprocidade interpessoal das outras formas de interação, embora, não obstante, seja interação. A forma mediada, por exemplo, seria aquela desenvolvida por intermédio de cartas e conversas telefônicas, ou seja, pelo uso de um meio técnico, mediando a interação entre duas ou mais pessoas. A quase mediada envolve meios técnicos, mas com outros propósitos, deixando de ser interpessoal, como pelos meios de radiodifusão de sons e de sons e imagens, livros e jornais (Thompson, 1998: 77-82)

A reengenharia do tempo e do espaço consolida as linhas demarcatórias entre estado e sociedade civil, mas, por outro lado, torna tênue a relação entre público e privado. Para Thompson, tais dicotomias têm a ver com a relação entre o domínio do poder político institucionalizado, cada vez mais exercido por um Estado soberano, por um lado, e o domínio da atividade econômica e das relações pessoais, que fogem ao controle direto do poder político. Público, então, passa a significar atividade ou autoridade relativa ao Estado, enquanto privado refere-se às demais atividades. Ao comentar Georg Hegel, Thompson ainda recorre à interpretação do direito, deste filósofo, segundo a qual “a sociedade civil é constituída da esfera de indivíduos privados, organizações e classes reguladas pelo direito civil e formalmente distintas do Estado”.

No entanto, seja pelo avanço do industrialismo do modelo capitalista de produção, a partir do século XIX, seja pela necessidade de reconstituição física e moral da Europa, no período pós 2ª Guerra Mundial, no século XX, os estados assumem papéis cada vez mais intervencionistas, para compensar as conseqüências negativas do crescimento econômico, mas também para evitar o avanço de idéias socialistas.²⁶ De acordo com Thompson:

Entre o público e o privado, organizações intermediárias surgem e prosperam, como instituições não lucrativas de beneficências e caridade, associações de benefícios mútuos, clubes e associações comerciais, partidos políticos e grupos de pressão, que não pertencem ao estado, mas não estão inteiramente dentro do domínio privado (Thompson, 1998: 112).²⁷

Por uma segunda vertente, Thompson ainda lembra de um novo conceito ocidental, para o qual público significa “aberto” ou “acessível ao público”, o que é visível, observável, realizado na frente dos espectadores. Privado seria o

²⁶ A transição é explicada pelas teorias que estudam a formação dos estados de bem-estar social (Welfare States). Estas teorias estão agrupadas de maneira elucidativa por Marta Arretche, no artigo “Emergencia e Desenvolvimento do Welfare State: Teorias Explicativas”.

²⁷ De acordo com o autor, o domínio privado passa a incluir organizações econômicas privadas que visam fins lucrativos, além de uma vasta gama de relações pessoais e familiares. Já o domínio público envolve instituições estatais e paraestatais, corporações legislativas, judiciais, policiais, serviços militares e secretos, serviços sociais e organizações de bem-estar, além de organizações econômicas de propriedade do estado, como as indústrias nacionalizadas e as empresas de utilidade pública (Thompson, 1998: 112).

contrário, o que se esconde da vista dos outros, o que é dito ou feito em privacidade ou segredo ou entre um círculo restrito de pessoas. Tais conexões, descritas por Thompson, são importantes para a leitura da obra de Howlett, na medida em que este questiona o papel da opinião pública, bem como o seu próprio acesso às arenas de faz-de-conta das administrações modernas.

Desde meados do século XX, correntes teóricas se decepcionam com a pouca ligação entre opinião pública e políticas consolidadas. Howlett, no artigo “A Dialética da Opinião Pública”, descarta uma ligação linear, direta e simples entre uma e outra coisa, e usa a expressão “frustração democrática” para basear sua argumentação²⁸. O autor cita ainda a tentativa de Anthony Downs²⁹ de refinar a relação opinião-políticas, ao tocar no ponto sobre o tempo de atenção da opinião pública em questões políticas específicas.

A atenção do público raramente permanece firmemente focada sobre qualquer questão doméstica por muito tempo – mesmo quando envolve um problema de importância crucial para a sociedade. Em vez disso, um “ciclo sistemático de atenção às questões” parece influenciar fortemente as atitudes e comportamento do público em relação à maioria dos problemas domésticos centrais. Cada um surge repentinamente como predominante, assim permanece por algum tempo e – ainda que não resolvido – gradualmente desaparece do centro da atenção pública. (Howlett, 2000: 175)

Mesmo com a versão melhorada, o modelo continuaria sendo de relação direta, apenas atribuindo um caráter cíclico ao processamento de informações pela opinião pública. Segundo Howlett, não esclarece, por exemplo, se é aplicável a todos os problemas políticos ou apenas ao subconjunto de “todos os principais problemas sociais”. Para o autor, os processos das políticas e os processos democráticos são muito mais complexos e se influenciam mutuamente, ou seja, a democracia é mais do que o governo pela multidão.

²⁸ A expressão, cunhada por Joel Brooks, sugere que a frustração resulta de um problema quando o sistema de políticas não reage de maneira apropriada ao sistema democrático (Howlett, 2000: 172).

²⁹ A obra de Downs é intitulada “Uma Teoria Econômica da Democracia” (São Paulo, Edusp).

Para argumentar sobre o que chama de natureza indireta dos efeitos da opinião sobre as políticas, Howlett desagrega a formação de políticas públicas em cinco etapas: identificação do problema pelo governo, desenvolvimento de propostas, escolha de uma opção como solução, implementação da solução e monitoramento dos resultados, respectivamente. Já na primeira subdivisão, na fase de identificação do problema pelo governo, a sua argumentação leva em conta o papel da(s) mídia(s) como formuladora(s) da agenda pública, o que se reflete na própria elaboração de programas de compromissos eleitorais.

Antes de detalhar essa relação, bem como a função das pesquisas de opinião pública, é interessante detalhar a vertente do pensamento de Howlett que trata da burocracia estatal. Para ele, embora se suponha que o processo de formulação de políticas comece com alguma expressão pública, isto nem sempre acontece. “A agenda oficial do governo é usualmente dominada por oportunidades rotineiras ou institucionalizadas mais que por aquelas geradas por eleições ou outras formas de atividade política partidária” (Howlett, 2000: 178).

Por esta razão, se, na primeira etapa, a de identificação do problema pelo governo, a relação direta com a opinião pública não parece consistente, devido à pouca influência do público sobre as decisões tomadas, nas etapas seguintes, o funil torna-se ainda mais estreito à participação popular e, na maioria dos casos, simplesmente se fecha. A limitação se dá devido, segundo Howlett, à natureza técnica de muitas questões que são levantadas politicamente.

(...) o que vem a limitar o papel que poderia ser desempenhado por um público com uma formação generalista. Isso significa que o que é importante no estágio da formulação das políticas não é tanto a opinião pública, ou os mecanismos para a apresentação direta da opinião pública aos formuladores de políticas, como os meios de comunicação, mas a existência de instituições e organizações públicas quase-representativas – como grupos de interesse e partidos políticos – que podem reunir o conhecimento relevante requerido para participar da formulação de políticas. Esses grupos, com seus correspondentes estatais, formam a espinha dorsal dos subsistemas de políticas (Howlett, 2000: 180).

Tal representação indireta, mas que pelo menos teria o valor de inserir a opinião pública dentro do processo, perde consistência na medida em que os grupos que seriam representativos encontram problemas nas tentativas de atingir e de reter o conhecimento técnico especializado, chamado por Anthony Giddens, de “**sistema perito**”³⁰, para legitimarem-se em discussões de tais níveis. Em primeiro lugar, falta capital financeiro para manterem-se como grupos de representação popular, e, em segundo, falta capital de conhecimento para “competirem” com funcionários especializados e permanentes da burocracia estatal.

A conclusão de Howlett é de que o estágio de tomada de decisões em políticas públicas normalmente exclui quase todos os atores não-estatais, assim como os que pertencem a outros ramos do governo, o que conferiria aos líderes políticos extensa influência sobre os resultados das políticas. Isto, porém, não acontece. Conforme o autor, os governos modernos estão engessados por um conjunto de leis e regulamentos internos, fazendo com que o setor político fique à guisa do corpo burocrático do Estado, não raro o ator central em subsistemas de políticas.

A permanência da burocracia e a estabilidade de seus membros também lhe dão uma vantagem sobre seus superiores, o Executivo eleito. Finalmente, o fato de que as deliberações sobre políticas, em sua maior parte, ocorrem em segredo dentro da burocracia, nega a outros atores a oportunidade de preparar uma oposição a seus planos. (...) A burocracia é altamente isolada da pressão pública (Howlett, 2000: 185).

Da segunda à quinta etapa - pela ordem, desenvolvimento de propostas, escolha de uma opção como solução, implementação da solução e monitoramento dos resultados -, o sentido de “público”, lembrado por Thompson, não é aplicado. Muito pelo contrário, como demonstrou Howlett, o próprio Estado torna o processo algo privado, escondido, invisível, fechado, não

³⁰ Giddens desenvolve a noção de “sistema perito” no livro “O Estado Nação e a Violência” (São Paulo, Edusp).

acessível, o que dá margem a um fenômeno cada vez mais presente na sociedade contemporânea: o escândalo. No livro “O escândalo político”, Thompson demonstra que, no sentido moderno do termo, o escândalo se refere justamente “a ações ou acontecimentos que implicam certos tipos de transgressões que se tornam conhecidos de outros e que são suficientemente sérios para provocar uma resposta pública” (Thompson, 2002: 40).

Se se considerar que a imprensa tradicional, que tem assumido para si, pelo menos na propaganda sobre suas virtudes, a posição de “fiscalizadora” de tudo e de porta-voz da opinião pública, mostra-se cada vez mais despreparada para lidar com questões que exigem um conhecimento técnico apurado³¹, não é difícil compreender a opção por uma linha de denúncias – algumas das vezes, denunciismo – que abarca os veículos tradicionais e incita o público a exigir sempre mais “investigação” em busca de um resultado final sempre embalado em forma de escândalo. Na esfera política, o escândalo é explicado por Thompson como o ponto de intersecção entre a lógica do poder, que, por natureza, é privada, secreta e excludente, e a lógica do processo devido, este entendido como regras e procedimentos legalmente obrigatórios que governam o exercício do poder político. Estas regras, por sua vez, são de natureza pública, aberta e universal. O autor ainda aponta que, devido ao declínio da política ideológica, emerge a questão da credibilidade dos líderes políticos. Para Thompson, “quanto mais a vida política se orienta para o caráter e a confiança, tanto mais importância dá-se às ocasiões em que a confiabilidade dos líderes é posta em xeque” (Thompson, 2002: 147).³²

Dessa forma, o papel dos veículos de imprensa acaba sendo o de dominar o controle sobre a visibilidade e a opacidade de determinados temas e das próprias intersecções deste tipo. As coberturas jornalísticas, conforme Howlett, não

³¹ As redações, a partir de orientações dos seus próprios diretores, estão cada vez mais povoadas por “focas”, jornalistas muito jovens e sem experiência, enquanto os mais qualificados buscam novos horizontes, seja devido às frustrações impostas pela estrutura aliada ao poder, a oportunidades de salários melhores em outras áreas ou mesmo ao seu descarte, por estas empresas, sob a alegação de que, depois de alguns anos de profissão, já não atendem ao perfil esperado por elas.

³² A compreensão das noções de escândalo político, expostas por Thompson, fazem-se importantes para entender o “boom” dos blogs de política no Brasil, em 2005, durante denúncias de corrupção no Congresso Nacional. Esta explosão da blogosfera política nacional está detalhada no capítulo 2.

apenas aumentam as percepções públicas sobre várias questões, como as constrói, definindo o seu caráter. Este potencial é abordado por Miguel, que, ao avaliar a confluência das duas mediações feitas pela(s) mídia(s) – entre o cidadão e o mundo e entre o cidadão e o político – observa a sua capacidade de determinar a agenda pública, segundo ele, “o conjunto de questões às quais o público está atento, sobre os quais líderes se posicionam e para os quais funcionários públicos devem apresentar soluções”. Assim, os próprios agentes políticos pautam sua ação por critérios de noticiabilidade e passam a introjetar normas próprias do jornalismo às suas ações.³³ Como consequência, o conteúdo do discurso acaba fragmentado.

Para além do escândalo propriamente dito, a imprensa ainda domina outros recursos de maior sutileza para iluminar ou ofuscar determinados temas. No artigo “A Eleição Visível: A Rede Globo descobre a política em 2002”, Luís Felipe Miguel relembra, como exemplo, as eleições presidenciais de 2002, quando Fernando Henrique Cardoso, por já estar no término do segundo mandato, não poderia ser reeleito. A Globo, maestrina da(s) mídia(s), passa, observa o autor, a cobrar dos candidatos o compromisso de cumprir todos os acordos assumidos pelo país com os credores externos, como o FMI, em claro movimento de conservação, ou, seguindo Pierre Bourdieu, rumo ao “politicamente aceitável”. Para Miguel:

Não se trata de negar a gravidade da crise econômica que se impunha como tema dominante. No entanto, uma vez que se reconhece que o jornalismo não é mero reflexo da realidade, mas também um de seus elementos constitutivos, fica claro o recorte que se fazia no momento. Iluminando certos aspectos em detrimento de outros, beneficiava uma interpretação do mundo social e de suas alternativas. (...) 2002 revelou com clareza que a opção por um candidato é apenas a forma mais grosseira que os meios possuem para influenciar o processo eleitoral. Na medida em que toda a notícia pressupõe uma hierarquização da informação, os veículos da mídia nunca podem atingir a

³³ Nos programas eleitorais televisivos, por exemplo, cuja função primária seria a de que os candidatos apresentassem propostas concretas, a aparição deles – dos candidatos – é curta, para não deixar o telespectador entediado.

neutralidade que, por vezes, postulam, e, necessariamente, contribuem para a construção de uma determinada representação do mundo social. A que a Globo privilegiou vetava, de antemão, qualquer discussão sobre a alteração do modelo macroeconômico (Miguel, 2006: 306).

Na mesma linha de raciocínio, Howlett alerta que muitas questões crônicas permanecem sem ser noticiadas ou desenvolvidas pela(s) mídia(s). A própria entrada de uma questão na agenda da(s) mídia(s) não é automática e os vieses resultam em níveis inadequados ou flutuantes de cobertura de muitas questões de saliência pública, culminando com uma apresentação não apropriada de questões aos governos. Pois, mesmo vendo pouca participação da opinião pública nas etapas de formulação de políticas, Howlett admite que esta desempenha importante papel indireto no processo, por ter impacto sobre a tomada de decisões a serem desenvolvidas no seu ambiente.

Ou seja, os governos esforçam-se para estreitar laços procedimentais com a opinião pública, como em parcerias com organizações não-governamentais, comissões assessoras públicas, conselhos e outros canais que agem de modo menos direto, a fim de guiar os atores sociais na direção desejada. Embora ausente do processo técnico interno, a opinião pública, segundo o autor, é levada em conta em decisões políticas, até mesmo visando a futuros pleitos eleitorais.

Dessa forma, mesmo que sejam apenas barômetros, as pesquisas de opinião são usadas como elementos de campanhas eleitorais ou para dar publicidade a índices de satisfação ou de insatisfação com este ou aquele governo, e atacadas por críticos de que elas influem no comportamento eleitoral. Sem entrar neste mérito, faz-se necessário abordar outro problema. As agências de pesquisa nada mais são do que um braço de empresas de comunicação, com fins lucrativos e, portanto, com tendência a parcialidade, inclusive na escolha dos temas a serem avaliados, assim como acontece nas rotinas da(s) mídia(s).³⁴

³⁴ De acordo com Marilene Felinto, no artigo “Golpe vem a Galope”, a questão vai além de acertos ou erros. “O viés, ou a tendenciosidade, está na apresentação e no uso que a imprensa faz das pesquisas. Não se pode esquecer que a imprensa tem o monopólio da própria realização das pesquisas (além de sua divulgação). (...) Se há trucagens, montagens, mentiras, plágio, manipulação e censura em todos os órgãos da mídia, por que não haveria nas pesquisas, se são os mesmos donos da mídia que as realizam?” (Felinto, 2006: 06).

Conforme salienta Miguel, mesmo que já se tenha provado que as decodificações das mensagens da(s) mídia(s) variam entre os receptores - conforme seu cotidiano, seu ambiente, seu grau de instrução, seu círculo de amigos, suas necessidades, etc – as variações vão ocorrer, mesmo assim, sobre o material fornecido pelos meios de comunicação. Ou seja, óbvia a constatação de não ser coincidência a ligação íntima entre o resultado das pesquisas e a atuação cotidiana dos veículos de mídia.

A estrutura das novas TICs poderia ser uma alternativa a este quadro, recuperando a legitimidade e a visibilidade de temas propostos pela opinião pública? Como se posicionam as comunidades e esferas públicas no âmbito virtual das redes horizontais de comunicação? Tais mudanças são abordadas na terceira seção, a partir de autores como Rheingold, Murray, Vaz, Marques e Primo.

1.3. O ambiente virtual

Em 1984, o escritor de ficção científica Willian Gibson, no livro *Neuromancer*, utiliza, pela primeira vez, o termo *ciberespaço*, definido então como um espaço não-material e não configurado geograficamente, composto por redes de computadores, telecomunicações, programas, interfaces e banco de dados, onde a experiência humana passa a existir sob a forma de bits. “O *ciberespaço* seria uma projeção da realidade, que só existe virtualmente dentro de tais redes, onde os signos da experiência humana se convertem em *pixels* (contração de *picture element*) na tela do computador” (Lucas, 2005: 33).

Nove anos depois, em 1993, com a evolução da internet, Howard Rheingold, no livro “A Comunidade em Rede”, cunha o conceito de **comunidade virtual**, segundo ele, formada por grupos de discussão e produção de conhecimento temático que desenvolvem a interação e a conversa, no *ciberespaço*. Como os debates têm larga duração de tempo, acabam criando amizade e familiaridade entre os membros do grupo, podendo inclusive ultrapassar os limites virtuais e

se estenderem para atividades e encontros no espaço real (Rheingold, 1996). As comunidades virtuais teriam, portanto, de acordo com o autor, um potencial de revitalização da esfera pública social, a partir do resgate do envolvimento, como aquele das *Gemeinschaft*, e do próprio sentido da política democrática.

A partir destas definições, Raquel Recuero, no artigo “Weblog, Webrings e Comunidades Virtuais”, chega à idéia de comunidade virtual como “um grupo de pessoas que estabelecem entre si relações sociais, durante um tempo suficiente para constituírem um corpo organizado, através da comunicação mediada por computador (CMC)³⁵ e associada a um *virtual settlement*.”³⁶ A autora chama atenção para a duração – “tempo suficiente” -, entendida, neste conceito, como espaço temporal contínuo de relacionamento, e para a idéia de “corpo organizado”, que remontaria à visão das relações sociais como um emaranhado de “fios” entrecruzados, constituindo uma rede de relacionamentos.³⁷

Podemos ver o *ciberespaço* como um lugar de circulação de informação. Um espaço construído por esta circulação e, ainda, um espaço delimitado por ela. Estas limitações são compreendidas como limitações do lugar do *ciberespaço* onde se está. Trata-se de limitações imaginárias, construídas por nós mesmos. Por exemplo, a "sala" de *chat* nada mais é do que uma porção do *ciberespaço* limitada por nossa concepção de espaço concreto. Fazemos uma metáfora com uma sala comum. Na verdade, nossa "sala" *ciberespacial* não possui limitações concretas, como paredes, chão e etc. Mas a metáfora auxilia na transcrição de nossa noção de espaço (Recuero, 2002: 06).

³⁵ Doravante, a expressão “comunicação mediada por computador” será representada pela sigla CMC.

³⁶ Recuero (Recuero, 2002: 06) lembra da definição de Quentin Jones, para o qual *virtual settlement* é um "lugar" no ciberespaço ao qual associa-se uma comunidade virtual. É um lugar demarcado no espaço, onde os participantes da comunidade encontram-se para estabelecer as relações sociais, como por exemplo, uma sala de chat.

³⁷ Para chegar a tais proposições, Recuero (Recuero, 2002: 06-15) recorre também a outros autores, como André Lemos, que propõe duas vias para a compreensão do ciberespaço - na primeira, como um lugar onde estamos quando entramos em um ambiente virtual, podendo ser este lugar uma sala de *chat*, e a segunda, como o conjunto de redes de computadores interligadas ou não -, Pierre Lévy, para o qual o ciberespaço é um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores, e Sherry Turkle, que trata o ciberespaço como espaço cultural de simulação, onde é possível falar, trocar idéias e assumir personagens de nossa própria criação.

As grandes transformações da comunicação e da interação entre as pessoas estão diretamente ligadas às revoluções de tempo e de espaço. Na CMC, não existe mais um território sobre o qual se estabelecem relações. Da mesma forma, o tempo, não raro, passa a ser atemporal. O fato de não estar *on line* no momento em que se inicia o debate em um *blog*, por exemplo, não exclui o ausente. Pelo contrário, o atrai. Rheingold (Rheingold, 1996: 42) lembra o artigo “The Great Good Place”, de Ray Oldenburg, que talvez tenha encontrado para tal fenômeno uma resposta bem próxima do plausível, ao delinear a existência de três lugares essenciais na vida de cada um: o da casa, o do trabalho e o de convivência, chamado de “**terceiro lugar**”. Este guarda similaridade com o que Habermas trata de esfera pública episódica, abrangendo cafés, bares e praças públicas. Oldenburg, porém, vê no avanço da arquitetura das cidades e no individualismo da sociedade capitalista o declínio de tais lugares no mundo concreto.

Seguindo o pensamento de Oldenburg, Sygmunt Bauman observa a permanência de “lugares públicos”, tendo como exemplo as praças, mas, ao mesmo tempo, constata a sua morte como “lugares civis”.³⁸ A característica principal dessa mudança é a ausência da interação entre aqueles que estão no mesmo local. Os “terceiros lugares”, segundo Bauman, passam a funcionar como “não-lugares”³⁹, lugares de pessoas impessoais, de coletividade individual, de não necessidade de diálogos, de encontros estéreis de história ou identidade. Com a evidência da nulidade e dos paradoxismos dos “não-lugares”, os “terceiros lugares” ganham novo “espaço”: a internet.

Giovana Lucas, em “Ciberespaço e Sociabilidade” (Lucas, 2005:59), e Rogério Costa, no livro “O Mito da Desterritorialização: Do Fim dos Territórios

³⁸ Aeroportos, transporte público e condomínios são exemplos de não-lugares, onde as pessoas estão juntas, mas não por laços associativos (Bauman, 2001: 113). É importante lembrar também, pelo mesmo olhar, da arquitetura característica das modernas arenas políticas de discussão pública, como câmaras e assembleias legislativas, principalmente em países com alto índice de pobreza, como o Brasil, onde o luxo e a formalidade inibem a presença de muitas das camadas da população, embora a participação ou mesmo a simples audiência dos debates que nelas se travam sejam um direito de todos. Tal paradoxo é fator pouco analisado quando se observa o pífio interesse pelas decisões políticas nesses países.

³⁹ Expressão cunhada por Marc Augé e Georges Benko (Lucas, 2005: 63).

à Multiterritorialidade” (Costa, 2004: 127) recorrem a Paul Virilio e a Gilles Deleuze e Felix Guattari, respectivamente, que entendem esta migração não como uma “**desterritorialização**” do espaço público civil, mas como sua **reterritorialização**. Ao invés do simples desaparecimento de um território tradicional, enxergam a construção de um novo território sob as bases oferecidas pela tecnologia.⁴⁰ Costa vai além e fala em **multiterritorialidade**, na medida em que, com os novos referenciais espaço-temporais, um indivíduo ou um grupo pode estar em vários territórios ao mesmo tempo, seja no campo virtual ou na mescla entre o virtual e o real. É o indivíduo de vários públicos, conforme Tarde.

A estrutura oferecida pelas tecnologias de comunicação, ao mesmo tempo em que se apresenta como um meio de fuga de todos os outros lugares - ou não lugares -, a torna receptiva aos indivíduos alijados da praça pública civil e, por conseqüência, carentes da interação com os seus pares ou mesmo concorrentes. Características importantes para a compreensão do fascínio exercido pelas TICs sobre seus usuários são delineadas por autores referenciados neste campo de estudo. Conforme Paulo Vaz, no artigo “Agentes na Rede”, a interface gráfica muda tanto a forma de usar a máquina quanto a maneira de concebê-la, passando da prótese⁴¹ ao espaço de imersão.

Quando a tecnologia é prótese, estamos diante de um espaço constituído por objetos para um sujeito; quando é espaço de informação a ser explorado, o próprio espaço torna-se informação. A tecnologia não está mais vinculada ao corpo e funcionando ou para suprir uma ausência – próteses corretivas - ou ampliar uma capacidade. Graças à interface, é possível pensar a tecnologia

⁴⁰ A desterritorialização pode ser entendida aqui tanto como a perda do sentido dos territórios públicos concretos – os terceiros lugares, conforme Oldenburg – quanto como a transferência de um território do espaço concreto para a esfera virtual. Há ainda uma terceira interpretação de desterritorialização, tratada por Renato Ortiz e recuperada por Recuero, no artigo “Webrings: as redes de sociabilidade e os weblogs” (Recuero, 2004: 05). O autor remonta à forma como a identidade individual foi transformada em identidade coletiva. A cultura de determinado grupo social teria uma função agregadora, limitada ao território físico da comunidade. Já a globalização provoca, segundo Ortiz, a desterritorialização das relações culturais.

⁴¹ Ao argumentar sobre o fenômeno, Janet Murray, no livro “Hamlet on the Holodeck” (Murray, 1999), cita Sherry Turkle. Esta observa que a proximidade do homem com a máquina é tanta que ele praticamente a entende como extensões *cyborgs* de seu corpo. Concomitantemente, as relações políticas e econômicas, e também a própria idéia de identidade, é modificada para melhor nos adaptar a essa inteligência artificial.

como um espaço de informação a ser explorado e como um modo de facilitar o deslocamento num espaço que já é informação (Vaz, 1999: 04).

Imersão é um dos conceitos definidos por Janet Murray. A autora propõe ainda outros dois princípios para o campo virtual: agência e transformação. No livro “Hamlet on the Holodeck”⁴², compara a sensação de o indivíduo ser transportado para o virtual, “já prazerosa em si, independente de conteúdo e fantasia”, com a experiência de estar submerso em água, ambas gerando a sensação de ele ser totalmente envolvido por um mundo estranho à sua realidade. Imersão sugere aprender a nadar e descobrir um ambiente inédito de aventura corpórea, sensorial e psicológica.

Já a **agência** – ou agente – estaria no poder de o indivíduo tomar decisões, praticar ações cheias de significados e ser capaz de vivenciar os resultados dessas ações. O indivíduo se experimenta agente quando tem noção de que suas atitudes no *ciberespaço* podem gerar resultados diferentes a partir de suas escolhas. A agência é derivada da imersão, na medida em que esta suscita no sujeito o desejo de interação. Murray enfatiza, porém, que o verdadeiro autor de um jogo ou de uma estória virtual, por exemplo, é o programador, é quem cria o programa, enquanto o leitor ou jogador, mesmo tendo poder de escolha e de influência na construção do material digital, é apenas um agente.

O princípio da **transformação**, por sua vez, é tratado pela autora como o terceiro tipo de prazer no campo virtual, pois ela está ligada à variedade infinita de instrumentos de modelagem da realidade oferecidos pela informática. É a capacidade de modificar o ambiente e os próprios indivíduos envolvidos, ou mais, a possibilidade de controlar um caleidoscópio de opções, de organizar parte da fragmentação encontrada, a partir da utilização de mecanismos como ferramentas de busca e nomeação de arquivos.

⁴² “*Holodeck*” é uma expressão relacionada ao seriado americano *Star Trek*, que apresenta uma plataforma virtual tridimensional. Na origem, *holos* é o prefixo grego para “todo”, “total”, enquanto *deck* significa plataforma.

Os três princípios – imersão, agente e transformação - não são tanto prazeres atuais, mas expectativas de prazeres que nascem da antecipação de novas possibilidades provenientes das novas tecnologias. Tais prazeres são uma continuidade daqueles que brotam com a mídia tradicional, mas, em alguns aspectos, são exclusivos, por serem frutos de uma combinação de propriedades e meios que o mundo digital nos oferece e que ainda tem muito por ser investigado e aplicado (Murray, 1999: 160).

Note-se que os princípios traçados por Vaz e por Murray, ao mesmo tempo em que “submergem” o indivíduo em experiência pessoal do novo pressupõem a busca pela interação, pelos terceiros lugares, pelas comunidades. O corpo organizado, de que fala Recuero, ou os grupos de produção e discussão, de Reinghold, são exemplos de conceitos que remetem a esta adequação. O indivíduo passa a pertencer a um grupo, que, por sua vez, constitui uma comunidade virtual. Esta poderia exercer o papel de esfera pública virtual e caminhar para o poder de deliberação ou mesmo de formação de uma opinião pública capaz de pressionar os organismos de decisões políticas concretas?

Existem pelo menos quatro linhas teóricas para a discussão. A primeira trata como factível a formação de uma ou mais **esferas públicas virtuais**, colocando-as em pé de igualdade com as esferas tradicionais ou mesmo considerando a transposição das esferas do mundo real para o virtual. Em qualquer dos casos, a internet é tratada como campo propício à construção de esfera(s) pública(s) autônoma(s). A segunda apresenta uma visão diferenciada, substituindo a proposta de esfera(s) pública(s) autônoma(s) pela de “**contra-esfera pública**”. A terceira, por sua vez, nega qualquer possibilidade de formação de uma esfera pública autônoma ou de uma contra-esfera pública consistente a partir do campo virtual. Já a última trata os debates e fóruns no ambiente virtual como **conversação**, acrescentando uma visão contemporânea ao conceito de conversação civil, de Tarde.

Aqueles que consideram a constituição de uma esfera pública virtual concomitante às esferas tradicionais - ou falam na transposição da(s) esfera(s) pública(s) para a internet - partem da definição de Reinghold sobre

“comunidades virtuais”. Segundo ele, essas comunidades estabelecem vínculos de maneira mais objetiva, pois os membros estão ligados em função de interesses específicos e não por outros critérios, como de aparência, gênero ou idade. Dessa forma, concederiam a oportunidade da palavra a vozes até então marginalizadas, oferecendo a chance de réplicas e tréplicas, enfim, do diálogo discursivo da esfera civil.

O direito de uso da palavra, a *isegoria*, conforme chamavam os atenienses, o poder falar em "assembléia", daria à internet a propriedade fundamental para o estabelecimento de um espaço argumentativo digital, o que tornaria o computador um meio de comunicação diferenciado em termos políticos. (Marques, 2006: 167)

De acordo com Marques, a internet traria aos cidadãos interessados a possibilidade de, novamente, exercerem influência nos rumos da esfera pública política, encontrando, comodamente, outros cidadãos para discutir questões de interesse público. Este “encontro” seria provocado pelo afastamento entre a esfera política, composta pelos representantes eleitos, e a esfera civil, mandante, mas não mandatária, e à noção de resgate de uma cidadania perdida pela especialização excessiva da burocracia pública, o que remete aos argumentos de Howlett sobre as rotinas administrativas.

Outro argumento que coloca a internet como o único meio capaz de comportar uma “verdadeira” esfera pública a compara aos outros veículos de comunicação. A diferença estaria na possibilidade, a custo reduzido na *web*, de abordagem de todos os ângulos de um problema e de todas as opiniões a ele relacionadas. Rádio, jornal e TV, por exemplo, esbarram no reduzido acesso e no alto custo de produção, além ainda da necessidade de licenças governamentais para o seu funcionamento, o que impõe a estes meios não apenas limites econômicos, mas políticos.

Alex Primo, no artigo “Conflito e cooperação em interações mediadas por computador” (Primo, 2005: 02), por sua vez, resgata argumentos de Peter Kollock, que chama atenção para um aspecto explorado pelos teóricos, em geral,

de maneira negativa, mas que pode representar uma chave para a compreensão da formação dos grupos na internet. De acordo com o autor, a falta de uma autoridade central no *ciberespaço*, a possibilidade de interação anônima e a dificuldade de se impor sanções tornam surpreendente que a internet não seja uma guerra de todos contra todos, mas, pelo contrário, o fato de acabar gerando cooperações significativas.

A noção de esfera pública ganha ainda novos contornos em tipologia aplicada por John Keane, no artigo “Transformações Estruturais da Esfera Pública”. Assim como Habermas, ele trata o termo no plural, devido aos diferentes temas e amplitudes alcançados. As esferas públicas de Habermas distribuem-se em “episódica”, “da presença organizada” e “abstrata”, conforme detalhado na primeira seção. Já Keane (Keane, 1996: 06-29) divide sua estrutura em micro, médio e macro esferas públicas. As micro seriam representadas pelos locais de encontros comunitários para o debate sobre temas coletivos, como, por exemplo, um salão literário; as médio alcançariam o nível do Estado-Nação, através dos veículos de mídia; e as macro teriam um alcance supranacional, devido à expansão das empresas de comunicação e ao próprio avanço tecnológico para o uso individual e coletivo, onde os usuários não apenas buscam materiais de seu interesse, mas procuram agir como cidadãos. Tais combinações provocariam o surgimento, conforme Keane, de uma “audiência mundial fictícia”.

Embora com nomenclaturas distintas, o sentido dado não destoaria entre as taxonomias, havendo uma sutil diferença apenas quando Keane considera a atuação da(s) mídia(s), pontuando os níveis nacional e mundial, enquanto Habermas, ao retratar a esfera pública abstrata, fala diretamente em termos globais do alcance dos veículos de comunicação. Interessante notar o cuidado de Keane ao colocar em campos distintos a influência de empresas de comunicação locais (entenda-se nacionais) e supranacionais (globais). No entanto, basta observar a dependência funcional dos veículos de alcance nacional em relação às agências de notícias mundiais para constatar que, ao falar apenas em alcance

global, a esfera abstrata, de Habermas, de forma intencional ou não, traz implícito este quesito.⁴³

Marques (Marques, 2006: 175), comentando J. Downey e N. Fenton, vê outra contribuição ao debate. A partir de uma visão que contesta a internet como uma, mais uma ou várias esferas públicas autônomas, mas não a descarta como estrutura para um modelo de oposição, estes autores empregam o termo “contra-esfera pública”. Sua função seria a de se opor à(s) esfera(s) pública(s) dominante(s), que estaria(m) ligada(s) aos meios de comunicação de massa convencionais. A meta seria fazer valer idéias e argumentos contrários e/ou alternativos às colocadas na(s) esfera(s) pública(s) hegemônica(s). Ao iluminar outros tópicos de discussão, a contra-esfera pública teria o real poder de transformar os debates, a agenda pública e o próprio destino dos indivíduos e das nações. Relembrando Habermas, a contra-esfera seria uma espécie de “publicidade concorrente” à “publicidade manipulativa”.

Tais proposições esbarrariam, porém, na fragmentação dos discursos, visto que a internet dá vazão a um número infinito de vozes. O pluralismo democrático, paradoxalmente, poderia inviabilizar, em muitas situações, os processos de tomada de decisão. Os argumentos em torno da formação de uma esfera pública virtual que pudesse formatar uma participação ou mesmo uma pressão civil consistente sobre as decisões políticas esbarram ainda na exclusão digital, devido aos problemas de falta de acesso às novas tecnologias, na falta de interesse dos usuários em debater os problemas públicos e na própria falta de capacidade para o debate daqueles interessados em participar. De acordo com o artigo “Possibilidades democráticas virtuais”, de James Fishkin, a “criação de uma opinião pública mais informada, engajada e atenta, que seja ao mesmo tempo compartilhada pelo público como um todo, é uma possibilidade quase utópica sobre quaisquer condições” (Fishkin, 2002: 18).

O autor divide a opinião em bruta e refinada. A bruta é real, mas despida de informação. Já a refinada seria, a grosso modo, o oposto, ou seja, bem

⁴³ Atualmente, cinco agências de notícias dominam o mercado das informações circulantes em todo o mundo. São elas: CNN, Reuters, France Press, BBC e Ansa Latina.

informada, mas órfã de realidade. Este tipo de opinião pressupõe conhecimento dos participantes para tomarem decisões racionais, estando esta restrita a pequenos grupos, porém distante da realidade do grande público. Ele ainda recorre aos conceitos de filtro, que representaria a opinião mais refinada e sua capacidade para a atuação deliberativa, e de espelho, que seria a coleta igualitária de todas as opiniões. O **filtro**, segundo o autor, não estaria imune à colocação dos interesses pessoais à frente dos sociais. Já no modelo **espelho**, a combinação entre falta de informação e pouca argumentação geraria uma “ignorância racional” (Fishkin, 2002: 22-6).⁴⁴

Tais argumentos são valiosos para a corrente questionadora da criação de comunidades virtuais, que precederia a formação da(s) esfera(s) pública(s) no ambiente digital. Além das críticas impostas por B. Barber,⁴⁵ Jan Fernback e Brad Thompson, no artigo “Virtual Communities: abort, retry, failure?”, falam em “comunidades de araque”, na medida em que as TICs promoveriam a fragmentação cultural e política nas sociedades. Segundo eles, o “não-lugar” do *ciberespaço* abrigaria **comunidades transculturais e transnacionais**, o que seria “antiético com a noção de coletividade de uma esfera pública, onde uma ação comum é desenvolvida”. Este posicionamento é endossado por trabalho de Putnam - “The strange disappearance of civic America. The American Prospect” -, publicado em 1996, em que o autor mostra o decréscimo do engajamento cívico na sociedade americana, inversamente proporcional ao crescimento do tempo gasto com a televisão. Embora tendo como foco a TV, a pesquisa reforça o ceticismo sobre a formação de comunidades na estrutura das novas TICs.

A quarta linha de discussão parece comportar argumentos das outras três, acrescentando uma abordagem teórica menos rígida e bastante abrangente. A partir do cruzamento do raciocínio de autores diferentes, chega-se à idéia de uma “conversação”. Sua construção, porém, não implica o descarte da idéia de

⁴⁴ Além da falta de interesse da maioria e da pouca capacidade dos participantes, a natureza modificada da esfera pública, na medida em que ela não se dá mais face a face, é também lembrada por Marques (Marques, 2006: 177).

⁴⁵ Antoun, no artigo “O poder da comunicação e o jogo das parcerias na cibercultura” (Antoun, 2004: 70) lembra que B. Barber, em 1992, fala em um mundo dividido nas tendências do tribalismo e do globalismo, que ameaçariam a cultura e a democracia ocidentais, ora com forças de desagregação do provincianismo regional, ora com forças da homogeneização global promovida pelas TICs.

esfera pública ou mesmo de contra-esfera pública. Marques (Marques, 2006: 178) desta vez recorre a Zizi Papacharissi. Ao distinguir “**espaço virtual**” e “**esfera virtual**”, Papacharissi propõe que a forma de utilização do espaço é um estágio anterior e necessário para que este possa chegar ao *status* de esfera. A sociedade atual estaria no primeiro passo, na medida em que a internet funciona como espaço para facilitar, mas não para determinar uma renovação da esfera pública.

Além do fato de os cidadãos não terem tempo ou disposição para engajarem-se nos debates, há um grande número de discussões acessadas apenas como repositório de conteúdo, ou seja, parte dos usuários não participa dos fóruns, apenas os lêem para ficarem a par dos acontecimentos. Isto é chamado por Papacharissi, de “consumo privado do material lançado pelo público”. Não haveria ainda uma modificação substancial na comunicação política em si. Pelo contrário, muitas vezes, o campo virtual é apropriado pela política tradicional, em vez de revolucionar suas estruturas.

Marques (Marques, 2006: 177) recorre ainda a J. Dean, que, na mesma linha, afirma ser devido ao caráter normativo da esfera pública e à contrastante desorganização do espaço digital, que, em geral, não leva ao consenso sobre temas coletivos, os espaços virtuais de discussão terem efetividade apenas indireta.⁴⁶ No entanto, Dean reconhece a proteção oferecida pelo espaço virtual contra preconceitos encontrados nas interações face a face. Baseado nestas argumentações, Marques acirra a discussão, chamando atenção para a inexistência do debate racional em qualquer esfera do ambiente real:

Parece mais plausível o funcionamento eficaz dos espaços digitais de discussão na perspectiva de uma conversação civil, de um espaço potencialmente vívido onde se gera discussão na tentativa de se conferir poder de influência aos atores da "periferia", ainda que a efetividade deste tipo de ação seja, na maioria das ocasiões, de pequeno alcance. (...) A constatação que deve ser feita é a de que o

⁴⁶ O modelo de esfera pública, que tem em Habermas seu referencial, deveria buscar o consenso. No entanto, a capacidade de reunião da internet não impede a divergência persistente de visões de mundo, ocasionando choques culturais sistemáticos (Marques 2006: 177).

debate racional entre cidadãos comuns, por exemplo, se não acontece na internet, também não parece acontecer rigorosamente fora dela. O modelo de esfera pública que exige dos cidadãos engajamento e racionalidade constantes parece ser pouco correspondente à realidade social contemporânea (Marques, 2006: 183).

Outra contribuição é prestada por Serra. Para o autor, a conversação, conforme a descreve Tarde, não significa a absorção das comunidades reais pela sociedade e pelas comunidades virtuais, mas indica a complementaridade de tipos de sociabilidade diferentes.

(...) obrigatório é constatar que, na sociedade contemporânea, a “sociedade”, com as suas comunidades “virtuais”, não substitui a “comunidade”; ambas vão sobrepor-se e interpenetrar-se de uma forma complexa e multifacetada, como que dividindo o universo de cada um dos indivíduos em sub-universos e sub-universos desses sub-universos discordantes e muitas vezes antagônicos (Serra, 2006: 12).

Os “sub-universos de sub-universos, discordantes e, muitas vezes, antagônicos”, propostos por Serra, não por acaso lembram os “sem número de arenas internacionais, nacionais, regionais, comunais e subculturais, que se sobrepõem umas às outras”, conforme delineia Habermas. Esta última linha argumentativa, a da conversação, é de especial valia para a seqüência deste estudo, na medida em que não exclui as possibilidades anteriores – inclusive a não possibilidade - de formação de esfera pública no campo virtual, mas, pelo contrário, as articula ou, pelo menos, fazem com que elas se interpenetrem.

Da mesma forma, alivia o peso da responsabilidade da internet na promoção de um debate racional, inexistente, conforme lembra Marques, em outras áreas da sociedade. E, voltando a Papacharissi, esta corrente não desconsidera o espaço de discussão virtual como “repositório” de conteúdo, o que já seria um avanço na constituição de um senso coletivo mais apurado – ou menos incapaz – na avaliação de questões de interesse da coletividade. Este entrecruzamento de

sub-universos, de “comunidades” e de culturas e sub-culturas distintas forma a rede – ou as redes -, para onde convergiriam não apenas as pautas da agenda pública, mas algumas das principais características dos demais meios de comunicação.

Quadro 02: As quatro correntes teóricas sobre esferas públicas virtuais

Correntes Teóricas	Autores de referência	Características
Esfera Pública Virtual	Rheingold Kollock Keane	<p>Constituída a partir de comunidades virtuais.</p> <p>Espaço argumentativo digital.</p> <p>Possibilidade a custo reduzido de abordagem de todos os ângulos de um problema.</p> <p>Cooperação.</p> <p>Usuários não apenas buscam materiais de seu interesse, mas procuram agir como cidadãos.</p>
Contra-Esfera Pública	Downey e Fenton	<p>Oposição às esferas públicas dominantes, ligadas aos veículos de comunicação tradicionais.</p> <p>Busca fazer valer idéias e argumentos contrários e/ou</p>

		<p>alternativos àquelas das esferas públicas hegemônicas.</p> <p>Busca transformar debates e agenda pública</p>
Não esfera pública	<p>Fishkin</p> <p>Barber</p> <p>Fernback</p> <p>B. Thompson</p> <p>Putnam</p>	<p>Fragmentação dos discursos</p> <p>Pluralismo que inviabiliza processos de tomada de decisão</p> <p>Exclusão digital</p> <p>Falta de interesse dos usuários em debater problemas públicos</p> <p>Falta de capacidade dos interessados em debater</p>
Conversação virtual	<p>Papacharissi</p> <p>Dean</p> <p>Marques</p> <p>Serra</p>	<p>Espaço virtual precede esfera virtual.</p> <p>Discussões acessadas como repositório de conteúdo.</p> <p>Confere poder de influência, de pequeno alcance e indireta, a atores da periferia social.</p>

		Complementaridade de tipos de sociabilidade diferentes
--	--	--------------------------------------------------------

Fonte: Autores e referências bibliográficas são descritos no corpo do capítulo

A sociedade em rede é pensada sobre fluxos de informação e velocidade destes fluxos e não mais sobre território e tempo convencionais. O conceito de contexto se transforma. Fala-se em convergência dos meios, considerando que as características dos demais veículos se encontram na internet. Há, porém, diferenças analíticas em relação a este admirável mundo novo. As conseqüências já mapeadas na(s) rede(s) estão expostas na próxima seção, a última deste capítulo, que também aborda a influência da “cultura internet” para o comportamento social, bem como o peso das mudanças sociais sobre as interações desenvolvidas no ambiente virtual.

1.4. Redes e convergências

A expressão “**cultura da internet**” ou “**cultura internet**” é desenvolvida por Manuel Castells, no livro “A Sociedade em Rede”, a partir da idéia de resignificação do *ciberespaço* – ou reterritorialização do espaço público, conforme abordado na primeira seção.⁴⁷ Para o autor, a sociedade em geral, além de apropriar-se, modifica qualquer tecnologia. Desta forma, os sistemas tecnológicos se produzem socialmente, alcançando uma dimensão social (Castells, 1999). No entanto, embora considere o desenvolvimento das TICs

⁴⁷ Além das expressões “Cultura Internet” e “Cultura da Internet”, cunhadas por Castells, é também bastante utilizada a expressão “**Cultura da Interface**”, desenvolvida por Steven Johnson. Para Johnson, a “interface” é justamente uma nova zona entre o meio e a mensagem, entre a emissão e a recepção da mensagem, uma zona estranha a ser compreendida (Johnson, 2001: 35).

como determinante para a reconfiguração das relações sociais, não despreza acontecimentos da história recente, como a atuação dos movimentos culturais e a crise no poder do Estado⁴⁸. Estes três fatores formam, juntos, segundo ele, o tripé da “sociedade em rede”, com a organização do mundo em novo modelo, com regras econômicas comuns: o capitalismo informacional, desenvolvido sobre as bases da microeletrônica, da engenharia e da genética.

O conceito da **sociedade em rede** chama a atenção para a existência de uma cultura global no *ciberespaço*, uma “**cultura comunitária virtual**”, com valores tais como a comunicação horizontal e livre, a liberdade de expressão, a descentralização, o interacionismo e a conectividade cosmopolita através de redes de relações, capazes de transformar valores alternativos em dominantes (Castells, 2006: 40-1). O novo paradigma é baseado em informação, penetrabilidade, lógica das redes, maleabilidade e convergência dos meios⁴⁹. Uma transformação, em especial, faz a sociedade em rede distinta de outros momentos históricos relacionados ao conhecimento. Agora, o desejo de possuir tecnologia tem o objetivo de agir sobre a informação, e não o contrário.

Este contexto se liga aos argumentos desenvolvidos por Anthony Giddens, no livro “As conseqüências da modernidade”, sobre o fenômeno do “desencaixe”. Segundo o autor, tais mudanças promovem a reestruturação das relações sociais em extensões indefinidas de espaço-tempo. (Giddens, 1991: 29). O contexto não é mais, obrigatoriamente, o principal elemento para se compreender as formas de interação, pois a própria concepção de “contexto” é que é transformada.

⁴⁸ A crise do poder está ligada à crise econômica do capitalismo e à incapacidade dos modelos de governo baseados na primazia do Estado em resolver os problemas sociais, bem como em lidar com a chamada “era da informação”, que traz a quebra da fronteira física. Já o espírito libertário dos movimentos sociais e culturais que questionam as bases da sociedade (família patriarcal, tradição religiosa e nacionalismo) defende a liberdade para a experimentação pessoal (Castells, 2006: 40-1).

⁴⁹ Informação é a matéria prima fundamental; penetrabilidade está relacionada às novas tecnologias e aos seus efeitos em todos os âmbitos do sistema social; a lógica das redes é a adaptação a interações complexas e modos imprevisíveis de desenvolvimento; a maleabilidade está na reconfiguração constante, elemento que pode gerar tanto libertação quanto repressão; e a convergência dos meios gera um sistema cada vez mais integrado (Castells, 2006: 40-1).

Isto significa que não se trata propriamente nem de um “esvaziamento” nem de uma separação, como o termo “desencaixe” supõe, mas sim de uma espécie de “alongamento”, de inter-relações mais extensas porque descontínuas, podendo associar espaços muito distantes numa mesma temporalidade. Trata-se, enfim, de espaço-tempo mais múltiplos, combinações muito mais imprevisíveis e espacialmente mais fragmentadas (Lucas, 2005: 61-2).

No “**desencaixe dos sistemas sociais**”, o sentimento de pertença desencaixa-se da localização e reforça a idéia de que todas as pessoas podem ter todo o tipo de experiência comunitária, mesmo quando estão distantes umas das outras. Nesta linha, Camila Mantovani, no artigo “Informação e Mobilidade”, fala em “**convergência de momentos**”. Segundo a autora, “a unicidade do tempo não expressa apenas que, nos mais diversos lugares, a hora do relógio é a mesma, mas que também convergem os momentos vividos” (Mantovani, 2006: 09). Ela ainda recorre a argumentos de Milton Santos para demonstrar que, no sistema das técnicas, cibernética, informática e eletrônica passam a comunicar-se entre si, permitindo a simultaneidade das ações e a aceleração dos processos de produção e de circulação de informações na sociedade. Neste sentido, o contexto se dá também no fluxo *ciberespacial* das relações. Como descreve Vaz, a velocidade e a conexão na transmissão de informações passam a definir o simultâneo, antes indicado pela extensão perceptiva e motora do corpo.

A engenharia genética e a interface gráfica não estão apenas mudando a experiência de espaço; estão mudando também o modo de concebê-lo. A engenharia genética promove uma imensa transformação ontológica ao traduzir o mundo como um problema de codificação e decodificação. Participa, portanto, de um movimento de provocação e readestramento de tudo o que há, ao mesmo tempo em que promove uma ontologia materialista que instabiliza as fronteiras modernas entre matéria, vida, cultura e artifício. (...) cada parcela do mundo pode ser considerada como um sistema de processamento de informação, uma mensagem codificada que, por isso mesmo, pode codificar e decodificar informações. Exploramos o mundo como informação e

consideramos a nós mesmos como sistemas de processamento de informações (Vaz, 1999: 03)

Para Vaz, as novas tecnologias podem tanto se espriar quanto transformar a cultura, a partir da idéia de rede, interligada por pontos de conexões. Cada conexão entre estes pontos é chamada de “nó”. O relevante não é a distância entre dois lugares, mas a existência de conexões entre nós e quantas conexões cada nó possui. O novo mapa das relações não conecta lugares, mas distribui percursos. A rede é limitada então ao deslocamento do pensável. Voltando a Castells, chega-se a noção de que a mente humana passa a ser a força produtiva direta e o *ciberespaço*, o **espaço de fluxos**. Estes, por sua vez, representam “a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos” (Castells, 1995: 436). De acordo com Sara de Moraes, em “Governo Eletrônico, Liberdade e Controle”, “na cultura da virtualidade real, onde a linguagem mãe é *cibertextual*, o mundo *on-line* passa a fazer parte do ambiente simbólico e comunicacional e a realidade está imersa em um ambiente simulado” (Moraes, 2007: 24).

O espaço de fluxos possui duas variáveis que se complementam: informação e velocidade. O fluxo é, na sua essência, o fluxo da informação, e esta atinge *status* diferenciado conforme a velocidade com que se propaga no *ciberespaço*. A estrutura em rede deve, assim, segundo Castells, proporcionar maior socialização da informação. A pluralidade de “esferas públicas” faria da internet, portanto, um ambiente discursivo. O novo meio poderia ser utilizado para devolver à esfera civil o poder de formulação da agenda pública. Por outro lado, o seu cosmopolitismo, a abertura a todos, sem seleção, pode, para o autor, absorver sementes estéreis, incapazes de fomentar qualquer tipo de movimentos que provoquem uma verdadeira mudança social.

Esta segunda vertente de seu pensamento liga-se à Teoria Matemática da Comunicação, de Shannon e Weaver. Estes autores descrevem como armadilha semântica todos os ruídos no processo de comunicação. A informação, em sua teoria, é a medida da liberdade de escolha que se tem na seleção da mensagem.

Quanto maior essa liberdade, no entanto, maior seria a incerteza, e maior a informação, produzindo ruídos e distorções da mensagem.⁵⁰ O espaço de fluxos é, portanto, também um reflexo das práticas da sociedade, a tradução da organização social diante da cultura da globalização, com capacidade de adaptar-se ao novo conceito de contexto, buscando o equilíbrio, a partir de nós com potenciais pesos semelhantes. A rede transforma os contornos de todos os ambientes de comunicação:

Uma série de mudanças foi aberta tanto pela arquitetura de interface quanto pela sociedade em rede. No campo micro-cognitivo, o modo como lemos e escrevemos deixou a linearidade e passou à *cibertextualidade*; na atenção, um elemento isoladamente catalogado deu lugar a percepções múltiplas da realidade que ignoram a idéia de espaço e tempo; a linguagem assume contornos narrativos que prezam mais a arquitetura que a substância (Moraes, 2007: 19).

No entanto, enquanto age sobre as relações sociais, a rede é delineada por aspectos da **sociedade neomoderna**⁵¹, baseada no medo, no individualismo e na banalização do risco. Tais características estão dispostas por Richard Sennett, no livro “A Corrosão do Caráter”. Ao analisar as sociedades modernas, o autor identifica três elementos das novas estruturas de poder, cujas raízes - assim como as novas TICs - dão frutos dentro de sistemas democráticos capitalistas, e, ao invés de criarem condições de liberdade aos trabalhadores, acabam gerando novas formas de controle. A reinvenção descontínua das instituições, a especialização flexível e a concentração sem centralização representam, para Sennett, os três elementos do sistema de poder moderno.

⁵⁰ Para Shannon e Weaver, “quando tentamos sobrecarregar um canal, por melhor que seja o código, aumentamos a margem de erro e confusão e diminuímos a fidelidade. Uma teoria geral, em todos os níveis, terá certamente que levar em consideração não só a capacidade do canal, como também a capacidade da audiência. Se sobrecarregarmos a audiência, é provável, por analogia direta, que não a preenchemos, desperdiçando-se as sobras, que transbordam” (Shannon e Weaver, 1975).

⁵¹ O termo “neomoderno” é usado por Rouanet, em lugar de pós-moderno. O autor afirma que falar em pós-modernidade equivale a afirmar que “não somos contemporâneos de nós mesmos” (Rouanet, 1987, apud Salgado, 2005: 24).

A reinvenção descontínua das instituições diz respeito à mudança permanente que, a pretexto de atacar a rotina burocrática do velho capitalismo, busca reinventar as instituições, para que o presente se torne descontínuo com o passado. A especialização flexível, considerada a antítese da linha de produção fordista, coloca no mercado os mais variados produtos em espaço de tempo cada vez menor, permitindo rapidez nas respostas do público e nas mudanças na demanda de consumo. As mutantes demandas obrigam as empresas a se adequarem a constantes reformas. Os modismos impostos, por exemplo, pelas exigências dos selos de qualidade ISO, ilustram bem este tipo de deslocamento. Já a concentração sem centralização permite a concentração de poder nas mãos dos executivos de empresas e de governantes, sem que, com isso, gere a centralização de poder. As sofisticadas maneiras de controle do empregado, como, por exemplo, a adoção de metas desconectadas da realidade da procura ou mesmo a vigilância cibernética são ferramentas dessa nova trama, onde os trabalhadores trocam a submissão ao poder, face a face, por outra, a eletrônica.

Na nova sociedade capitalista, estar continuamente exposto ao risco pode corroer no caráter e provocar a própria banalização do risco, isto é, a preocupação das pessoas passa a ser com o que se pode perder e não com aquilo que se poderia ganhar. Como há um constante “começar de novo”, surge o desprezo pelas experiências acumuladas e pela idade, considerados como sinônimos de rigidez e de resistência à mudança e à flexibilidade. O capitalismo moderno e as novas condições de mercado obrigam as pessoas a assumir riscos, mesmo sabendo que as possibilidades de retorno são tênues.⁵² A flexibilidade, segundo Sennett, acentua assim a desigualdade e o conformismo.

Na medida em que, de acordo com Vaz, na era do “**transcendental tecnológico**”⁵³, a sociedade aposta agora “que o que podemos ser e pensar

⁵² O excesso de qualificação do jovem moderno é exemplo. Apenas um quinto dos empregos nos EUA, porém, exigem diploma. Os vencedores levam tudo, mas o número de perdedores é quatro vezes maior.

⁵³ De acordo com Vaz, o conceito de transcendental tecnológico historiciza a cultura considerando a mudança tecnológica, mas abre o espaço da ação estratégica sobre o que pode ser feito e pensado. “Diferentemente da proposição original de Kant, onde transcendental é condição da experiência possível e atributo de sujeito a-histórico – e do modo como foi trabalhado pelos pensadores culturalistas modernos – que historicizam o transcendental ao pensar que as regras culturais são o esquema conceitual aplicado ao diverso da intuição” (Vaz, 1999: 02).

depende do que somos capazes de fazer”, a leitura de Sennett sobre a sociedade atual, onde as pessoas se preocupam com “o que podem perder e não com aquilo que poderiam ganhar” coloca freios na euforia inicial em relação às novas TICs. Ainda mais quando Vaz acrescenta que o transcendental está afetado de futuro:

Este transcendental objetivo tampouco define as condições da experiência possível ou da experiência presente; delimita, sim, o que poderemos ser e pensar. (...) Ao mesmo tempo, as novas tecnologias deixam indefinido como pensar e experimentar o que instauram como podendo ser pensado e experimentado (Vaz, 1999: 02).

Para Vaz, a transformação do mundo a ser representado em informação a ser processada faz com que a quantidade da informação seja sempre maior do que aquela passível de ser processada. A partir do excesso, ou seja, da fragmentação e da aceleração, o homem chega à sensação de não ser contemporâneo de si mesmo – e esta concepção pode se ligar à discussão levantada por Rouanet entre pós-moderno e neomoderno - devido não ao desconhecimento da história, mas à diferença de ritmo entre a veiculação de informações e a capacidade de absorção dos indivíduos (Vaz, 1999: 05). Surge o paradoxo. Enquanto a internet torna o tempo atemporal, a sua culturalização faz com que o homem passe a viver sobre “pressão temporal”, na medida em que o que importa é processar informações rapidamente, para simular possíveis, produzir futuros e enquadrar cenários, a partir de uma seleção de informações. Tais mudanças conduzem a redução da imagem à quantidade de informação, sem se identificar o conteúdo do mental a imagens. A consciência dá lugar à conexão da exibição do comportamento inteligente.

A atenção, argumenta Vaz, não se dirige para a concepção pragmática e subjetiva da verdade, mas para as formas como uma mensagem consegue se difundir. Sempre que há a impossibilidade da interação face-a-face, o emissor da mensagem deve ter uma imagem que garanta a confiança. Já o receptor é obrigado a uma atitude constante de interpretação.

O que interessa aqui é que a combinação entre os novos processos, o individualismo crescente de nossa sociedade e o espaço como informação produz uma singular redução da tarefa de sair em busca da verdade. O homem é a medida de toda a informação, apregoa um *site* de divulgação de um mecanismo de busca. Retomamos diferencialmente Protágoras porque nosso lote e nosso esforço consumam-se no encontro das informações que desejamos (Vaz, 1999: 08).

E aqui está um dilema. Se há uma redução da tarefa de sair em busca da verdade, estando concentrado o esforço do homem em encontrar somente aquilo que deseja e se se deseja apenas não perder, ao invés de ganhar, conforme diagnostica Sennett, chega-se a perspectivas que colocam em xeque – mas não ainda um xeque-mate - a cultura internet, a neomodernidade e a própria abertura de canais autônomos de participação política. De acordo com Salgado, a queda do muro de Berlim provoca um esgotamento inexorável das energias utópicas, além de deslocamento da bipolaridade ideológica. Para o autor, “a política torna-se desinteressante, supérflua ou pulverizada pela plethora de ONGs e demais organizações do terceiro setor”.⁵⁴ A cultura passa a ser então “o campo de batalha ideológico” do sistema mundial moderno, argumento de Immanuel Wallerstein recuperado por Salgado, no artigo “Desigualdades Culturais e Modernidade Periférica” (Salgado, 2007: 04), um campo, portanto, estratégico, capaz de construir cidadania, mas também de acentuar desigualdades e conseqüentes efeitos nocivos.

Todo campo de batalha envolve camuflagens. Uma delas está, explica Salgado, na ilusão provocada pela expressão “convergência dos meios”. Para o autor, a ambiência de rede proporciona sínteses tecnológicas que “maquiam” as especificidades de cada veículo, auxiliando esse “auto-engano”.

⁵⁴ Este novo cenário confirmaria uma das previsões de Alexis de Tocqueville, que destinava uma agenda de microtemas, nas sociedades modernas, a associações civis e filantrópicas. Para o ensaísta francês, o equilíbrio dos poderes e a participação da sociedade nas decisões públicas não eliminam a tendência de formação de novas elites “aristocráticas capitalistas”, mas, de certa forma, ao contrário da visão apocalíptica de Marx, o autor não aposta em revoluções. Acredita que nas sociedades modernas, na medida em que se tornam mais democráticas, o objetivo passa a ser diminuir as diferenças. (Aron, 2002: 324).

Nesse novo ambiente, popularmente batizado de virtual, mas na realidade ambiente de rede, um fenômeno galvanizou essas operações, sendo, já de senso comum, batizado de multimídia ou hipermídia e, para os mais sofisticados ou pedantes, *ciberespaço*; contudo, do ponto de vista meramente técnico, foi definido como convergência, e suas sínteses criaram a ilusão de que as diferenças entre as mídias (sublinhe-se o plural) desapareceram, conquanto possa-se, por extensão, uni-las na palavra mídia (constate-se o singular) (Salgado, 2006).

A introdução do jornalismo *on-line* e de toda a sua estrutura, como redações interligadas em rede, captura de informações em agências e em *sites* de notícias geram então reações focadas na **disrupção**⁵⁵, como memória e atenção percepto-cognitiva difusa, e na **multitarefa**, para Salgado, característica “demoníaca” do neoliberalismo, que ainda envolve repetição mimética de modismos, reflexão pouco criteriosa e atitude de permanente defesa de editorias, combinando temor de que a **agenda-setting**⁵⁶ parta dos poderes governamentais e a quase ausência de incorporação de pautas de políticas públicas.

O fenômeno da “**convergência**” passa a estar então não na similaridade de características da forma, mas sim na similaridade de conteúdo produzido para e pelos meios diferentes de comunicação. A repetição sistemática dos temas que dão base às informações geradas causa seu reforço exagerado e continuado no ulterior dos próprios veículos de imprensa. A falsa idéia de convergência das mídias é ainda mais acentuada, segundo o autor, a partir da constituição de **enterprise networks**, as famosas redes de serviços e de produtos dos grandes conglomerados da comunicação.⁵⁷

⁵⁵ **Disrupção** é a capacidade cada vez mais latente dos seres humanos em dividir a atenção e processar informações diferentes. “A disrupção é um força centrífuga, que nasce de um ponto central e se espraia em ramificações para fora, constitui não uma forma de distração e sim de atenção” (Moraes, 2007: 48).

⁵⁶ **Agenda-setting** é um tipo de efeito social da mídia que compreende a seleção, disposição e incidência de notícias sobre os temas que o público falará e discutirá (Fernandes, 2003: 01)

⁵⁷ **Enterprise networks** representam o resultado da transformação de empresas transnacionais e globalizadas em grandes conglomerados de serviços diversificados na forma, mas que produzem o mesmo conteúdo. Ou seja, tais grupos investem em canais de televisão, jornais, rádios, cinema, teatro, produtoras, gravadoras, editoras, galerias de arte, institutos de pesquisa, agências de propaganda e marketing e de recursos humanos, bem como em outras empresas de entretenimento, *sites* de informações e de *e-commerce*, de notícias e em *blogs*, entre outras. (Salgado, 2007)

Mesmo diante das transformações, uma antiga fórmula simplificadora permanece, a partir de uma questão feita mais para conservar do que para transformar: “vende-se mais porque é o que o público quer ou pode consumir, ou o público consome porque é o que vende mais?”⁵⁸ Tais junções contribuem para o que vem sendo chamado de tentativa de “**controle do imaginário**”. Pode-se dizer então que se se controla o imaginário, controla-se, conseqüentemente, grande parte da agenda dos “tribunais intrapessoais”, os julgamentos que fazemos diante de um fato A ou B, onde as vozes do júri individual passam a ser meras reproduções das poucas contradições encontradas no mundo objetivo dos homens.

Tudo isso não significa que esse consumidor seja “idiotizado” ou “mesmerizado” em todos os momentos, ou que o faça por prazer, ainda que seja essa a intenção desse sofisticado mercado de bens culturais. Talvez esse consumidor cultural não tenha muitas escolhas possíveis ou não saiba como “acessá-las” (Salgado, 2007).

Trata-se de questão crucial. É lógico que não se pode controlar o gosto – subjetivo - de forma totalitária, mas pode-se rebaixar o gosto da maioria. Não só o gosto, mas as aspirações, as reivindicações e a capacidade de participar, em iguais condições, dos debates nos campos da esfera pública – ou das esferas públicas -, em todos os âmbitos. O rebaixamento do gosto e o estreitamento das opções representam o fechamento do universo locucional, o que Salgado trata como “**controle cultural**”, e que também é representado pelo fenômeno da *peopolização*, abordado por Dominique Wolton, no livro “É preciso salvar a comunicação”.⁵⁹ Gesta-se o consumidor do fragmento, do entretenimento, das

⁵⁸ Não é por acaso que a própria publicidade utiliza essa fórmula até mesmo para ratificar a consistência de uma marca de biscoito no mercado: “O biscoito X vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho porque vende mais?” Ou seja, em nenhum momento, questiona – o que não é objetivo da publicidade - a qualidade do produto, mas sim exalta suas vendas a partir também da qualidade de ser “fresquinho”. Da mesma forma, o conteúdo das *networks*: vende mais e o público consome. Não se questiona portanto a qualidade do que é consumido. O público consome porque é informado que o “produto” vende mais.

⁵⁹ *Peopolização* é o nome dado por Wolton a práticas dos veículos de comunicação que fortalecem a chamada sociedade do espetáculo, como o *reality show*, com o culto às celebridades, mesmo que sejam celebridades produzidas, instantâneas e efêmeras (Wolton, 2006: 66).

celebridades instantâneas, da fusão de estilos e do efêmero, entre outras características. Diante de tal quadro, as pautas informacionais chegam ao malfadado posto de “fabricadoras de consenso”, onde as idéias são, ao mesmo tempo, órfãs e filhas de todos, denotando falta de imaginação ou mesmo pouca apuração de informações.

Diante do fenômeno da “entretenização” da sociedade, a política perde relevância.⁶⁰ Na medida em que há excesso de simbólico nas interpretações, o vazio de sentido advém, entre outros fatos, da ausência de política. Cabe a reflexão de que a convergência da política, mesmo que por partidos diferentes, o que torna os discursos diferentes exóticos, propicia, por um lado, a homogeneidade visível da cultura, e, por outro, a heterogeneidade invisível – ou encoberta – das culturas, da mesma forma que a padronização dos conteúdos dos meios promove a idéia de convergência da forma das mídias.

O resgate de origens e discussões conceituais históricas sobre temas caros na construção deste estudo, abordadas neste capítulo, é base sólida para a seqüência da argumentação. Por isso, a importância de se caminhar pelas características de comunidade, sociedade e esfera pública, de espaço do privado, do público e da opinião pública na evolução das interações individuais e sociais, bem como pelas proposições relacionadas ao ambiente virtual e às relações *cibermediadas*, a partir da formação das redes e da chamada “convergência dos meios”, tratada como padronização de conteúdos e “fabricação” de consensos, o que nem sempre é benéfico para a evolução social.

No entanto, na mesma velocidade com que o capitalismo informacional espalha seus tentáculos sobre os novos formatos e possibilidades políticas, culturais e midiáticas, a evolução tecnológica proporciona novos canais – ou “contra-canais” – de participação individual e de grupo, na produção, distribuição e interpretação de conteúdos. Depois da sucessiva invenção dos meios de comunicação de massa, como rádio, jornal e TV, a internet passa a ser

⁶⁰ Em “O Ornitórrinco”, Oliveira, lembrado por Salgado (Salgado, 2006: 13), constata a atenção irrelevante dada aos assuntos políticos, mas, ainda pior, a clivagem feita por esta sobre a cultura, antiga parceira, sob “o manto inerte da sociedade”.

a esperança. Dentro do campo digital, os portais e *sites*, e, agora, os *blogs*, abrem novo potencial transformador.

Neste primeiro capítulo, buscou-se, em suas quatro seções distintas, pavimentar o percurso para a análise propriamente dita do objeto desta pesquisa: os *blogs* nacionais que tratam de política. Verificou-se, nas duas primeiras seções, as noções de comunidade, sociedade, esfera pública e conversação civil, passando pelos novos patamares de interações individuais e sociais e também pela compreensão de fenômenos como o escândalo e as rotinas burocráticas públicas, fechadas ao público. Nas últimas duas seções, a abordagem se deu sobre as correntes que defendem o espaço dos *blogs* como esferas públicas virtuais, contra-esferas públicas, não-esferas públicas e conversação virtual e às próprias conseqüências das novas tecnologias sobre a estrutura das relações sociais, econômicas e políticas.

Já próximo capítulo traz o histórico dos *blogs*, as taxonomias propostas e as estatísticas relacionadas ao seu uso. Apresenta ainda a netnografia sobre a *Blogosfera* “nacional”, e referências a alguns dos *blogs* políticos mais acessados no país, bem como expectativas e frustrações relacionadas.

Capítulo 2 - A *BLOGOSFERAE A BLOGOMÍDIA*

“Acho que ninguém por aqui joga limpo. (...) E todo mundo discute tão horrivelmente que ninguém consegue ouvir sequer a própria voz. Além do mais, parece não haver nenhum tipo de regras ou, se há, ninguém respeita nada. E você não pode nem imaginar a tremenda confusão que fazem todas essas criaturas vivas. (...) Todo mundo por aqui vive dizendo: venha comigo. Eu nunca recebi tantas ordens em toda a minha vida. Nunca.”

(Alice no País das Maravilhas – Lewis Carroll)

No mundo desbravado por Alice⁶¹, o coelho sempre apressado por se sentir atrasado dita o ritmo da história. A ligação entre os lugares é menos geográfica, acompanhando mais as seqüências de pensamento da menina. Para o chapeleiro louco, são sempre 6 horas, condenação que cumpre por ter querido “matar” o tempo. As cartas do baralho são vivas e se movem freneticamente, embora conservem certa lógica em seus atos, obedientes a uma rainha que ordena sempre a mesma ordem: “cortar as cabeças” de quem não cumpre as regras. Aos poucos, Alice vai desvendando o jogo, desenvolvido em ambiente descontrolado e desconhecido para ela.

O País das Maravilhas pode coincidir com vários campos reais, mas, no atual momento brasileiro, no que diz respeito à política, à cultura e à internet, as linhas de Lewis Carroll servem como fiéis tradutoras de um jogo sem regras claras, mas capaz de forjar vencedores, perdedores, platéias participantes e consumidores do espetáculo. Mais do que as transformações das referências espaço-temporais e da própria alteração da lógica das interações individuais, políticas, sociais, culturais e econômicas, o fato de a capacidade de adaptação

⁶¹ *Alice no País das Maravilhas*, o mais famoso livro de Lewis Carroll, narra o sonho de uma menina. No sonho, ela encontra um lugar com seres e regras diferentes daqueles a que está habituada. Alice cresce ou diminui de tamanho conforme determinadas situações, até encontrar seu tamanho certo. Esta alternância, para alguns estudiosos, é interpretada como o período da adolescência, em que o processo de maturidade em relação ao mundo acontece, mas um processo que se estende por toda a vida. Durante toda a história, Alice busca encontrar o caminho, caminhar com as próprias pernas e, fundamentalmente, pensar com a própria cabeça.

não acompanhar, na mesma velocidade, as mudanças tecnológicas, faz do controle e da liberdade opostos quase inseparáveis. Enquanto o estudo da internet constrói linhas incipientes de pesquisa, o avanço ulterior de suas ferramentas formata derivados tão ou mais instigantes, como é o caso dos *blogs*.

Neste capítulo, são expostos aspectos relacionados ao mais novo fenômeno do ambiente virtual. A partir de linhas de pesquisa recém-criadas, com destaque especial para estudiosos brasileiros, o objetivo é acrescentar uma taxonomia própria, para o estudo de *blogs*, bem como desenvolver uma netnografia sobre a *Blogosfera* política. Busca-se respostas às proposições expostas na introdução desta pesquisa sobre o papel público e político dos *blogs* e da *blogosfera* nacional, bem como sobre a sua real efetividade para a influência e a própria participação na elaboração e implementação de políticas públicas e ações governamentais.

O capítulo é distribuído em três seções. A primeira é dedicada a explicar o funcionamento dos *blogs*, a sua historicidade e as classificações existentes, bem como as estatísticas de acesso. A seção inclui ainda as expectativas iniciais relacionadas ao potencial democrático desta ferramenta e as próprias perspectivas de mudança no padrão de produção do jornalismo tradicional. Raquel Recuero, Francisco Coelho dos Santos e Alessandra Aldé, Juliana Escobar e Viktor Chagas são a base.

A segunda seção explica a netnografia em si, com o detalhamento dos critérios adotados para a proposição de uma classificação específica para o estudo de *blogs* políticos, bem como para a própria escolha de alguns *blogs* como referenciais do estudo. Por consequência, são descritas as observações obtidas a partir do acompanhamento destes *blogs*. Na última seção, busca-se cunhar o conceito de *Blogomídia*, a partir da análise exposta na seção anterior e das perspectivas de estudos sobre os fluxos informacionais na internet, como nos trabalhos de Henrique Antoun, Paulo Vaz e Elias Machado, e sobre mimetismo, a partir dos argumentos de Aristóteles, Platão e Erick Auerbach.

2.1. Da tagarelice teclada ao contra-poder do quarto poder

Há divergências sobre quem teria sido o autor do primeiro *blog* do mundo. No entanto, os registros dão conta de que a aparição acontece entre os anos de 1994 e 1995⁶². Em 1997, nos EUA, surge o nome *weblog*, com *web* referindo-se à rede e *log* a registro e conexão⁶³. Em 1999, a palavra é quebrada em duas: “*we blog*”, ou seja, “nós blogamos”. O programador Peter Merholz teria sido o primeiro a abreviar *weblog* para *blog*. Nesta época, para se criar um *blog* é preciso conhecer a linguagem técnica. Em 2002, porém, as ferramentas⁶⁴ de criação e manutenção dos *blogs* são disponibilizadas aos leigos e o número de *blogs* passa, em três anos, a ser 60 vezes maior, com a média de 175 mil novas páginas criadas por dia, uma por segundo. Além disso, de acordo com o Technoratti⁶⁵, atingem a média de 18,6 postagens⁶⁶ por segundo. Os *blogs* passam a ser sistemas consistentes de micro-conteúdo postados por milhões de pessoas em grupos com os quais se familiarizam.

Em 2004, a palavra *blog* foi a mais procurada/consultada nos mecanismos de busca da internet. Hoje, para cada 25 pessoas *on line*, uma tem *blog*. De acordo com pesquisa, divulgada no último mês de agosto, pela Intel, são 170 milhões de *blogueiros* no mundo, sendo, em março de 2007, 5,9 milhões no Brasil⁶⁷. O país ainda tem o quinto maior grupo de leitores de *blogs* do planeta - 10% mais leitores do que a média mundial - e é o terceiro com maior número de

⁶² De acordo com Paquet, o primeiro *weblog* é criado por Tim Berners-Lee, com o nome de “*What’s New?*”, com a característica de levar a novos *sites*. O segundo *weblog* tem também o mesmo nome “*What’s New?*”, e é criado por Marc Andreessen. No Brasil, o *blog wiredkitsune*, datado de 1998, da gaúcha Viviane Menezes, é apontado como o pioneiro (Dreves, 2004, p.16).

⁶³ Há outra forma de interpretação, como *web*, referindo-se à rede ou teia, e *log*, a diário ou livro de bordo usado por navegadores ou aviadores. Para Santos, *weblog* seria então um diário de bordo na rede. (Santos, 2007)

⁶⁴ As ferramentas *Pitas*, *Pyra*, *Blogger* e *Groksoup* são os primeiros dispositivos, de fácil criação e atualização de *blogs*, a serem disponibilizados aos internautas. Como é o caso hoje das ferramentas oferecidas pelos servidores brasileiros, *Blogger*, *Weblogger*, *Blig*.

⁶⁵ Technoratti é um dos medidores de uso e acesso aos *sites* e *blogs* da internet.

⁶⁶ Classifica-se como postagens ou *posts*, neste caso, apenas as reflexões e comentários inseridos pelo proprietário de cada *blog*, o que significa dizer que o número de comentários feitos por visitantes nos *links* destinados à sua participação apresenta índice exponencialmente maior.

⁶⁷ Especialistas, no entanto, afirmam que os números devem ser vistos com precaução, na medida em que pode haver sub-avaliação. Isto porque há *blogs* dentro de *blogs*, o que elevaria consideravelmente a quantidade estimada.

blogueiros. Outro dado informa que, de cada quatro brasileiros internautas, um acessa ou tem *blog*. A popularização mundial dos *blogs* e dos *blogueiros* passa a interferir em todos os campos, inclusive na política e na economia.

Em 1998, um *blog* de um jovem vendedor de camisetas quase derruba o presidente dos EUA, ao denunciar que a revista *Newsweek* teria omitido uma reportagem sobre o envolvimento de Bill Clinton com sua estagiária Mônica Lewinsky. Ele acendeu a pólvora de um dos maiores escândalos relacionados à Casa Branca. Em 2003, a população mundial serve-se de detalhes dos ataques americanos a Bagdá a partir de relatos do *blog* “*Where is Raed?*”, do iraquiano Salam Pax, sobre e sob bombardeios, sendo muitos destes textos dissonantes do que é publicado nas mídias convencionais. No ano seguinte, *blogueiros* americanos gravam um vídeo amador sobre como abrir, com uma caneta *Bic*, os cadeados da *Kryptonite*, a mais conceituada empresa de segurança do setor. O prejuízo é de US\$ 10 milhões para a fabricante.

No início, os *blogs* aparecem como diários pessoais tornados públicos⁶⁸, prática chamada por Santos de “tagarelice teclada”, onde, além da simples conversa, envolvem elementos narcísicos e exibicionistas. São vistos ainda como herdeiros das páginas pessoais, com mais dinamismo e mutabilidade (Recuero, 2002, p.02 a 04). Em seguida, os *blogs* temáticos passam a ser criados. Em ambos, o que os caracteriza como *blogs*, conforme delineado por Blood, é a presença de *links* e dicas sobre *sites* menos conhecidos, além de comentários do *blogueiro* sobre seus temas favoritos. Há ainda a possibilidade, desde que seja assim configurado pelo *blogueiro*, de que qualquer leitor discuta ou argumente sobre o texto, podendo ainda servir-se da ferramenta de *trackback*⁶⁹. Outra característica inerente aos *blogs* é a “memória”, na medida em que os novos materiais postados não substituem os atuais, como acontece em outras publicações eletrônicas, mas são, isto sim, acrescentados, permitindo consultas em arquivos armazenados em qualquer época.

⁶⁸ Recuero (Recuero, 2002: 04) lembra ainda a denominação aos *blogs* de “ciberdiários”, cunhada por Lemos.

⁶⁹ O *trackback* permite que um determinado assunto discutido em um *post* (bloco de texto) e que também está sendo discutido em outros *blogs*, possa ser referenciado.

Os *blogs* são ainda distribuídos em livres e temáticos, e em coletivos ou individuais, conforme o número de pessoas que os gerencia, embora os individuais constituam a maioria, como uma espécie de “personalização” dos *websites* originais.

Os *weblogs*, enquanto páginas pessoais, são extensões da própria percepção de si dos *blogueiros*, quase uma extensão também de seus sentidos, como diria McLuhan, e possuem uma relação íntima com a própria "idéia de si" dessas pessoas (Recuero, 2004: 03).

Na fase seguinte, aparecem o que Recuero chama de “publicações eletrônicas”, destinadas a informação, notícias e comentários sobre os temas desenvolvidos. A autora, então, cria uma taxonomia, distribuindo os *blogs* em diários eletrônicos, publicações eletrônicas e publicações mistas. No primeiro caso, estão voltados para fatos da vida pessoal do autor, servindo basicamente como seu canal de expressão. No segundo, destinam-se à informação, contendo notícias, dicas e comentários sobre determinados assuntos, baseados no tema do *blog*, podendo ser cultura, política, música, tecnologia, esporte ou outros. Já a terceira categoria mescla postagens pessoais sobre a vida do autor e informativas e opinativas, a respeito de assuntos preferidos do mesmo.

Recuero ainda fala em outras duas categorias: *blogs* literários e *clippings*, que se relacionam respectivamente ao ato de contar uma história ficcional e/ou reunir um conjunto de crônicas e poesias e à publicação de um apanhado de *links* ou recortes de publicações de outros *blogs* e/ou *sites*. Ela chama a atenção para o fato de que, se os *blogs* do tipo “diários eletrônicos” são pessoais, personalizados, aqueles que lidam com informações também o são. Neste caso, funcionam como a voz e o pensamento de si. Opiniões, relatos, informações e textos têm sempre o ponto de vista de alguém. Os *blogueiros* desejam que o leitor saiba que aquele espaço é "seu". “Por conta disso, elementos como a descrição pessoal do indivíduo, o uso da primeira pessoa, o uso das fotografias, a assinatura em todos os *posts*, são freqüentes” (Recuero, 2002: 10).

Há outras classificações que já aparecem em trabalhos acadêmicos como *blogs* “oficiais” e “não oficiais”, “produtores de conteúdo” e “de captura de conteúdo”⁷⁰, entre outras. A própria evolução das taxonomias relacionadas indicam efeitos consistentes da multiplicação dos *blogs*. Para Santos, como vetores de fenômenos coletivos de agregação quase imediata, os *blogs* acabam assumindo a feição de uma ação social de efeitos planetários, baseados na lógica chamada de “**many to many**” ou “muitos para muitos”, o que chama de *buzzes* – ou *boca a boca high-tech*. Esta linha pode ser encontrada nos estudos de Aldé *et alii*. Ao tratarem de *blogs* políticos e jornalísticos, os autores associam as páginas pessoais à pluralização da emissão de conteúdos, à auto-expressão e à interação e cooperação entre autores e leitores. Os *blogs* poderiam assim apontar para uma experiência de comunicação horizontal, possibilitando formas de debate público plural e democrático, ou seja, a construção de uma esfera discursiva e de uma opinião pública consistente. Constituiriam assim um híbrido entre o imperativo temporal da notícia – a novidade – e a condição do debate, da crônica pessoal.

Em artigo seminal, os autores demonstram como os *blogs* políticos passam a constituir um importante canal de comunicação, a partir da crise política e dos escândalos públicos, no Brasil, em 2005.

Os *blogs* de política canalizaram um certo público participativo, permitindo o debate em vários fóruns de conversação, amplos e restritos, e realizando-o maciçamente nos espaços mantidos por jornalistas já reconhecidos por sua atuação na imprensa tradicional (Aldé *et alii.*, 2007: 30).

Aldé *et alii* fazem a distinção entre *blogs* de jornalistas, de opinião e amadores, de acordo com diferenças de reconhecimento pessoal.⁷¹ Dividem os *blogs* em três categorias: “vinculados à grande imprensa tradicional”, “abrigados em um grande portal” e “independentes”. No último caso, estão agrupados os

⁷⁰ Blogs “oficiais” seriam aliados do poder público; “não oficiais”, não aliados; “produtores de conteúdo” os capazes de produzir informações, notícias e opiniões; e de “captura de conteúdo” os que agem como “parasitas”, sugando informações na imprensa convencional, produzindo *clippings*.

⁷¹ Os desdobramentos relacionados a essa distinção estão detalhados na terceira seção deste capítulo.

anônimos ou assinados e de jornalistas ou autores sem o mesmo reconhecimento profissional e social dos famosos. Os autores recorrem a John Thompson, quando este diz que os meios de comunicação de massa tornam-se agentes envolvidos no processo de revelação e desenvolvimento dos fatos, como os escândalos políticos, ao lado de outras instituições políticas, policiais e jurídicas. Desta forma, como os veículos mantêm relação entre si e influência uns sobre os outros, os *blogs* passam também a participar da trama de escândalos que mobiliza a opinião política, e, no caso de 2005, atraem tanto o público interessado em política quanto o chamado “público consumidor de escândalos”:

A crise política tornou-se assunto de *blogs* de opinião mais gerais e deu origem a *blogs* que antes não existiam, além de multiplicar a frequência dos mais antigos. O de Ricardo Noblat⁷², paradigmático da tendência, começou em março de 2004, quando ele mantinha uma coluna dominical no jornal O Dia. Três meses depois, Noblat deixou de escrever para o impresso. Quando eclodiu a crise, em maio de 2005, Noblat não estava, portanto, vinculado a um veículo tradicional. Por outro lado, acumulava mais de 30 anos de experiência como jornalista. Este reconhecimento público colocou-o numa posição privilegiada: sua experiência passada reforçou seu papel de autoridade cognitiva e, não estando subordinado a grupos políticos ou empresários de mídia, pôde em vários momentos reivindicar a credibilidade que advém da independência (Aldé *et alli*, 2007: 32).

No entanto, não basta independência. É preciso ser visto, tornar-se visível na concorrência com outros *blogueiros* políticos, com outras categorias de *blogs*, com outros atrativos da internet e, por fim, na disputa da própria internet com outros veículos de comunicação. Para isso, a maioria dos *blogs* forma uma

⁷² Ricardo Noblat é jornalista e blogueiro. Em 2005, tem seu blog citado como fonte de informação, durante depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito, pelo deputado Roberto Jefferson, autor da denúncia sobre um esquema de corrupção entre Executivo e Legislativo, chamado de “mensalão”. A citação consolida o papel dos *blogs* como veículo importante de comunicação no meio político brasileiro. Os próprios políticos passam a enviar comentários não só no *blog* de Noblat como nos de outros jornalistas e/ou *blogueiros*. O senador Eduardo Suplicy chega a anunciar publicamente a mudança de um voto no Conselho de Ética, devido a opiniões lidas no *blog* de Noblat (Aldé *et alli*, 2007: 32). Noblat recentemente voltou à mídia impressa e mantém uma coluna no jornal O Globo.

espécie de aliança com outros *blogs* que publicam assuntos correlatos ou que, pelo menos, são bem acessados, ou seja, populares. Em “Blog e Jornalismo Online”, Aleta Dreves, observa que, “por vivência na própria internet, construindo, renovando e visitando *blogs*, é que se torna possível manter um ciclo de visitas” (Dreves, 2004: 15). A este círculo de amizades, Recuero chama de **Webring**⁷³.

Os *weblogs* são também organizados em torno de redes. Cada *blog* traz em si a idéia de um indivíduo, aquele que se manifesta através do *blog*. (...) Utilizamos o termo *webring* para definir círculos de *bloggeiros* que lêem seus *blogs* mutuamente e interagem nesses *blogs*, através de ferramentas de comentários. Os *blogs* são *linkados* uns nos outros e formam um anel de interação diária, através da leitura e do comentário dos *posts*. Os indivíduos chegam a comentar os comentários uns dos outros ou mesmo a deixar recados para terceiros nos *blogs* (Recuero, 2004: 07).

De acordo com Recuero, essas interações formam uma espécie de “vizinhança” no *ciberespaço*, mas uma vizinhança de afinidades e interesses comuns. A ferramenta de comentários permite então que o *blog* seja um espaço de discussão, de interação mútua, capaz de gerar laços sociais e comunidades. Neste caso, considerando os *webrings* como redes e as redes como espaços de fluxos, o “fluxograma” dos *webrings* seria dividido, conforme a autora, entre *blogs*, comentários e *trackbacks*. Os *blogs* seriam os nós principais dos *webrings*, sobre os quais se estabelecem os *links* que formam a rede, os comentários e o espaço de interação dos *blogs*; e os *trackbacks* formariam o espaço de junção dos nós. Os sujeitos, representados pelos *blogs*, comentários e *posts*, também seriam constituídos de fluxos de informação, entrecruzados e chocantes com outros fluxos.

A noção de *webring* está intimamente ligada à idéia de comunidade virtual, de Reinghold, aquela por afinidade de interesses e de gostos, por grupos de

⁷³ Há autores que tratam *webrings* também pelo nome de *blogrolls*, no sentido de vizinhança. Os *blogrolls* são círculos mais fechados em torno de uma posição ideológica específica. Já os *webrings* seriam vizinhanças, embora não como condomínios fechados, mas como bairros abertos, podendo se ligar a outros, independente da posição ideológica ou partidária (grifo nosso).

discussão e produção de conhecimento temático, formados por interação e conversa no ciberespaço. Santos, por sua vez, lembra do jargão “*evangelic customers*” – ou clientes missionários -, usado por profissionais de propaganda e marketing para identificar admiradores que, em comum, possuem fervor quase religioso por determinado objeto ou marca. Na associação com a tecnologia, formam-se as *web-based communities*, comunidades baseadas na rede, das quais os *blogs* são exemplo. No entanto, segundo Santos, além de permitirem essa aproximação por afinidades, os *blogs* representam um outro fenômeno dos tempos modernos, onde, na falta de quadros de referência sócio-culturais estáveis, cada um fala por si:

(...) Fazem falta também os discursos ou as narrativas aos quais se podia delegar a responsabilidade pelo que ocorre e pela esperança em um futuro radioso, aquele dos amanhãs que cantam. Época na qual reina uma desconfiança crescente em relação à idéia de representação e em que, por conseguinte, cada um prefere falar por si próprio e responder pelo que diz, acreditando que o testemunho de cada individualidade vale tanto quanto o de qualquer outra, mesmo o daquelas que, até há pouco, eram consideradas e/ou se consideravam autorizadas a explicar a marcha do tempo. Tempo, enfim, em que a interioridade sai das profundezas, vem à tona e se exibe cada vez mais, o íntimo abandona suas reservas, deixa de se esconder e insiste em se fazer público, assim como a subjetividade que quer se expor, adquirir visibilidade, objetivando-se para quem se proponha a observá-la (Santos, 2007).

À análise de Santos, pode-se relacionar o pensamento de Wellman. Para o autor, no artigo “An Electronic Group is Virtually a Social Network”, a aproximação entre *blogueiros* é a base da constituição de “comunidades personalizadas” ou “individuais”. Wellman distribui as relações entre indivíduos integrantes das redes em três níveis. No nível primário, as interações estão baseadas na família e na comunidade. No secundário, que seria uma evolução, encontram-se encarnadas na associação. Atinge-se, depois, um terceiro estágio, o das redes centradas no eu, o das “comunidades personalizadas”. A esta

evolução, Welmann chama de “**privatização da sociabilidade**”, na medida em que o laço social, no ciberespaço, pode ser extremamente eletivo. É interessante notar o quanto este terceiro nível também corresponde aos argumentos de Oldenburg e de Bauman, quando falam sobre a morte dos espaços públicos como espaços civis na arquitetura moderna das grandes cidades.

Chega-se então à idéia de que as redes de sociabilidade são individuais, baseadas em laços sociais formados a partir de interesses particulares. Welmann pontua, no entanto, que nem toda rede na internet é uma comunidade. Na mesma direção, Recuero enfatiza que nem todo *webring* é uma agregação com caráter comunitário. Destas noções, derivam duas correntes de análise e interpretação das potencialidades da *Blogosfera*. A primeira a vê como inauguração de uma espécie de comunismo virtual, o que ultrapassa a noção de esfera pública autônoma ou de contra-esfera pública. A segunda a vê como uma *small media* ou *small voice*, cuja tradução literal corresponde à mídia pequena ou voz dos pequenos, respectivamente.

A idéia de comunismo virtual, já adotada por movimentos anarcocomunistas, é abordada por Henrique Antoun, no artigo “Multiplicação na rede”. Neste estudo, o autor descreve as redes de parceria como constituintes de comunidades sólidas, cuja base é a economia do dom. Esta pode ser tratada como o sistema de trocas na rede, onde um usuário disponibiliza o seu arquivo, por exemplo um arquivo de música, sem exigir nada em troca. O orgulho das pessoas passa a ser pelo que ofertam e não pelo que possuem.

O modo de relação conceituado como economia do dom, ou economia da dádiva, tem sua lógica de funcionamento baseada no par dádiva-dívida. O segundo passo é o surgimento de uma “dívida moral”, após a oferta. O parceiro que usufrui do bem ofertado à comunidade torna-se moralmente endividado, débito esse que apenas pode ser pago com a oferta de outro bem. A relação poderia ser resumida na tríade dar-receber-retribuir (Antoun, 2003: 05).

Antoun recorre a Gifford Pinchot para descrever esta dívida moral como um novo conceito de individualidade e de sociabilidade, uma visão de que o todo

afeta cada um, a contribuição para outro parceiro melhora a rede e, em última instância, tal benefício afeta o próprio bem-feitor. Ele ainda enfatiza que a economia do dom não está somente na internet, mas em outros setores, como, por exemplo, o de doação de sangue, onde os doadores, à exceção de casos específicos, têm como objetivo único fazer o bem para a sociedade de uma forma geral, não se importando para quem estão doando.⁷⁴ O autor chama atenção ainda para o fato de que, além dos bens, o trabalho pode ser igualmente ofertado para as comunidades, e cita como exemplos as comunidades Hacker e GNU/Linux. Na Hacker, sem controle centralizado, cada participante oferece esforço e tempo no desenvolvimento de aplicações apenas em busca de reputação, mas que podem gerar benefícios.

Até mesmo o homem mais rico do mundo, Bill Gates, já atuou de forma que sua oferta antecipou uma suposta demanda, no caso do navegador Internet Explorer. Quando Bem Slivka sugeriu que a Microsoft distribísse seu navegador à la Netscape, Gates explodiu e o chamou de ‘comunista’. Apesar disso, o Internet Explorer tornou-se gratuito (Antoun, 2003: 07).

Já na GNU/Linux, o programa é “escrito” a milhares de mãos. É o chamado sistema aberto, ou seja, pode ter seus códigos-fonte alterados e melhorados, conforme a conveniência de cada um, mas, dessa forma, o trabalho de inúmeros programadores acaba melhorando o produto para o bem coletivo. O programa, concorrente direto do Microsoft Windows, já vem sendo adotado pelo governo brasileiro e é tratado como o símbolo do software livre, envolvendo a prática de liberdade de expressão, cooperação, compartilhamento, distribuição e experimentação.

⁷⁴ De acordo com Antoun, outro exemplo de comunidade que funciona baseada na economia do dom é a comunidade acadêmica: “Um pesquisador tem sua reputação definida não pelo que sabe, mas pelo que produziu de conhecimento, produção esta que apenas pode ser medida com a publicação dos trabalhos por parte do autor. Sendo assim, o pesquisador vale pelo que contribui para a comunidade acadêmica. Sua reputação pode lhe render resultados práticos, como acesso a pesquisas de valor equivalente e convites para aulas, palestras e parcerias, mas também resultados no tocante ao seu status. Este tipo de economia é típico de culturas com abundância, não de culturas com escassez” (Antoun, 2003: 06).

Diante dessas perspectivas, as correntes que defendem os *blogs* como espécies de *small media* e de *small voice* apostam em características novas dentro do espaço digital e na quebra de padrões na maneira convencional de fazer circular informações, o que, de forma inequívoca, contribuiria para a melhoria das relações sociais e para a construção de um novo bem comum, envolvendo a democratização da produção, da veiculação e das interpretações da informação. Tais mudanças estão relacionadas fortemente à possibilidade de narrativas polifônicas, envolvendo um leque amplo não só de informações, mas de análise e reflexões sobre as notícias. Também estão ligadas aos processos de *linkagens*, ou seja, ao desdobramento não linear da informação, a partir de sua conjugação com as fontes originais e com conteúdos de outros *blogs* relacionados aos assuntos noticiados. A livre circulação das notícias, ou seja, a comunicação horizontal proporcionada por fluxos informacionais difusos seria outro forte bloco nesta base.

O agrupamento das novas características potenciais trazidas pelos *blogs* sugeriria o que muitos tratam como “a morte” do jornalista e do jornalismo convencionais, na medida em que a objetividade, a busca da imparcialidade, a padronização na forma de dar a notícia, o *dead-line*⁷⁵, a centralização e o oficialismo⁷⁶, entre outros elementos que simbolizam o jornalismo tal qual ensinado nas faculdades e praticado nas mídias tradicionais, não seriam priorizados nos *blogs* dedicados a prestar informações.

O jornalista-autor não tem medo de ser subjetivo e perder credibilidade, na realidade, sua subjetividade confere-lhe uma aura, suscita o surgimento de leitores-cúmplices de sua visão de mundo. Já o hibridismo de gêneros, em que a

⁷⁵ *Dead-line* é o tempo limite que o jornalista tem para entregar a matéria pronta, apurada e redigida.

⁷⁶ De acordo com os manuais de jornalismo, as fontes são classificadas em oficiais, oficiosas e independentes. Oficiais são mantidas pelo Estado, por empresas e organizações, como sindicatos ou associações. Oficiosas são relacionadas de forma direta a uma instituição ou personalidade, mas sem poder de representação. Independentes não mantêm vínculo direto com o caso tratado. No entanto, Elias Machado, no artigo “O ciberespaço como fonte para jornalistas” (Machado, 2002: 05) recorre a argumento de Nilson Lage, para o qual o mau hábito de julgar as fontes oficiais como as mais confiáveis trata-se, de um vício no jornalismo porque a mentira ocupa lugar estratégico nas intervenções de personalidades ou instituições vinculadas aos poderes fáticos quando da defesa de interesses particulares, difundidos como manifestação da vontade coletiva. E, mesmo com a comprovação da parcialidade dos detentores dos poderes sociais, a estrutura centralizada do jornalismo convencional gera uma supremacia absoluta das fontes oficiais.

linguagem objetiva não é tão importante, permite a construção de uma cobertura mais complexa, mais aprofundada. Por meio da participação dos leitores, que comentam o conteúdo dos *blogs* e se colocam no papel de revisores, instaura-se um mecanismo de auto-correção. Nesse sentido, erros decorrentes da rápida apuração são atenuados pelo olhar atento dos leitores (Geraldes, 2005: 01).

De acordo com Elen Geraldes, no artigo “A vocação política dos blogs de notícias”, os *blogs* de notícias recebem dois tipos de influência, que, a princípio, seriam antagônicas. A primeira envolve a linguagem descontraída, personalista e narcisista dos diários eletrônicos. Já a segunda está ligada aos valores-notícia e à noção de interesse público do jornalismo convencional. A inserção dos *blogs* no concorrido mercado de notícias poderia assim recuperar o jornalismo político anterior à perspectiva da Indústria Cultural, ao crescimento do entretenimento, do show e da comunicação como anestésico social. Representaria, para a autora, a própria reconstituição da esfera pública, minada na contemporaneidade pelo individualismo, pela solidão e pela violência.⁷⁷ Os blogs de notícias, segundo Geraldes, passam a ter o potencial de resgatar a complexidade, a polêmica e a força do debate político quando se chocam com o jornalismo conivente, amistoso com o neoliberalismo, onde os muitos veículos não constituem opções.⁷⁸

O cenário de superficialidade, para a autora, atinge em cheio o jornalismo político contemporâneo, permeado de preconceitos que são absorvidos e repetidos sistematicamente, como o da noção generalista da falta de ética da política. A consequência é a formação de “desistentes” ou “resistentes” à participação na esfera pública.

⁷⁷ Para Geraldes, no mundo de pluralidade e conflito, a mídia muitas vezes recusa o desafio de debater a complexidade dos pólos em tensão, preferindo, por exemplo, “a ‘notícia’ bonitinha, rápida, agradável, os amores de uma chimpanzé, o casamento do super-herói, as receitas típicas de uma data religiosa” (Geraldes, 2005: 02)

⁷⁸ Geraldes (Geraldes, 2005: 02-3) cita B. Kucinski, quando este afirma que a toda a pressão econômica e política ulterior aos meios de comunicação tradicionais pode ser creditado o aprendizado para a conformação, a conformidade e não o confronto, diagnosticado entre a massa de jornalistas – operários dos veículos convencionais.

A cobertura política encolhe e é permeada por visões de mundo pré-concebidas. A mídia enaltece o chamado “alto clero”, os parlamentares com mais peso político, experiência e tradição, cobrindo com displicência o “baixo clero”, os menos conhecidos. Vários projetos entram em pauta, temáticas importantíssimas são debatidas nas comissões, mas continuam longe do público, porque uma das convenções da mídia é cobrir o produto, e não o rico processo de debate político, com seus interesses, negociações, manobras e conquistas. (...) Freqüentemente, o jornalismo toma a política pelos políticos. Trata a política como meramente institucional e não como parte da vida das pessoas, espaço onde se dá a negociação e onde se constrói o consenso. Em última instância, a negação da política é a negação da possibilidade (e até da necessidade) da esfera pública (Gerald, 2005: 05-6).

Conforme Gerald, a estrutura do jornalismo convencional faz com que o seu jornalista, mesmo sem perceber, ao recorrer às suas fontes, vá tecendo o dizer de outros para construir o seu discurso, negando as pontes que vai construindo. No entanto, sempre deixa pistas, marcas, mostrando que, onde pensa estar só o jornalista, acompanham discursos “de seu grupo, de sua geração, de seu tempo, o discurso de seus limites e de suas possibilidades”. Já o *blogueiro* é potencializado como um gestor de informação, recorrendo a outros veículos, comparando e agregando discursos. A interdiscursividade entre os “produtores de conteúdo”, que não precisam ser necessariamente jornalistas, e a descentralização das fontes constituiriam as principais diferenças dos *blogs* para as mídias convencionais e para o próprio jornalismo digital dos *sites*⁷⁹.

Diante das novas possibilidades, além da morte do jornalista-padrão, a *Blogosfera* informativa seria também responsável pela morte do jornalista “sabe-tudo”. Ao contrário do jornalismo convencional, onde a exigência de agilidade e de domínio de temas nem sempre conhecidos do profissional levam à superficialidade ou a grosseiras distorções na abordagem de determinada

⁷⁹ A diferença entre maneiras de informar mesmo dentro da internet deriva do fato de que, enquanto os editores e proprietários dos veículos profissionais promoviam inúmeros congressos para delinear as linhas do *webjornalismo*, acabando por apenas reproduzirem na tela o que faziam no impresso, caso da grande maioria, a tendência nascia e escapava-lhes às mãos, através dos *blogs*.

notícia, o *blogueiro* pode triar as informações de acordo com seu interesse, com seu conhecimento e com seus “valores-notícia”, tendo tempo para pesquisar e refletir, sem, no entanto, ter que descartar, em alguns casos, a própria curiosidade profissional.

Além disso, o jornalista dos *blogs* de notícias reafirma a esfera pública também, de acordo com Geraldine, porque não se camufla em padrões de objetividade, mas assume o lugar do mundo de onde está se falando, sem o medo capitalista da perda, no caso do mercado da informação, da perda de anunciantes ou leitores. Outro ponto positivo para os *blogs* é levantado por Machado. Segundo ele, pela primeira vez, os movimentos sociais, até então atores políticos dependentes da estrutura midiática convencional, podem, no ciberespaço, contribuir para o espaço democrático, já que a difusão do seu registro verbal não passa, neste ambiente, pela mediação de organizações jornalísticas e pelos impedimentos que a tecnologia por elas dominadas impõe. Como exemplo, cita o caso do Movimento dos Sem Terra (MST), que geralmente ganha cobertura jornalística somente quando ocorre uma tragédia ou uma ação de afronta.

A natureza da estrutura das redes telemáticas transforma movimentos sociais como o MST, classificados pelo campo jornalístico como fontes primárias, envolvidas como atores no desenvolvimento da ação descrita na notícia ou reportagem, em difusores para o conjunto da esfera pública comum de uma agenda temática que, desconectada da realidade imediata dos demais setores, somente merece destaque dos meios convencionais durante momentos de conflitos. (Machado, 2002: 05)

O autor ainda lembra o que chama de “**profissionalização das fontes**” como outro aspecto do jornalismo das sociedades complexas a ser confrontado pelo ciberespaço. O fenômeno está ligado à multiplicação de assessorias de comunicação ou de relações públicas, tanto no meio público quanto no privado, voltadas para incluir temas particulares no fluxo de sistemas de circulação de notícias. A profissionalização das fontes constitui, assim, para Machado, uma

das especificidades do processo de coleta de dados, produção e circulação de conteúdos, o que, de certa forma pode ser entendido, lembrando Giddens, como a constituição de um “sistema perito”, destinado a fazer com o que esteja à margem seja considerado e visto nos meios oficiais de comunicação, a partir da inserção de temas, de pessoas e de grupos no fluxograma vigente daqueles que dominam os meios de informação.

Já no jornalismo digital dos *blogs*, este paradigma seria quebrado pela arquitetura descentralizada, o que “altera a relação de forças entre os diversos tipos de fontes, porque concede a todos os usuários o *status* de fontes potenciais para os jornalistas” (Machado, 2002: 06)⁸⁰. A implosão da lógica do jornalismo convencional dilui, assim, o papel do jornalista como o único intermediário para filtrar as mensagens autorizadas a entrar na esfera pública. O jornalismo chapabranca, aquele que confere grande credibilidade às fontes oficiais ou, para falar de forma incisiva, faz o jogo dos ocupantes dos poderes constituídos, cede lugar à tendência de transformação dos próprios usuários do *ciberespaço* em fontes não menos importantes.

Com os *blogs*, personalistas por essência, o potencial é o de que todos têm condições de participar do processo de coleta de dados, produção de conteúdo e circulação tanto de informação quanto de opinião. Essa transformação é vista, por Machado, como o deslocamento do lugar das fontes da esfera do oficial ou do oficioso para o domínio público, na medida em que há multiplicação de fontes e facilidade de obtenção de arquivos armazenados nas páginas individuais, nos bancos de dados públicos e nas redes de circulação de notícias.

⁸⁰ Para Machado, enquanto o sistema de cobertura setorizada dos meios convencionais, alicerçado numa estrutura de redação centralizada dividida em editorias reforça o vício do recurso às fontes oficiais, uma redação descentralizada que opera dentro de um projeto de afinidades temáticas estimula a diversificação das fontes. Ele ainda fala no fim da “síndrome das declarações”, pois, antes de sair à procura de uma personalidade qualquer para ouvir uma declaração sobre determinado assunto, consistindo a notícia na própria declaração, conforme praxe no jornalismo tradicional, o jornalismo nas redes faz da declaração apenas um elemento de reforço da notícia e um ponto de partida para novas expressões sobre o caso. A perspectiva de cobertura muda para aprofundar temas de interesse coletivo. Na cobertura do Congresso Nacional, por exemplo, passa a valer mais a investigação sobre projetos na ordem de votação, pareceres de relatores, emendas propostas no orçamento, relações entre projetos, etc (Machado, 2002: 08).

O jornalismo alternativo e/ou militante, conforme Santos, faz uso da mais atualizada tecnologia de comunicação para contornar, corrigir ou complementar os órgãos da grande imprensa, formando um denominador comum com a trivialidade cotidiana do diário íntimo – sem desconsiderar as especificidades de cada um – que se apóia no tripé composto por uma idéia, uma atitude e um instrumento. O instrumento seria o modelo de *software* utilizado para as publicações. Idéia e atitude formam, para o autor, uma parceria.

A informação não tem que estar, mas também não deve estar acantonada unicamente nos órgãos da chamada mídia tradicional, da imprensa especializada ou dos manuscritos guardados a sete chaves. Instalada nesses locais onde de há muito vem sendo produzida, ou ela se reduz a algo de leve que se colhe e se consome displicentemente — sem precisar pensar, é evidente — ou se converte em algo de pesado e indigesto a cujo poder se fica submetido, na verdade, em situação de irremediável impotência. (...) Daí a atitude que consiste em tornar público e partilhar em coletivos de amplitude e geometria variáveis o que antes pôde ter sido considerado como suficientemente valioso para ficar restrito a poucos — e mesmo a um só indivíduo —, isto é, mantido na discrição que se reserva a um bem raro, ao mesmo tempo privado e precioso. A informação concebida como um tipo de fluido feito para difundir-se, a necessidade de comunicar(-se) e de interagir, bem como a possibilidade de realizar tudo isso com a facilidade que a ferramenta oferece, fazem com que os blogs pareçam ser um bom veículo para os mais diversos conteúdos, para além de uma *rele tagarelice* online (Santos, 2007).

Francisco Coelho dos Santos, no artigo “Boca a boca high-tech: os blogs e as relações público-privado”, enfatiza ainda o papel de contra-poder exercido pelos *blogs* não propriamente em relação aos poderes oficiais, mas à própria imprensa convencional. Estes *sítes* pessoais de jornalismo militante e/ou alternativo têm, para o autor, papel importante para a confirmação, precisão ou retificação do que é veiculado não apenas na mídia tradicional, mas também na própria *Blogosfera*. Esta fiscalização permanente, filtragem e vigilância, características potenciais dos *blogs* de informação fariam deles o **contra-poder**

do quarto poder, “no tempo em que, por conta de uma concentração crescente de meios bastante evidente nos conglomerados de mídia, o poder da grande imprensa também é crescente” (Santos, 2007).

Como exemplo da mudança de paradigma no fazer jornalístico, o autor lembra a evolução do *blog* coletivo *OhmyNews*. Nascido com o *slogan* “*Every citizen is a repórter*”, apregoando que o respeito aos fatos - e não a objetividade tradicional - é a prioridade, ou seja, matérias podem misturar fatos e opiniões, o *blog* nasceu com quatro pessoas. Com o conceito de jornalismo feito “por todos” e “para todos”, em 2004, já eram 53 jornalistas e 26.700 repórteres-cidadãos em todo o mundo, tendo influência direta, por exemplo, na eleição para a presidência da Coreia do Sul. Como reconhecimento, teve direito à primeira entrevista do eleito Roh Moo-hyun, para desgosto da grande imprensa sul-coreana.

As perspectivas em relação aos *blogs* potencializam ainda mais as primeiras expectativas em relação não à ferramenta, mas ao próprio meio que o abriga, a internet. Desta feita, não apenas a interação interpessoal está em jogo, mas também a própria estrutura de veiculação de informações. A partir das considerações expostas nesta seção e também com base nos conceitos detalhados em todo o primeiro capítulo, busca-se, na próxima seção, uma netnografia da *Blogosfera* nacional, um diagnóstico do estágio atual em que se encontram os *blogs* de informação e de militância do campo político.

2.2. Uma radiografia da *blogosfera* de informação política no Brasil

Para desenvolver uma cartografia e/ou netnografia da *Blogosfera* de informação política, buscando apurar pontos de aproximação ou distanciamento com a *Mediasfera*⁸¹, busca-se primeiro construir uma taxonomia adequada a este trabalho, sem desconsiderar, porém, a relevância das classificações já

⁸¹ Termo usado por Dalmonte para definir a esfera da mídia tradicional.

alcançadas por outros autores, conforme descrito na primeira seção deste capítulo. Desta forma, distribui-se os *blogs* que se vinculam a temas políticos em quatro categorias: partidários, profissionais, independentes e amadores, respectivamente. Os ***blogs partidários*** são aqueles que estão inseridos diretamente no jogo político oficial, como partidos, representantes eleitos e correligionários. Eles são subdivididos aqui em políticos e militantes. Os *blogs* partidários políticos são aqueles geridos por pessoas que já exerceram ou exercem cargos políticos. Já os partidários militantes estão relacionados às pessoas que defendem uma causa ou um partido, mas que ainda não exerceram cargos políticos seja na esfera executiva, seja nas câmaras legislativas.

Os ***blogs profissionais*** envolvem os *sites* pessoais de jornalistas ou analistas políticos vinculados às mídias dominantes, ou seja, aos veículos de comunicação líderes de vendas ou de audiências. Os ***blogs independentes***, por sua vez, são aqui tratados como o oposto em relação aos profissionais. São exclusivos de jornalistas ou analistas considerados independentes ou vinculados a veículos de mídia vistos como alternativos à visão predominante. Já a quarta categoria, a dos ***amadores***, é aquela em que os *blogs* são geridos por qualquer cidadão, podendo este ser ou não jornalista profissional, desde que não se encaixe nas classificações anteriores.

Para observar a procedência de tais categorias e iniciar o percurso de exploração da *Blogosfera*, a pesquisa elege *blogs* de referência, de acordo com critérios de adequação temática, de acessos e de *linkagens*, verificados a partir de seis dos mais conhecidos *rankings* divulgados periodicamente na *web*, a saber: Mundo Tecno, Technorati, Pagerank, IDG Now, BlogBlogs e BR-Linux. São então utilizados alguns *blogs* com maior expressão nos *rankings* consultados para serem referência no estudo, o que não implica no descarte de recortes de outros não tão famosos, mas que chamam a atenção.

Desta forma, os *blogs* de referência escolhidos para um roteiro importante de análise são os seguintes: Na categoria “partidários”, os de Roberto Jéferson, ex-deputado federal, que, de réu em uma denúncia de corrupção nos Correios, passa a autor das denúncias do suposto esquema de “Mensalão”, ou seja, de uma

mesada paga pelo Executivo a membros de Legislativo para aprovação de matérias de interesse da Presidência; e de José Dirceu, ex-ministro da Casa Civil e um dos supostos articuladores do esquema denunciado em 2005. Ambos foram cassados após a instauração de comissões parlamentares de inquérito no Congresso Nacional.

Na categoria “profissionais”, estão encaixados os *blogs* de Ricardo Noblat, Josias de Souza e Lúcia Hippolito. O de Noblat, paradigmático dos *blogs* de análise política do país, pertence ao portal do jornal O Globo. O de Josias de Souza, também bastante acessado, é vinculado ao portal do jornal Folha de S.Paulo, primeiro jornal em tempo real em língua portuguesa. O Globo e Folha disputam o mercado da notícia no setor impresso, concorrência que se estende ao mundo digital. Já o *blog* de Lúcia Hippolito não está entre os mais lidos de política, mas está entre os mais acessados entre os poucos *blogs* políticos de mulheres. Seu *site* pessoal está vinculado à rede de rádio CBN, dedicada a notícias e programas informativos durante 24 horas ao dia. Na categoria “independentes”, estão os *blogs* dos jornalistas Paulo Henrique Amorim e Mino Carta. Os dois são considerados no meio da comunicação como exceções em relação aos padrões vigentes nas mídias dominantes. O blog de Paulo Henrique está abrigado no portal IG, enquanto o de Mino Carta está vinculado à revista Carta Capital. Tanto o jornalista quanto a revista são referenciados como independentes do meio onde “sobrevivem”.

Na última categoria, são escolhidos como referência os *blogs* “O biscoito fino e a massa”, “Polêmica S.A – Central de Polêmicas” e “Vizinho do Jeferson”. O primeiro pertence a Idelber Avelar, professor do departamento de espanhol e de português da Tulane University, em Nova Orleans, nos EUA, ph.D. em estudos espanhóis e latino-americanos. O Polêmica é gerido pelo engenheiro eletrônico e especialista em telecomunicações, que se apresenta como Luiz - Alphaplus. O Vizinho do Jeferson, por sua vez, é o primeiro blog cadastrado no Congresso Nacional como imprensa oficial. Além disso, premiado em 2005, pela agência de notícias alemã, Deutsch Welle, como um dos melhores *blogs* jornalísticos do ano. O autor, porém, é apresentado somente como o

“vizinho”⁸². Outros *blogs*, em todas as categorias, também foram observados, entre os quais, “Futebol, Política e Cachaça”, “Acerto de Contas”, “Menina Esperta”, “Minuto Político”, “Bloi – Blog do Observatório da Imprensa” e “Interney”.

2.2. a) Aspectos gerais acerca dos *blogs* brasileiros

Entre as características mais gerais observadas, o processo de *linkagens*, ou seja, de ligações entre os *blogs*, chama atenção pela repetição de alguns famosos entre todas as listas de “amigos” ou de referências de um *blog* em relação a toda a *Blogosfera*, o que significa dizer que o fluxo das informações e o próprio caminho percorrido pelo usuário, em geral, não o leva a percursos infinitos e aleatórios, mas, pelo contrário, a uma geografia que começa a ser demarcada a partir dos mais fortes. As teorias do “mundo pequeno”, de Milgram, e dos “laços fortes e fracos”, de Mark Granovetter, descritas por Recuero (Recuero, 2004: 04-6) acabam se comprovando. Na década de 60, Milgram envia cartas a vários indivíduos, de forma aleatória, solicitando que estes as remetam a um alvo específico ou a alguém que acreditem estar mais próximo dele. Das cartas que chegam ao seu destino final, a maioria passa por um número muito pequeno de pessoas. Já em 1973, Granovetter formula que as pessoas que compartilham laços fortes, em geral, participam de um mesmo círculo social, propenso à *clusterização*.⁸³ Na evolução dessas teorias, Watts e Strogatz, na década de 90, formulam que bastam poucos *links* entre vários *clusters* para a formação de um mundo pequeno em uma grande rede, o que transformaria a própria rede em um grande *cluster*.

Em seguida, Recuero (Recuero, 2004: 06) lembra Barábasi, quando este mostra que há leis específicas para a aproximação entre os laços e entre os *clusters*. Para ele, quanto mais conexões um nó possui, maiores as chances de

⁸² As primeiras páginas dos *blogs* analisados estão dispostas do anexo 1 ao 10.

⁸³ *Clusters* são grupos de nós muito conectados. Em termos de redes sociais, os *clusters* são considerados grupos sociais coesos. Eles são unidos a outros grupos através de laços individuais de seus membros (Recuero, 2004: 05-6).

ele ter mais novas conexões. Existe, para ele, *preferential attachment* – ou **conexão preferencial** -, onde um novo nó tende a se conectar com um nó pré-existente e mais conectado. Dessa forma, tem-se *rich get richer*, ou “**ricos ficam mais ricos**”. As redes possuem assim poucos nós altamente conectados, os *hubs* ou conectores, e uma grande quantidade de nós com poucas conexões. Na *Blogosfera*, os *hubs* seriam os *blogs* mais referenciados. O *blog* de Noblat, por exemplo, é o mais citado entre os 100 mais acessados, o que se propaga entre os menos acessados. Estar conectado a um *blogueiro* profissional pode representar *status*. Por outro lado, o prestígio procurado por determinados grupos pode ser justamente o contrário, não estar conectado a um *blogueiro* profissional, mas a um independente, embora famoso, ou a um grupo de “iguais” em conjuntos de *blogs* amadores, o que não acaba com os *hubs*, nem tampouco com a manutenção de “mundos pequenos”.

De acordo com Barabási, em seu livro “*Linked*”, 80% de todos os *links* da internet apontam para aproximadamente 15% de *sites*. Embora *linkar* seja diferente de acessar, pois acesso indica visita e *link*, ligação entre um *site* e outro, o dado é significativo, na medida em que o seu uso é pressuposto para a interação na internet. Tal aspecto parece se repetir de forma inequívoca entre os *blogs*. Antoun, ao pesquisar a troca de arquivos em **redes peer to peer (redes ponto a ponto ou par a par)**, ou P2P, onde cada pessoa conectada torna-se um nó que pode funcionar como cliente e servidor ao mesmo tempo, ou seja, receber e fornecer arquivos, repara que não há proporcionalidade entre número de usuários conectados e número de arquivos compartilhados. Seus estudos, expostos no artigo “Multiplicação na rede”, apontam que 20% dos *peers* são responsáveis por 98% dos arquivos compartilhados.⁸⁴ Como consequência, o autor identifica dois tipos de comportamento: o de cliente, ou *freeloaders*⁸⁵,

⁸⁴ Salgado (Salgado, 2005: 70) lembra Martin, que também consagra a oposição 20 por 80. Segundo ele, 20% da população mundial giram a economia, enquanto aos outros 80% são reservados sub-espécies de *panis et circensis* tecnológico, através da gratuidade de certos serviços, por exemplo, em geral, ligados ao infoentretenimento.

⁸⁵ Primo (Primo, 2005: 12) cita a definição de Kollock e Smith para o comportamento “*free-riding*”. O “*free-rider*” seria aquele que faz uso dos bens e/ou recursos disponíveis a todos, mas não contribui para sua criação ou manutenção. Se o free-rider não pode ser excluído do grupo, outras pessoas, segundo os autores, acabam sentindo-se motivadas a adotar o mesmo comportamento.

envolvendo pessoas que pouco ou nada oferecem, mas se aproveitam da rede para coletar informações, e o de servidor, que seria o oposto, ou seja, pessoas que oferecem quantidade de arquivos superior ao que demandam dos parceiros. Segundo o autor, estes dados confirmam que 20% dos participantes de qualquer comunidade são responsáveis por algo em torno de 80% de toda a atividade produzida. “Este princípio se aplica em situações tão díspares quanto a compra de livros, troca de arquivos e consumo de cerveja e se baseia em pesquisas quantitativas” (Antoun, 2003: 03).

A descoberta de uma pesquisa da E-life⁸⁶ dá ainda mais liga a tal raciocínio, na medida em que a instituição chega à relação de 10/86 na concentração de conteúdo. Ou seja, 10% dos *blogs* concentrariam 86% dos *posts*, ou seja, de todo o conteúdo original lançado na *Blogosfera*. Como a *Blogosfera* significa a reunião de todos os *blogs*, inclusive aqueles de simples “tagarelice teclada”, os *blogs* informativos acabam ainda mais diluídos e, na seqüência, dentro desta parcela, os próprios *blogs* de política acabam reduzidos a uma parte ínfima dentro deste mundo de comunidades individuais e privatização da sociabilidade. Fala-se pouco explicitamente de política, tema carregado de pré-conceitos sobre sua prática. No outro extremo, o entretenimento é a vedete de todos os portais que abrigam *blogs*. Nos principais portais e veículos de comunicação, a relação de *blogs* por temas aferida nesta pesquisa é a seguinte:

Quadro 03: Relação de *blogs* por temas – Portal IG

Diversão (em geral): diversão/games:	31 = 25,2%
Entretenimento: turismo/música/esportes:	23 = 18,7%
Educação/literatura/Tecnologia e Cibercultura:	19 = 15,4%
Futilidades: culinária/celebridades/auto-ajuda/moda:	12 = 9,7%
Femininos:	11 = 8,9%
Notícias e Opinião:	10 = 8,1%
Serviços/serviços IG:	7 = 5,7%

⁸⁶ Dados da pesquisa da E-life podem ser acessados através do endereço eletrônico <http://www.htmlstaff.org/ver.php?id=9740>

Política:	6 = 4,8%
Sexualidade: Sexo/GLS:	4 = 3,2%

Fonte: www.ig.com.br

Quadro 04: Relação de *blogs* por temas – Portal Uol

Política/Notícias/Internacional:.....	3 = 17,65%
Mulher/Crianças/Ciência e Saúde:	3 = 17,65%
Educação/Cultura:	3 = 17,65%
Esportes:	3 = 17,65%
Gastronomia/Etiqueta:.....	2 = 11,76%
Humor/Quadrinhos:	2 = 11,76%
Ombudsman:.....	1 = 5,88%

Fonte: www.uol.com.br

Quadro 05: Relação de *blogs* por temas – Folha de S.Paulo

Cultura/cinema:	4 = 33,33%
Cotidiano/misto/gastronomia.....	3 = 25%
Esporte.....	2 = 16,66%
Política:.....	1 = 8,33%
Tecnologia.....	1 = 8,33%
Defesa do Consumidor.....	1 = 8,33%

Fonte: www.folha.uol.com.br

Quadro 06: Relação de *blogs* por temas – O Globo

<i>Notícias – mundo/país/RJ/SP</i>	29 = 35,8%
<i>Cultura/entretenimento</i> :.....	21 = 25,9%
<i>Tecnologia</i>	9 = 11,1%
<i>Economia</i>	8 = 9,8%

<i>Política</i>	4 = 4,9%
<i>Educação</i>	3 = 3,7%
<i>Saúde e mulher</i>	3 = 3,7%
<i>Turismo</i>	2 = 2,47%
<i>Esportes</i>	2 = 2,47%

Fonte: www.oglobo.globo.com

Note-se que, no portal IG, diversão, entretenimento e futilidades, juntos, somam praticamente praticamente 54% do total de *blogs* disponíveis aos usuários. *Blogs* destinados puramente a política não chegam a 5%. Mesmo quando considerados em conjunto com outros que podem, eventualmente, falar de política, como *blogs* de notícias e de opinião, o percentual chega a 13% apenas. Já no portal da Uol, à primeira vista, a divisão parece mais equilibrada. No entanto, mesmo considerando o conjunto de *blogs* que, possivelmente, falem de política, como com internacional e notícias, o volume chega a 17,65%. Na comparação com outros dedicados ao entretenimento, a distância continua. Esporte, gastronomia, etiqueta, humor e quadrinhos representam 41,1% do total. Neste caso, à exceção do esporte, que pode suscitar questões realmente sérias e importantes no campo da política, os demais *blogs* acabam sendo pontos de fuga à realidade, o que não significa dizer que sejam desnecessários. A proporção entre um e outro é que indica uma tendência a esta fuga. No *site* da Folha de S.Paulo, cotidiano, gastronomia e *blogs* mistos, que falam sobre assuntos diversos, somam 25% do espaço destinado aos *blogs*, dois terços a mais do que aquele ocupado pelos *blogs* de política. Um ponto um pouco distinto, no caso da Folha, é que outros *blogs*, como de cultura e cinema, com 33% do espaço, esporte, com 16%, e até mesmo de tecnologia e de direito do consumidor, cada um com 8,33%, não são vazios de discussões políticas, embora não sejam eminentemente políticos. No *site* do jornal O Globo, *blogs* puros de política não ocupam 5% do espaço. Cultura e entretenimento, por exemplo, somam praticamente 26%. No entanto, assim como acontece com a Folha, os demais

blogs não são vazios de questões políticas, abrangendo os campos de tecnologia, economia, educação e notícias do mundo, do país, do Rio de Janeiro e de São Paulo, entre outros.

Outros portais, como Bol, Uai e Terra mostram apenas os *blogs* mais acessados no dia ou na semana. Em todos, porém, nenhum de política está entre os mais acessados ou mesmo entre as últimas atualizações. Já entre a *Blogosfera* amadora, a relação não é diferente e, de acordo com os *rankings* de *links* e de acesso, os índices de *blogs* relacionados à política ficam até mais baixos, estando sempre no topo das listas os *blogs* que falam sobre tecnologia e entretenimento. Isto se explica pelo fato de 47% dos *blogueiros* terem menos de 18 anos, conforme pesquisa da E-Life. Então, quem, afinal, escreve *blogs* de política no Brasil?

Há exceções, mas, em geral, são pessoas mais velhas, ou melhor, menos jovens, formadas ou graduandas. Na sua maioria, são jornalistas, analistas profissionais de política ou pessoas diretamente vinculadas à política. E são homens. A tímida participação feminina na política brasileira, que leva partidos a formarem quadros de candidatas com desempenho pífio nas urnas, apenas para cumprirem a legislação, é refletida também nos *Blogosfera*. Entre os amadores, pelo menos nos *rankings* que ajudaram a nortear esta pesquisa, simplesmente não há mulheres falando de política. As poucas que falam o fazem eventualmente. Entre as demais categorias, a dificuldade é a mesma. Em todos os portais e veículos visitados, há no máximo uma colunista de política. Entre os *blogs* partidários, também raras expressões. No *blog* da vereadora Soninha, de São Paulo, por exemplo, os temas não são essencialmente políticos, embora ela seja atualmente representante de seus eleitores na Câmara paulistana.

A potencialidade da internet e dos *blogs*, que têm como grande diferencial a possibilidade de inserção, pelo *blogueiro* e até mesmo pelos comentaristas, de *hiperlinks* para a origem da notícia ou mesmo para outros *blogs* que tratam do mesmo assunto ou de assuntos correspondentes não é explorada na *web* “nacional”. Ou os *hiperlinks* apontam sempre para os *blogs* amigos, no círculo

do chamado *blogroll*, entre os amadores, ou, no caso dos profissionais, os *links* levam para *blogs* vinculados ao mesmo grupo de comunicação de quem *linkou*.

Peça a qualquer usuário da Web para se lembrar o que primeiro o seduziu no *ciberespaço*; é pouco provável que ouça descrições rapsódicas de uma figurinha animada rodopiando ou de um clipe de som fraco e distorcido. Não, o momento do eureka para a maior parte de nós veio quando clicamos um *link* pela primeira vez e nos vimos arremessados para o outro lado do planeta. A liberdade e a imediatez daquele movimento – viajar de *site* em *site* pela *infôstera*, seguindo trilhas de pensamento onde quer que elas nos levassem – eram verdadeiramente diferentes de tudo que viera antes. (...) O link é a primeira nova forma significativa de pontuação a emergir em séculos, mas é só um sinal do que está por vir. (...) Mais do que qualquer outro elemento de interface, o *link* pertence às periferias culturais, não aos conglomerados *high tech*. (Johnson, 2001: 84).

Para Steven Johnson, no livro “A Cultura da Inteface”, o *link* é a essência da internet, sugerindo elo, vínculo. Lingüisticamente, desempenharia um papel conjuncional, ligando idéias díspares em prosa digital. No entanto, o autor observa que a maioria das grandes empresas voltadas especificamente para a web ignora deliberadamente o hipertexto, preferindo concentrar-se nos adereços visuais e nas animações. Segundo ele, empresas que ganharam proeminência nos ombros do hipertexto ignoram os links e podem, com isso, estar serrando o galho em que estão assentadas.

Entre os textos baseados na *web* preponderam de longe os francamente lineares. Quase todas as matérias jornalísticas são peças únicas, unidimensionais, artigos que seriam exatamente os mesmos se fossem compostos de tinta e papel em vez de zeros e uns. (...) Os artigos individuais raramente oferecem eles próprios quaisquer opções de navegação. Aparecem *links* em alguns, mas eles remetem em geral para os *sites* das empresas por acaso mencionadas no texto – mais uma maneira de acentuar a identidade de uma organização, como uma marca registrada ou um logotipo. (...) Para ser justo, um punhado de editores da *web* vem incorporando *links* para leituras relacionadas a seus artigos, embora haja

uma estranha compulsão a manter esses *links* separados do texto básico (Johnson, 2001: 95).

A *Blogosfera* nacional segue a tendência denunciada por Johnson. Ao invés de *hiperlinks*, existem "*intra-links*", ou seja, *links*, ligações que remetem a *blogs* de um mesmo círculo, podendo ser pertencentes a uma mesma empresa de comunicação, a um mesmo partido ou mesmo a um mesmo grupo de comunidades "amigas". Tal prática contribui para o aumento ou a repetição de informações lançadas na rede e para a circularidade de temas, dos mesmos temas. A crise dos aeroportos brasileiros, chamada pela imprensa de "apagão aéreo", é um exemplo da predominância de um assunto em todas as formas de mídias e com grande duração na atração do foco de atenção da sociedade. Os *blogs* não escapam à tendência, como pode ser verificado na seqüência de títulos a seguir:

Quadro 07: Seqüência de títulos dos *blogs* sobre a crise nos aeroportos

<p><u><i>Blog do Noblat (O Globo)</i></u>⁸⁷ - 31.10.2007</p> <p><i>Crise aérea? Que crise?</i></p>
<p><u><i>Blog de Lúcia Hipólito (CNN)</i></u> - 23/07/2007</p> <p><i>Para além da tragédia</i></p>
<p><u><i>Blog do Josias (Folha de S.Paulo)</i></u> - 09/04/2007</p> <p><i>Se tudo acaba em samba, melhor que seja de Jobim</i></p>
<p><u><i>O Biscoito Fino e a massa</i></u> - 04 de julho 2007</p> <p><i>Ah-eroportos</i></p>
<p><u><i>Blog de Paulo Henrique Amorim (Portal IG)</i></u> - 22/01/2008</p> <p><i>Jobim e a invenção do "causaéreo"</i></p>

⁸⁷ Todos os textos de *blogs* expostos a partir de agora estão grafados conforme a forma original, contendo os erros de português, intencionais ou não, e as grafias neologistas peculiares à internet.

Polêmica S.A - 27/08/2007

Congonhas e a História Não Contada

Blog de Zé Dirceu - 27/07/2007

Crise aérea: O problema é político.

Blog de Roberto Jeferson - 24/01/2008

Conversa fiada

Fontes: todos os *blogs* citados neste quadro.

Além da repetição sistemática de temas já expostos permanentemente nas mídias tradicionais, a *intra-linkagem* - ou “*linkagem amiga*” – contribui para o estado de conservação e não de transformação, na medida em que mantém a atenção de todos focada nos mesmos assuntos em todos os lugares. O *Blog* de Josias de Souza, cujos textos são recheados de links para matérias produzidas pela Folha de S.Paulo, e o *Blog* de Ricardo Noblat, com referências frequentes às matérias de O Globo, jornais aos quais estão vinculados, analisados por este ângulo, são exemplos deste procedimento:

Quadro 08: *Intra-linkagem*

Blog do Josias – 25-01-2008

Dá vontade de dizer: Ora, senhores, vão todos à...

(...) O corregedor-geral Romeu Tuma⁸⁸ já arregaçou as mangas. O PSOL já se prepara para formular uma nova representação. Vai à berlinda, dessa vez, o futuro senador Lobinho –aquele que herdou a cadeira do pai dele, o Lobão. (...)

Blog do Noblat - 25.1.2008

Deu em O Globo

⁸⁸ As palavras grifadas, “Tuma” e “representação” são indicações dos *links* para matérias da Folha de S.Paulo.

O Ministério da Justiça enviará ao Congresso Nacional um projeto de lei que prevê o reajuste em 63% de todas as multas previstas no Código de Trânsito Brasileiro. O percentual, revelado ontem pelo "Jornal Nacional"⁸⁹, corresponde à valorização do IPCA desde 2000, quando as infrações de trânsito deixaram de ser corrigidas pela variação do imposto. (...) [Leia mais em O Globo](#)

Fontes: *Blog* do Noblat e *Blog* do Josias.

Da mesma forma, mesmo aqueles que se declaram perseguidos pela grande imprensa, recorrem às matérias da mesma “grande imprensa” para desenvolverem seus argumentos em torno dos mesmos temas impostos por ela. É o caso, por exemplo, dos *blogs* dos políticos José Dirceu e Roberto Jéferson:

Quadro 09: *Blogs* de políticos e temas da grande imprensa

Blog de Roberto Jéferson - 22/01/2008

Foi quase

A Folha de S. Paulo traz hoje artigo do ex-ministro da Saúde, Abid Jatene. Mostrando números, dados históricos e orientações da OMC (...) Vai muito bem até o último parágrafo, quando, sem explicação nenhuma, surge a morte da CPMF, decisão "inegavelmente democrática, mas, sem dúvida, perversa". Se todos os seus outros parágrafos estiverem errados, já se sabe a quem ou ao quê culpar.

Blog de Zé Dirceu- 25/01/2008 14:49

Artigo no "Correio" vale reflexão do Planalto

Artigo do jornalista Alon Feuerwerker publicado hoje no Correio Braziliense tem tudo para levar - ou deveria - as autoridades do Palácio do Planalto a uma séria reflexão sobre diversas questões interligadas e preocupantes (...) [Leia a íntegra do artigo em seu blog](#)⁹⁰.

Fontes: *Blog* do Jéferson e *Blog* do Dirceu

⁸⁹ Note-se que, além do link para a matéria no jornal “O Globo”, o texto cita o Jornal Nacional, da TV Globo.

⁹⁰ Neste caso, além do *link* para o jornal, o *blog linka* outro *blog*, o que não deixa de ser salutar.

Seguindo a tendência, os *blogs* amadores apontam freqüentemente para os *blogs* mais referenciados, sejam eles jornalísticos, amadores ou mesmo de políticos:

Quadro 10: *Blogs* amadores e tendência à reprodução de temas

Polêmica S.A - 15/01/2008 16:59

Equívocos de um ex-presidente - Por Zé Dirceu

Só para completar a ira que os simpatizantes do PSDB têm contra o PT Lulismo, copio e colo um texto produzido pelo Zé Dirceu (aquele mesmo), com um desabafo contra as besteiras que o FHC tem falado por aí. Eis o texto (...).

Fonte: <http://polemicasa.blog.ig.com.br/>

2.2. b) Aspectos específicos

Em termos específicos, os *blogs* políticos incorporam ainda outras características da *Blogosfera* e do próprio mundo virtual, algumas importadas de *sites* de relacionamentos, como Orkut e MSN. A adoção de *emotions*⁹¹ é uma destas tendências. Os *blogs* amadores “Vizinho do Jéferson” e “Menina Esperta” utilizam estes recursos e também os disponibilizam para os visitantes. Como exemplo, abaixo, trechos de um texto de “Menina Esperta”.

Quadro 11: Recursos visuais - *Emotions*

Blog Menina Esperta - Segunda-feira: 5 de novembro de 2007

Crise Aérea: Insatisfação brasileira

 É com imenso ressentimento que venho descrever meu pesar e insatisfação sobre a crise aérea na qual, o Brasil está mergulhado. (...) 
 (...)  Queremos uma solução!!!!  

Fonte: http://meninaesperta.zip.net/arch2007-11-01_2007-11-30.html

⁹¹ *Emotions* são desenhos que simbolizam expressões de contentamento ou descontentamento, felicidade, tristeza, etc.

Nos *blogs* partidários, chamam atenção os *links* frequentes para os veículos tradicionais, os mesmos acusados de perseguição pelos *blogueiros* aqui analisados, José Dirceu e Roberto Jéferson. No *blog* de Jéferson, há nove links, sendo oito para veículos tais como os jornais Folha de S.Paulo e O Globo e a revista Veja. No *blog* de Dirceu, embora não haja lista de *links* diretos, há *hiperlinks* dentro dos textos para estes veículos. Mesmo quando as referências são negativas, o que não é raro, permanecem tais veículos como fontes principais. Os dois *blogs* são enxutos, com objetividade e comentários cáusticos sobre política e sobre adversários políticos. Uma das diversões de Jéferson, por exemplo, são os ataques a seu inimigo número 1, José Dirceu. Os dois, porém, não poupam ataques aos veículos que referenciam.

/

Quadro 12: *Blogs* Partidários

Blog de Roberto Jéferson

Pragmatismo – 03/12/2007

A declaração do ex-ministro José Dirceu à Folha - "A reeleição do Fernando Henrique foi legal e constitucional, por que o terceiro mandato não pode ser?" - mostra que ele era o conselheiro do mal do presidente Lula. Demonstra um pragmatismo sem limite, e nenhum respeito às instituições democráticas.

Veja menor – 11/03/2007

Na página 59, a revista Veja traz uma matéria menor a meu respeito. Não tendo o que dizer, tenta me atacar quando dou seguimento a uma ação que ajuizei em setembro de 2005 no Supremo Tribunal Federal, posteriormente redistribuída à 21ª Vara Federal de Brasília. Explico: como deixei de ser deputado federal, perdendo o foro privilegiado, a ação tem de tramitar na justiça comum. A Veja tenta intrigar isso como uma incoerência minha ao não lutar pela anistia política, trabalhando a via judicial. Mas é assim que se faz. Explico abaixo (...).

Blog de José Dirceu

Folha desqualifica o Mais Saúde para atacar CPMF – 06/12/2007

A Folha de hoje dedica 7 matérias, começando pela primeira "Governo

transforma PAC da Saúde em ato pró CPMF" (só para assinantes), para esculhambar e avacalhar com o ato que o governo fez, com a presença massiva de governadores e ministros, incluindo o ex-ministro Adib Jatene, criador da CPMF (...) Como vemos, um exemplo de jornalismo e tudo de acordo com o Manual de Redação do jornal.

Ah, se fosse um governador do PT... 08/11/2007

Leiam a matéria "Aécio efetiva 98 mil não-concursados", do Estadão de hoje, e julguem... A matéria, curta, quase escondida, informa que o governador tucano de Minas, Aécio Neves, sancionou um projeto de lei complementar que efetiva 98 mil servidores sem concurso, quase todos da área da educação, além de 499 funcionários da parte administrativa da Assembléia (...) Imaginem se fosse um governador do PT. Teria virado manchete do jornal.

Fora Dualib! - 25/05/2007 14:30

Esse blog ficou tão animado com o movimento Fora Dualib, que está sendo organizado pela Fiel Torcida, que antecipou o seu lançamento. (...) aproveito para informar ao jornalista Juca Kfour⁹² que não foi só o russo Boris Berevozski que eu ajudei a entrar no Brasil, como ele diz maldosa e equivocadamente em seu blog. Eu também ajudei a entrada no Brasil do Papa Bento XVI e do ex-vice-presidente dos EUA, Al Gore.

Fontes: *Blog do Jéferson* e *Blog do Dirceu*

Entre os mecanismos dispostos nos dois *blogs* estão o histórico, possibilitando a busca por arquivos antigos, o *link* direto para contato com o *blogueiro* e o RSS⁹³. Também existem regras de conduta e, a princípio, parece

⁹² Juca Kfour é colunista esportivo e tem seu *blog* abrigado no portal Uol.

⁹³ O RSS (*Really Simple Syndication* ou *Rich Site Summary*) é um formato de arquivo padronizado mundialmente para distribuição automática de notícias. Desenvolvido a partir da linguagem XML (*Extensible Markup Language*), o programa facilita o acesso dos internautas ao conteúdo atualizado no *site* de forma instantânea. A grande vantagem apontada no formato, que vem se tornando cada vez mais popular, é que o usuário não precisa mais procurar por uma informação de seu interesse: ao assinar uma lista RSS (também conhecida como *feed*), as notícias vão até ele através de programas chamados de "agregadores de notícias" ou em browsers mais recentes. Com o RSS, é possível ler os posts de vários blogs em um mesmo programa, sem ter que se visitá-los. "Por um lado, pode-se supor que isto cria uma maior aproximação entre leitores e blogueiros. Por outro, o inverso pode ocorrer, já que os textos perdem sua contextualização no blog de origem. Além disso, os 'agregadores de notícias' também afastam os internautas das janelas de comentários dos blogs, através das quais o debate constante pode vir a contribuir para a formação de uma comunidade virtual em torno de um ou mais blogs" (Primo, 2005: 20).

haver pouca censura, pois, além dos elogios, alguns com tom de intimidade, e de discussões que não interferem diretamente na imagem do *blogueiro*, comentários contrários e de oposição a eles são publicados.

Quadro 13: *Blogs* Partidários - Comentários

Comentário:
ROBERTO , sem dúvida nenhuma esse seu comentário foi horrível , não foi você que escreveu , foi ? Nada de mais bobo , infantil , piada de gatinha !
9/3/2007 22:10:23 . Nome:JACA

Comentário:
Já se passaram praticamente cinco (05) anos de governo petista. Faça ao menos uma "meia culpa" meu caro Ex Ministro Dirceu, nessa história de herança do FHC. Além de chato, não tem a mesma credibilidade de 04 anos atrás. O lance agora é trabalhar mais, reclamar menos e assumir eventuais erros e/ou omissões de planejamento (...) - 31/10/2007 19:36 [Neto].

Nome:ricardo - 5/8/2007 15:26:53
Comentário: bob, ja faz um bom tempo que o brasileiro se transformou num dos piores exemplares de cidadão na face da Terra...egoismo, mesquinhez, falta de solidariedade, ganancia entre outras "qualidades", tomaram conta da população (...).

Fontes: *Blog* do Jéferson e *Blog* do Dirceu.

Entre as características específicas dos *blogs* profissionais, uma diferença logo chama atenção. Enquanto Noblat e Souza, além de política, incluem temas dos mais variados em seus comentários, como esportes, música, cultura e até mesmo imagens do *site* Youtube⁹⁴, uma febre entre os adolescentes, Lúcia Hippólito tem um traço diferente, com foco praticamente exclusivo em temas políticos. A despeito da trajetória respeitada no jornalismo da *blogueira*, o fato de não incluir outros atrativos seria uma característica profissional das mulheres

⁹⁴ Youtube é um site de compartilhamento de imagens, onde qualquer usuário pode enviar uma gravação ou ter acesso àquelas arquivadas.

que trabalham no setor ou uma necessidade de auto-afirmação e cautela em ambiente tão concorrido e predominantemente masculino? Por outro lado, comentários esportivos e culturais, uso de quadrinhos de humor ou mesmo de imagens do Youtube, mesmo considerando toda a experiência e credibilidade creditadas às carreiras de Noblat e Souza, seriam puro gosto pessoal, curiosidade e experimentos com as possibilidades das novas ferramentas tecnológicas ou uma estratégia consistente e consciente de formação de novos públicos, atraindo os mais jovens?

No *blog* de Noblat, à exceção da frase do dia, que é sempre a primeira, os demais temas variam conforme a postagem. O leitor pode abrir e se deparar com uma poesia, um artigo ou uma notícia principal. Além dos *links* tradicionais para arquivo, busca, e entrevistas, o *blog* traz as seguintes *linkagens*: “Leia em O Globo”, “Vale a pena acessar”, “Ouça Estação Jazz e tal”, “Hora do Recreio” e “Charge política”, “*Podcast*”⁹⁵, entre outros. Em todos os textos, a possibilidade de envio de comentário e a ferramenta RSS. Além do *link* permanente para o jornal O Globo, várias notícias fazem referências a outros veículos de grande influência, como “Deu no Estadão”, “Deu no JB” (Jornal do Brasil) e “Deu na Folha”. As pautas do *blog* caminham diariamente em compasso articulado com as pautas da grande mídia. O destaque para cultura e entretenimento aparece com formas sutis como “a obra-prima do dia”, “a charge do dia”, “o poema da noite” e outros. A Estação Jazz, por sua vez, trabalha com o gosto refinado de uma parcela considerável dos leitores, mas não deixa de ser incluída, neste estudo, como o avanço do entretenimento em um *blog* considerado referência para análise política, refletindo o que acontece na internet e no campo da informação, de maneira geral.

Os *links* para outros *blogs* fortalecem esta tendência, pois não se restringem à esfera política. Na verdade, são, em sua maioria, indicações para *blogs* que falam sobre cotidiano e cultura. De uma lista de 56 *links* do *blog*, 17, ou seja,

⁹⁵ *Podcasting* é uma forma de publicação de programas de áudio, vídeo e/ou fotos pela Internet, que permite aos utilizadores acompanharem a sua atualização. A palavra "*podcasting*" é uma junção de *iPod* - um aparelho que toca arquivos digitais em MP3/MP4 - e *broadcasting* (transmissão de rádio ou TV). Assim, *podcast* são arquivos de áudio que podem ser acessados pela internet.

30%, são, com raríssimas exceções, para *blogs* mistos, que têm a política como tema abordado, mas não são predominantemente de análise política. O restante, 39 *links*, ou 70%, são para *blogs* que envolvem outros temas. Gosto pessoal do autor ou estratégia para manter-se no topo? Pois na medida em que ele não indica outros *blogs* de política, mas sim uma quantidade considerável de *links* para toda a *blogosfera*, a prática da retribuição, como uma espécie de dívida moral dos *blogs* indicados, que acabam *linkando* o *blog* de Noblat em seus *sites* pessoais, contribui para fortalecer as posições do ranking de *blogs* referenciados.

O *blog* de Souza apresenta perfil parecido, principalmente na recorrência a assuntos de entretenimento e aos *intra-links*, os *links* apontados para o próprio umbigo, ou seja, para colunas do *blogueiro* na Folha ou para colunas de outros companheiros do próprio jornal. O RSS também é um recurso oferecido aos leitores, trazendo ainda a opção de que o *blog* seja lido diretamente no celular, ratificando ainda mais a tendência de que a notícia vai até receptor, esteja ele onde estiver. Em síntese, Noblat aparenta ser, na essência, um comentador de notícias de O Globo, enquanto Josias, um comentador de notícias da Folha. Em termos de *intra-links*, o *blog* de Lúcia Hippolito também não se diferencia, estando apontado para a CBN. O diálogo com os leitores e a publicação de comentários e críticas, inclusive críticas ao corte de comentários, formam outra característica comum aos três:

Quadro 14: *Blogs* Profissionais

Blog do Noblat

Nome: luiz alfredo motta fontana - 4/12/2007 - 8:15

Caro moderador os meus posts evaporaram por iniciativa própria ou com sua dedicada colaboração? Só queria entender.

Nome: jandir barreto - Email - 15/11/2007 - 11:42

Estão leiloando a Floresta Amazônica e o Noblat silencia?

Apelido: marcos10 - 3/11/2007 - 22:54

Noblat: Relatório da CPMF diz que Lula tem sobra de caixa. Texto aponta verbas que podem suprir a falta do tributo. Só em superávit financeiro governo

disporia de R\$ 40 bi. (tá no Josias)

Nome: Flavio Ramos - Email - 19/4/2007 - 17:24

E aí, Noblat? Nenhuma palavrinha sobre a boquinha dos jornalistas nos serviços médicos da Câmara, como noticiado hoje pela Folha SP?

Blog do Josias

[Orlando Varêda] [Salvador Bahia Brasil] - 05/05/2007 11:45

Obrigado pela censura. Orlando

[José Orair] [Belo Horizonte - MG] - 24/11/2007 15:25

Perfeito Josias. Mas por falar em companhia, falta agora você esclarecer aos seus eleitores que o Senador Renan Calheiros também não está sozinho e divulgar o nome dos 23 senadores de diversos partidos que estão fazendo companhia ao senador alagoano, na qualidade de detentores de meios de comunicação, em afronta ao artigo 54 da Constituição Brasileira. Vários sites já estão publicando e um site com o prestígio do seu não pode ficar de fora ou pode?

[Fernando Luiz Hamann] [Blumenau SC] - 04/05/2007 19:59

Meu Deus. O Brasil batendo recordes de crescimento, produção, emprego e o blog do Josias só tem espaço para bater no Lula. Que parcialidade. Meu Deus. Perde toda a credibilidade.

Blog de Lúcia Hippolito

Na opinião da Dona Lucia os tucanos só são coerentes quando votam contra alguma proposta do governo. (...) Ela sabe, e o Noblat também, que eliminar imediatamente a CPMF é proposta totalmente irresponsável (...) Dona Lucia e o Noblat ironizam os tucanos simplesmente porque querem que o governo seja derrotado (...).

66. Explica Lúcia, para esta criança como você está feliz que não é sua neta, repetindo o ridículo desempenho seu no episódio do Airbus da TAM. (ah, e antes que alguém venha me encher o saco, leiam o post da Dona Lúcia Hippolito em seguida ao episódio trágico... ufa, tem coisas que não têm preço: não ter um marido dentre os cadáveres!) - 05/11/07 18:59:42

67. Amigo 66, que post foi esse? eu num vi, acabei de chegar!!!! quero ler isso. por admirar muito a Lucia, no episódio da Tam, fiquei decepcionada quando ela disse com sarcasmo: "por onde andarรก nossa gentil ministra do Turismo?" se isso se repetiu agora vai ser phoda. - Mouna - 05/11/07 19:40:55

Fontes: *Blogs* de Noblat, de Josias de Souza e de Lúcia Hippolito.

Os *blogs* inseridos na categoria “independentes” observados são “Blog do Mino”, de Mino Carta, e “Conversa Afiada”, de Paulo Henrique Amorim. De primeira, uma diferença em relação aos “profissionais” salta à vista. O Conversa Afiada deixa logo claro de quem não gosta, seguindo uma linha de posicionamento claro.

Quadro 15: *Blogs* Independentes – Conversa Afiada

Não coma gato por lebre

O Conversa Afiada é um site de informação e opinião. Nesses tempos de intensa polêmica sobre o papel (lamentável) da mídia na campanha presidencial que passou, é importante fazer as seguintes observações para que o internauta não se deixe enganar. O Conversa Afiada não gosta de: 1) FHC; 2) Daniel Dantas (1 e 2 são fenômenos da mesma natureza, como breve se demonstrará); 3) Rede Globo; 4) Imprensa farisaica (3 e 4 são fenômenos da mesma natureza, como ficou luminosamente demonstrado na última eleição); 5) O Corvo do Lavradio; 6) Ronaldo dito “o fenômeno”; 7) C. R. Flamengo; 8) Quem fala mal do Rio; 9) Quem fala mal de nordestino; 10) Brasília; 11) Pós-moderno; 12) Dry Martini com uma gota a mais de Martini; 13) SUVs; 14) Filme de terror; 15) Amsterdam Avenue; 16) Urna eletrônica; 17) José Serra, presidente eleito, o último autoritário; 18) Gatos

Fonte: <http://conversa-afiada.ig.com.br/>

A valorização dos leitores é outra marca do *blog*. Além do tradicional espaço disponibilizado para comentários, há sempre, na coluna “Solte o Verbo”, uma chamada para os *posts*, com o aproveitamento do *post* de um leitor.

Quadro 16: *Blogs* Independentes – Conversa Afiada - Leitores

FHC se dirigiu aos tucanos
Leitor diz que o recado de FHC sobre pessoas que não cuidam da própria educação era para os tucanos Geraldo Alckmin e José Serra

Fonte: <http://conversa-afiada.ig.com.br/>

Seguindo a linha de que a interpretação da política depende cada vez mais da vigilância sobre a imprensa, Amorim se destaca ao adotar a sigla PIG – Partido da Imprensa Golpista -, criada por um leitor do *blog*, para todos os assuntos relacionados à imprensa.

Quadro 17: *Blogs* Independentes – Conversa Afiada - PIG

09/10/2007 18:13h
O PIG (Partido da Imprensa Golpista), que surgiu aqui no Conversa Afiada, chegou ao Senado. O senador Renan Calheiros citou nesta terça-feira, dia 09, o PIG durante um discurso ao citar a imprensa e dizer que “o jornalismo brasileiro já não informa de maneira isenta e imparcial”. Disse: “Chegamos a um ponto em que o experiente jornalista Paulo Henrique Amorim batizou em seu site na internet de ‘Partido da Imprensa’ associado a um adjetivo nada abonador que eu prefiro não reproduzir aqui”.
O primeiro a se referir ao “Partido da Imprensa” foi o deputado Fernando Ferro (PT-PE), na tribuna da Câmara, a propósito das observações do Diretor Executivo da Central Globo de Jornalismo, Ali Kamel, sobre livros didáticos (clique aqui). Depois, um leitor do Conversa Afiada ampliou o termo e criou o PIG – Partido da Imprensa Golpista (...). Outro leitor – Francisco – sugere uma campanha com camisetas que tenham a sigla PIG (Partido da Imprensa Golpista) estampadas. Clique aqui para ler o “Solte o Verbo” (...).

Fonte: <http://conversa-afiada.ig.com.br/>

Além disso, todos os textos publicados no Conversa Afiada, são acompanhados da seguinte frase.

Quadro 18: Blogs Independentes – Conversa Afiada – Frase Provocativa

Em nenhuma democracia séria do mundo, jornais conservadores, de baixa qualidade técnica e até sensacionalistas, e uma única rede de televisão têm a importância que têm no Brasil.

Fonte: <http://conversa-afiada.ig.com.br/>

O *blog* ainda apresenta seções de entrevistas, de palestras proferidas por Paulo Henrique Amorim, além de notícias, vídeos e enquetes. No entanto, entre os *links*, se não há uma *intra-linkagem* explícita, como nos casos analisados, falta *hiperlinkagem*, ou seja, o *blog* não dialoga com outros *blogs* de maneira freqüente, muito menos com outros *blogs* de análise política. A exceção é a indicação do *blog* de Mino Carta. Já os temas discutidos, em sua maioria, são aqueles abordados pelas mídias convencionais.

Já o *blog* de Carta, como ele próprio faz questão de estampar em sua página principal, é produzido “direto da Olivetti”, referência feita à marca da máquina de escrever, que não foi trocada pelas facilidades do computador. O *blog* é enxuto, contendo as seções básicas de notícias, comentários e entrevistas. Não há apelo diário a outros temas, embora o autor não deixe de abordar assuntos como futebol. Não há fotos nem charges ou vídeos. O grande atrativo, que chega a superar a notícia, em geral, pautada pelas mídias convencionais ou delas retirada, é o estilo de redação de Mino, de trajetória reconhecida no jornalismo considerado alternativo e independente.

Quadro 19: *Blogs* Independentes – Mino Carta

Referendo, Chávez, FHC e os jornalões - 03/12/2007 12:42

Chávez perde e aceita o resultado do referendo. Fernando Henrique Cardoso não fez o referendo, em compensação, para conseguir o segundo mandato comprou os votos dos parlamentares. Como se sabe, o comandante é um caudilho, o príncipe dos sociólogos, um democrata autêntico. Ainda bem que os

editoriais e as reportagens dos jornalões nos iluminam. Contam a verdade, a única e definitiva VERDADE.

Brasilidades - 21/02/2007 17:53

O Brasil é o único país do mundo onde o ano não começa no dia 1º de janeiro e sim depois do carnaval. O Brasil é o único país do mundo onde os jogos noturnos de futebol se iniciam depois da novela da Globo. O Brasil é o único país do mundo onde no cruzamento de ruas há quatro faixas para pedestres que ninguém respeita. O Brasil é o único país do mundo onde as pessoas pretendem entrar no elevador antes que você saia. O Brasil é o único país do mundo onde um comunista, no caso Roberto Freire, presidente nacional do PPS, troca socos com quem o chamou de "comunista". Em meio ao Carnaval, no camarote da Brahma, na Marquês de Sapucaí.

Fonte: <http://blogdomino.blog.ig.com.br/>

Embora não cometa o procedimento de *intra-linkagem*, Carta, assim como Amorim, esbarra no mesmo porém da falta de diálogo com outros *blogs*, os chamados *hiperlinks*, o que, de certa forma, contribui para manter as posições da *blogosfera* política. No *blog* de Carta, não há sequer lista de *links*. Por outro lado, a ausência de uma lista de *links* determinada pelo autor pode ser interpretada - por que não? – justamente de maneira contrária à colocada. Ou seja, ao invés de contribuir para a manutenção de um estado de posições, estimularia a curiosidade dos internautas em transitar pela internet sem serem “netguiados”.

Já os *blogs* amadores, que, a princípio, teriam maior liberdade para definir seus temas, acabam seguindo os temas predominantes nas mídias convencionais e seguidos pelos *blogs* profissionais, partidários e independentes da *Blogosfera* política. Em geral, os *links* são para matérias dos grandes veículos ou mesmo para textos dos *blogueiros* que freqüentam o “*top list*” da internet. Como esses *blogueiros* repetem a mídia e se repetem uns aos outros, o efeito é a permanência da circularidade dos mesmos temas, bem como da topografia da

web⁹⁶. Há exceções. Uma delas é o *blog* “O Biscoito Fino e a Massa”, de Idelber Avelar. O diferencial já é notado pelo *slogan* na página principal: um *weblog* anti-apolítico sobre política, música, futebol e literatura. O *blog* tem *auto-links*, que acabaram ganhando ícones gráficos específicos, como o “decálogo”⁹⁷ e o “clube da leitura”. No entanto, a despeito dos *auto-links* e dos “*links* amigos”, o Biscoito dialoga com a *Blogosfera*. São 243 *links*⁹⁸, na seção “Visito”, com indicações de *blogs* de todos os tipos. Além de dialogar com a *Blogosfera* e de mobilizá-la, atentando-se para a busca por melhorar o seu próprio funcionamento, Idelber conserva o hábito de responder aos leitores, postando como eles, na seção de comentários, de textos amenos a respostas a críticas:

Quadro 20: *Blogs* Amadores – O Biscoito Fino e a Massa

É meio-dia em New Orleans e a leitura dos comentários é um imenso prazer, é como rever velhos amigos numa sala de estar; a "retrospectiva" feita pela Cipy foi emocionante, me ativou lembranças dos últimos meses - e acho que Bibi, que sabe das coisas, lembrou outro direito central do blogueiro, não é, o direito de atribuição de fonte? Nada disto aqui estaria acontecendo, diga-se, sem o trabalho imenso de Fábio Sampaio e a ajuda de Rafael Galvão, Nemo Nox, Tiagón e Tata. Sobre eles falarei amanhã. Sintam-se em casa. Abraços, Idelber em março 30, 2005 11:55 AM

Você e sua avó, tudo bem. Mas a torcida do Corinthians??? Tô estranhando esse blog... Ele não é mais o mesmo... :D
João Paulo Chalub em novembro 23, 2006 10:45 PM

Ah, João Paulo, você não me dá nem o benefício do uso da hipérbole? Idelber em novembro 23, 2006 11:27 PM

Fonte: <http://www.idelberavelar.com>

⁹⁶ No anexo 11, pode-se verificar até mesmo a criação de um mapa que busca consolidar as posições dos *blogrolls*, reunindo os *blogs* populares amigos. Interessante constatar que o mapa é também contestado por outros blogueiros.

⁹⁷ O “decálogo” é uma lista de direitos e deveres do *blogueiro* e da *blogueira*, criada por Idelber, e que passou a ser uma espécie de constituição, a “netiqueta” da *Blogosfera*, sendo incorporada à maioria dos *blogs* amadores mais bem ranqueados na internet. O decálogo, escrito da décima regra para a primeira, pode ser visto no anexo 12.

⁹⁸ Contagem feita em 8 de dezembro de 2007.

Outra característica chama atenção na forma como Idelber conduz o *blog*. Em geral, os textos são recheados de dados e lições de história, fazendo da notícia uma informação e da opinião um argumento:

Quadro 21: *Blogs* Amadores – O Biscoito Fino e a Massa - Informações

Cala-boca morreu em Ayacucho - 25 de novembro 2007
 (...) A relação entre os dois cala-boca merece ser explorada. A colonização espanhola na América Latina tinha uma peculiaridade desconhecida em outras latitudes, a instituição do requerimiento. O dito cujo era um texto que os colonizadores espanhóis liam diante dos indígenas (em espanhol, obviamente), advertindo-lhes de que aquelas terras agora pertenciam, com a graça de Deus, à sua majestade o Rei de Espanha, e que eles deveriam se render e converter-se ao catolicismo ou aceitar ser dizimados. O requerimiento era, portanto, um ato de fala, um speech act no sentido que dão ao termo Austin e Searle: um enunciado lingüístico que não comunica nada, mas opera sobre a realidade. Há mais coisas em comum entre o requerimiento e o ¿por qué no te callas? que sonham os nossos tupinambás que o celebraram. A maioria das reações ao evento foi uma tremenda inversão de valores: chegou-se a dizer que o rei da Espanha havia dado uma “aula de democracia” ao “ditador” venezuelano. (...). O uso do pronome informal tú -- por qué no te callas -- com verbo em modo imperativo, em situação onde não há informalidade pressuposta entre os interlocutores, é agressiva, grosseira e mal-educada. Chefes de estado se tratam por usted. É o pronome do respeito. Ao escolher a forma tú, o monarca ungido por Franco deixou muito claro o fato de que não respeitava o seu interlocutor como um igual, fato pouco observado pelos aimorés que celebraram o cala-boca como “aula de democracia” (...).

No entanto, os textos densos e bem embasados esbarram no uso necessário de um espaço bem maior do que os jovens *blogueiros* estão habituados. Caberia então a pergunta: o *blog* teria que se render a apelos visuais e o autor reduzir o tamanho de suas argumentações para se adequar à *Blogosfera* ou manter-se no nível refinado e inteligente alcançado por poucos?

Outro *blog* amador analisado é o Polêmica S.A – Central de Polêmicas. Logo na apresentação do autor, que se apresenta como Luiz AlphaPlus, as descrições “não sou jornalista” e “palpiteiro de plantão” ganham *status* de selo de qualidade. O *blog* integra um grande grupo de *blogs* que foram reunidos no *site* www.sivuca.com, o que facilita o *link* para os amigos, já que basta um clique no endereço do *site* para ter acesso a um grande número de outros *blogs*. Chama atenção também no perfil a participação do Polêmica no Movimento dos Sem Mídia (MSM), idéia criada na *Blogosfera* nacional. O *blog*, assim como os independentes, prima pela análise dos escândalos políticos e pela vigilância constante em relação aos atos dos grandes veículos de imprensa, chegando mesmo a adotar a sigla PIG, usada pelo Conversa Afiada. No entanto, em geral, pauta-se pelas matérias publicadas nestas mídias ou reproduzidas destas mídias pelos *blogs* amigos e, mesmo nas críticas, as coloca em evidência.

Quadro 22: *Blogs* Amadores: Polêmica S.A

Des Lippmann acusado de ajudar amigo BANDIDO - 25/01/2008 [Correio Braziliense](#) - Thiago Jaym - Da equipe do Correio
A Polícia Federal investiga um juiz por ter ajudado um réu em julgamento. (...).

Diogo Mainardi, o Pitbull da [Veja](#) - 08/01/2008 09:15
Volta e meia, procuro por notícias nos BLOG's alheios. Como todos do SIVUCA sempre dizem, essa MÍDIA paralela - a Internet - fornece informações mais confiáveis do que qualquer JORNAL do grande PIG (Partido da Imprensa Golpista). Acho que não há no SIVUCA quem consiga ler o DM (Diogo Mainardi) (...) Se alguma pessoa tenta debater com ele, ele já a joga no chão, colocando-lhe adjetivos pejorativos, chamando-a, principalmente, de esquerdista, alopado, bolchevique e muitos outros impublicáveis em um BLOG de FAMÍLIA, como é esse aqui.

Fonte: <http://polemicasa.blog.ig.com.br/>

O terceiro *blog* observado na categoria “amadores” é o “Vizinho do Jéferson”, em clara alusão ao ex-deputado federal Roberto Jéferson, que teve o

mandato cassado após denúncias de corrupção.⁹⁹ O nome “vizinho” sugere uma proximidade de espreita, de permanente vigilância, e até mesmo de presença “incômoda” para o “vizinho” do vizinho, não apenas para Jéferson, mas para os políticos de uma forma geral. O *blog* mescla notas curtas sobre o que acontece no campo político com pequenos comentários pessoais. As notas, em geral, não citam fontes específicas, mas falam de assuntos desenvolvidos diariamente pelos veículos convencionais. Os comentários são pessoais, mas sem identidade definida, já que são sempre “assinados” como “vizinho”. Chama ainda atenção uma informação na página principal: “Aceito anunciantes”, mostrando que a *Blogosfera* já apresenta sintomas de não ter o “amadorismo” esperado.

Quadro 23: *Blogs* Amadores – Vizinho do Jeferson

Orçamento 2008 - Segunda-feira, Dezembro 10, 2007

A comissão do congresso que analisa a proposta de gastos do governo Lula do pT para 2008 encontrou indícios de superfaturamento em várias destinações de verbas. Trechos de asfaltamento de estradas que a preços de mercado saem por 800 mil reais o quilômetro, estão orçados a 10 milhões, por exemplo. A comissão já colocou o TCU na jogada para análise das várias falcatruas embutidas no projeto de orçamento do petista Lula. posted by Vizinho at 12:07

Testemunhas - Sexta-feira, Agosto 24, 2007

O advogado do ex-vizinho e depois de tudo, amigo do Vj¹⁰⁰, Dr. Barbosa, estimou em sua abertura da defesa esta manhã que para todo o processo de julgamento, se houver, serão ouvidas algo em torno de 1600 testemunhas. Isso mesmo, mil e seiscentas, entre defesa e acusação. Até lá o crime já prescreveu em seu prazo de validade. Judiciários com olhos azuis são assim mesmo, o engraçado é que só se vê disso abaixo da linha do equador ou nela própria como no caso da Venezuela do sócio Chaves. Posted by Vizinho at 2:51 PM

Fonte: <http://www.vizinhodojeferson.blogspot.com.br/>

⁹⁹ A idéia do nome foi aproveitada recentemente, com a criação do *blog* “Vizinho do Renan”, em clara alusão ao senador Renan Calheiros, também envolvido em escândalos de corrupção.

¹⁰⁰ “Vizinho do Jéferson”

Quadro 24: Blogs – Características Específicas

Categoria	<i>Blogs/blogueiros</i>	Características
Partidário	José Dirceu Roberto Jeferson	<p><i>Links e hiperlinks</i> para veículos tradicionais</p> <p><i>Blog</i> enxuto e objetivo</p> <p>Ataques a adversários políticos e a veículos de comunicação</p> <p>Aparência de pouca censura</p> <p>Comentários de oposição publicados</p>
Profissional	Ricardo Noblat Josias de Souza	<p>Temas variados nos comentários, como esporte, música e cultura</p> <p>(no caso de Noblat, ainda incluem-se vídeos do site Youtube)</p> <p>Temas variam conforme a hora da postagem</p> <p>Intralinkagens</p> <p>Maioria dos hiperlinks para blogs que falam de outros assuntos</p>

		<p>Comentadores de notícias produzidas pelos veículos aos quais estão abrigados</p> <p>Pautas articuladas com as pautas da imprensa convencional</p> <p>Diálogo com leitores e abertura a críticas</p>
Profissional	Lúcia Hippolito	<p>Foco praticamente exclusivo em temas políticos</p> <p>Intralinkagem</p> <p>Diálogo com leitores e abertura a críticas</p>
Independentes	Paulo Henrique Amorim Mino Carta	<p>Posicionamento claro quanto a gostos e ideologias pessoais</p> <p>Valorização dos leitores além da reserva de espaço para comentários</p>

		<p>Interpretação da política e vigilância sobre a imprensa</p> <p>Não há intralinkagem, mas falta hiperlinkagem</p> <p>Não há apelo diário a outros temas</p> <p>Estilo de redação, considerado alternativo e independente, como atrativo</p>
Amador	<p>Polêmica S.A</p> <p>Vizinho do Jéferson</p>	<p>Importação de temas predominantes nas mídias convencionais e nos blogs partidários, profissionais e independentes</p> <p>Hiperlinks para matérias dos grandes veículos ou para textos de blogueiros que compõem o “Top List” da Blogosfera política</p> <p>Circularidade de temas</p> <p>Linkagem amiga</p>

		<p>Análise de escândalos políticos e vigilância sobre atos da imprensa</p> <p>(Alguns abertos a anunciantes, descaracterizando a posição de amador, mas não os conduzindo a categorias profissionais ou independentes)</p>
Amador	O biscoito fino e a massa	<p>Auto-links e links amigos 243 hiperlinks (diálogo e com a Blogosfera e mobilização dos blogs)</p> <p>Respostas aos leitores na seção de comentários, como se fosse também outro leitor</p> <p>Dados, informações e história além da notícia</p> <p>Textos densos esbarram na questão do uso de muito espaço</p>

Fontes: Os *blogs* referenciados estão apontados no corpo do quadro

As descrições conceituais expostas nas quatro seções do primeiro capítulo, o histórico da evolução dos *blogs* e dos estudos relacionados à *Blogosfera*,

descritos na primeira seção deste, bem como a netnografia realizada nesta segunda seção, formam uma base sólida para o desenvolvimento do conceito de “*Blogomídia*”, apresentado a seguir, encerrando o capítulo 2.

2.3. Mimetismo e *Blogomídia*

À filosofia grega, com Platão e Aristóteles, credita-se historicamente a origem do conceito de “*mímesis*”. Na arte, a *mímesis* ou “imitação” é a forma, segundo Platão, como o poeta, através da narrativa, profere um discurso como se fosse outra pessoa, tornando-se semelhante a ela na aparência e no estilo. A imitação estaria, portanto, bem longe da verdade, e o “executar tudo” não passaria da comprovação de que, pela *mímesis*, atinge-se apenas uma pequena porção de cada coisa, configurando-se assim em uma aparição, “uma sombra”.¹⁰¹ Já para Aristóteles, a *mímesis* enquanto noção estética se impõe como um fundamento de todas as artes. Sendo assim, “a imitação é produzida por meio do ritmo, da linguagem e da harmonia, empregadas separadamente ou em conjunto” (Aristóteles, 1998: 239). Para o autor, o homem tem uma tendência instintiva para a imitação e é justamente através dela que adquire seus primeiros conhecimentos, experimentando prazer e distinguindo-se de outros seres. De acordo com Aristóteles, a *mímesis* é criativa e ativa, pois não apenas imita ou plagia, mas “resgata o mundo nos mesmos moldes pelos quais ele se produz, e isto se dá pelo intermédio do próprio mundo” (Duclós, 2004).

A partir de tais concepções, *mímesis* passa a ser definida sob duas perspectivas. Na primeira, ligada à lingüística, é vista como figura que consiste no discurso direto e na imitação do gesto, da voz e das palavras de outrem. A outra, relacionada à literatura, a trata como imitação ou representação do real na arte literária, como recriação da realidade. Essas fronteiras são postas por terra

¹⁰¹ Ao estudar a mímeses, Luís Fernando Rocha, no artigo “Discurso reportado como (meta)mímesis”, trata a “aparição”, em Platão, como uma “sombra” (Rocha, 2006: 71).

pelo clássico livro “Mímesis”, de Erick Auerbach, que focaliza a representação da realidade na literatura ocidental com um olhar diferente. A linha inaugurada pelo autor e seguida pelos cognitivistas¹⁰² mostra que não apenas existe “imitação” ou “representação” da realidade, mas a própria narrativa histórica utiliza recursos “lendários”, fictícios, para dar conta de suas representações (Auerbach, 1996: 17). A inserção do “lendário” acontece mesmo quando se sabe que as contradições, a confusão e a pouca uniformidade da história vivenciada por todos, segundo o autor, representam justamente o contrário da lenda, que tem tendência para a “harmonização aplainante do acontecido”.

De acordo com Rocha, embora seja retoricamente entendida como figura, a *mímesis* não é restrita à literatura, mas sinaliza processos cognitivos de uma mente literária, que une projeções e histórias. Essa mente literária é capaz, por exemplo, de oferecer representação gramatical para a *metamimesis*, expressa cotidianamente através do uso do discurso reportado. O fenômeno da *mímesis* é assim processo participante da produção da significação e, portanto, como capacidade sociocognitiva, amplamente disseminado na vida cotidiana (Rocha, 2006: 69).

A inserção do sujeito cognitivo no campo dos estudos da linguagem dissolveu inapelavelmente o binômio palavra-mundo, negando enfoques correspondentistas em prol de uma visão relativizada e perspectivizadora. No entanto, já não é mais suficiente reconhecer que esse sujeito desestabiliza a ordem lógica. É preciso lançar luz sobre os mecanismos mentais subjacentes à atuação do sujeito na “representação do mundo” ou *mímesis*, como vem fazendo os cognitivistas concentrados em como o sentido se produz a partir da investigação de processos cognitivos de mesclagem e de extensão metafórica e metonímica¹⁰³ (Rocha, 2006: 70)

¹⁰² Sinteticamente, os cognitivistas abordam as formas de processamento da informação. Eles buscam analisar as maneiras como as pessoas solucionam difíceis tarefas mentais e constroem modelos para estas explicações.

¹⁰³ Linguisticamente, metáfora é o emprego da palavra fora de seu sentido normal, por efeito de comparação, analogia. Metonímia é a substituição de um nome por outro por haver entre eles algum relacionamento.

Rocha lembra que, modernamente, Habermas é inserido na discussão quando afirma já existir um momento mimético em práticas diárias de comunicação e não meramente na arte. O entendimento da evolução do conceito de *mimesis*, bem como a sua tradução contemporânea, ganham assim especial importância para a análise das formas modernas de interação, mediadas pelas tecnologias do século XXI. A observação detalhada dos *blogs*, cujos principais apontamentos estão dispostos na seção anterior, revela características miméticas que envolvem os três principais conceitos de *mimesis* e ratificam a afirmação de Habermas.

A *Blogosfera* pode ser analisada sob a perspectiva de imitação pura, cunhada por Platão, na medida em que, para além de estruturas padronizadas da forma, a partir de ferramentas parecidas de publicação de textos disponibilizadas para os usuários, verifica-se uma repetição sistemática do conteúdo e da pauta. Por outro lado, há também a *mimesis* criativa e ativa, de Aristóteles, que resgata o mundo nos mesmos moldes que ele se produz. O próprio meio, a internet, e o seu derivado ou “abrigado”, *blog*, pode ser apresentado como a junção de criatividade e ação, na medida em que potencializa, a partir do mundo virtual, a democratização da informação e a própria interação entre pessoas, grupos, movimentos e instituições, tal qual idealizada para o mundo real. O fato de potencializar, no entanto, não significa que, efetivamente, isto aconteça de maneira plena. Já a terceira via, de Auerbach e dos cognitivistas, é “materializada” na *Blogosfera*. O caos permanente do meio, que em nada tem a ver com a “harmonização aplainante”, é o próprio construtor da história contada cotidianamente. A confusão e as contradições a ele inerentes fazem da *Blogosfera* também um elemento de *mimesis*, participante da produção da significação do dia-a-dia e da construção de um complexo processo sociocognitivo do mundo vivenciado.

Diversos estudos na área de comunicação comprovam que há diferenças de interpretação do mundo objetivo de acordo com as especificidades que envolvem o sujeito, tais como ambiente, família, nível sócio-econômico, religião e outros. A mensagem emitida tem efeitos distintos para grupos diferentes de receptores. Da mesma forma, a quantidade de mensagens, conforme mostra a

Teoria Matemática da Comunicação, pode interferir na compreensão e na própria interação entre os indivíduos. No entanto, o que se tenta verificar, nesta pesquisa, não é propriamente a mensagem, mas a pauta geradora da mensagem. Partindo deste princípio, nota-se então, na ponta do processo, na origem que leva à formulação social da cognição do mundo, uma convergência de conteúdo, o que pressupõe a *mímesis* de pautas, a imitação, ou pura e simples, conforme o conceito de Platão, ou experimentadora, de acordo com Aristóteles.

O conceito de “*meme*”, resgatado por Recuero para a análise da sistemática dos *blogs*, é aqui aplicável a partir das perspectivas então estudadas. *Meme* é o “gene” da cultura, capaz de se perpetuar através de seus replicadores. O conceito é cunhado por Dawkins¹⁰⁴, em 1976, quando, no livro, “O Gene Egoísta”, compara a evolução cultural com a evolução genética. Um *meme* de idéia é aquele que pode ser transmitido de um cérebro para outro e compartilhado por todos os cérebros. Ao estudar a teoria de Dawkins, Susan Blackmore salienta a propagação do *meme* pela imitação.

Já outros autores, como Heylighen, tratam o *meme* como um padrão cognitivo, que é simplesmente propagado de um indivíduo a outro (não necessariamente por imitação), enquanto Bjarneskans, Gronnevik e Sandberg salientam que é preciso que o *meme* influencie o comportamento dos indivíduos para gerar replicação. Deste modo, o *meme* é um replicador, que se propaga através das pessoas, por imitação. Esses conceitos salientam a analogia do *meme* com a da teoria da seleção natural, como elementos capazes de replicação, que estão sujeitos a uma seleção e que podem variar no tempo, características que Dennett (2005) associa à evolução (Recuero, 2006: 02).

¹⁰⁴ Richard Dawkins pertence à corrente científica chamada de “neoevolucionismo”. Entre outras características, esta corrente busca a integração de diferentes disciplinas científicas para a interpretação da história biológica e social. Dawkins concentra-se no poder da descendência (hereditariedade) com modificação (mutação). Entre suas idéias revolucionárias, propõe que os corpos de todos os seres vivos e, por extensão, de todos os seres humanos, são máquinas de sobrevivência para perpetuar genes muito mais longevos do que os indivíduos que os transportam e os transmitem e do que as próprias espécies que compõem esses indivíduos (Waizbort, R, 2001: 632-53).

As características essenciais do *meme*, enumeradas por Dawkins, são longevidade, fecundidade e fidelidade das cópias. A primeira diz respeito à capacidade de o *meme* permanecer no tempo, a segunda é o potencial para gerar cópias e a última relaciona-se à produção de cópias com maior semelhança ao original. Para o estudo da propagação dos *memes* na *Blogosfera*, Recuero acrescenta uma quarta característica, o alcance, que diz respeito a quais tipos de “nós” da rede social, neste caso, quais *blogs*, cada *meme* alcança mais. O mimetismo é identificado nos *memes* pela permanência de sua estrutura, inclusive quando há mutações e recombinações.¹⁰⁵ Mesmo assim, a competição é inerente à sua produção e difusão:

Deste modo, pode-se dizer que os *memes* competem entre si pela publicação. A escolha de publicar ou não determinado *meme* tem um reflexo na rede social, na medida em que está conectada com a visão que os demais terão do *blogueiro*. Talvez, por conta disso, publicar *memes* replicadores, miméticos ou metamórficos¹⁰⁶ seja uma estratégia de visibilidade, já que, enquanto replicadores parecem ter maior tendência ao espalhamento, os metamórficos e miméticos aumentam a interação (Recuero, 2006: 10).

Em todas as categorias de *blogs* analisadas – partidários, profissionais, independentes e amadores -, por mais que apresentem abordagens diferenciadas entre elas, as opiniões, reflexões e discussões propostas partem das informações predominantes no noticiário vigente, *memes* obviamente ditados pelos grandes veículos de imprensa e pelas agências nacionais e internacionais. Assim como a política moderna pende-se a discursos que tendem ao centro, pauta-se pelas mídias e adota procedimentos midiáticos do espetáculo, tevês, jornais, rádios e revistas se pautam uns aos outros, repetindo-se por conveniência política e

¹⁰⁵ Um dos exemplos encontrados foi o *meme* "Quatro Coisas", onde os *blogueiros* eram convidados a preencher um questionário que pedia quatro "sonhos, quatro lugares" e etc. Embora cada *blogueiro* modificasse as respostas, o *meme* (escrever as quatro coisas) continuava relativamente inalterado (Recuero, 2006: 05).

¹⁰⁶ Os *memes* replicadores demonstram reduzida variação, com uma alta fidelidade à cópia original. Sua função primordial parece ser simplesmente informar um determinado fato. Já os metamórficos são totalmente alterados e reinterpretados enquanto passados adiante, apresentando assim alto poder de mutação e recombinação (Recuero, 2006: 04).

econômica, escudados no discurso “lendário” do “temor de furos¹⁰⁷ concorrentes”. Os jornais digitais da internet seguem o mesmo caminho, o que é natural, já que pertencem aos grupos proprietários dos veículos tradicionais.¹⁰⁸

Já a *Blogosfera* nacional apresenta um resultado, pelo menos, até o momento, às avessas do esperado. Como todo cidadão pode ser um *blogueiro* e a maioria dos *blogueiros* é livre, pelo menos em teoria, para se expressar, o natural seria haver uma diversidade de vozes, que se imporiam naturalmente aos grandes veículos ou à própria sociedade, inserindo temas de seu interesse e de interesse público no circuito dos debates sociais. Porém, não é isso que acontece. Como exposto na seção anterior, 10% dos *blogs* concentram 86% dos *posts* da *Blogosfera*. Ou seja, 90% são “sombras”, “*freeloaders*” ou “*free-riders*” destes 10%. Os *blogs* ativos, por sua vez, em sua maioria, ou ainda estão na fase da “tagarelice teclada” – o que produz um volume grande de postagens – ou acabam sendo anódinos e miméticos da imprensa convencional, repetindo os temas que nela predominam. No instigante artigo “Quem informa a quem”, Lucchesi chama atenção para o mundo paralelo alimentado pela imprensa - e não menos copiado pelos *blogueiros* da informação:

O que move, por exemplo, um jornal a estampar, como chamada de primeira página, a seguinte frase: "Pessimismo faz bolsa cair e dólar subir" (Folha de S.Paulo, 3/5/02)? O mais grave é que o teor da matéria não elucidará o real mecanismo a envolver operações do "mercado de capitais". Isto representa um "mundo à parte", próprio dos "iniciados" e "jogadores" (ou "investidores"). Então o que fixa o leitor, na sua ingenuidade, é a sensação de que algo acontece ao seu redor, podendo causar-lhe algum tipo de instabilidade, a despeito de não ter um só centavo aplicado. (...) Enfim, se levarmos essa questão mais a fundo, chegaremos à conclusão de que a

¹⁰⁷ No meio jornalístico, “furo” é quando um veículo de comunicação antecipa-se à concorrência e divulga antes uma notícia importante.

¹⁰⁸ De acordo com Quadros, após dez anos do boom de implantação dos diários na internet, o jornalismo na *web* não concluiu a sua fase de transição da esfera tradicional para a digital. Para a autora, “a evolução das tecnologias digitais da informação é muito mais rápida que a ação estratégica para implementá-las” (Quadros, 2005: 02).

"realidade informada" habita a dimensão mítica e dita o ritmo de um tempo-espaço aleatório (Lucchesi, 2004).

De acordo com Ivo Lucchesi, no artigo “Quem informa o que a quem”, a imagem, em "tempo real", causa no receptor a sensação de que compreende aquilo que vê, quando, efetivamente, apenas sente primariamente o que é exibido. A repetição deste procedimento em todos os noticiários faz com que o receptor se habitue-se a ver tudo com certa normalidade. Sendo assim, haveria um mundo real “invisível” e um mundo abstrato, construído em “tempo real”. Lucchesi analisa separadamente os papéis de emissor e receptor. Projetando, porém, seu pensamento para as especificidades da *Blogosfera*, da internet e do próprio “neojornalismo”, tem-se que o emissor também é um receptor, na medida em que reproduz o mundo que lhe é “ensinado”.

Neste caso, tanto os *blogueiros* quanto os jornalistas adestrados e sem experiência ou tempo para adquirir capacidade de reflexão, são “peões” da construção da arquitetura do capitalismo informacional. Tal procedimento faz com que temas tão importantes quanto os predominantes nos veículos tradicionais continuem na opacidade. Esses temas não são guindados de seu lugar pelas mídias convencionais e digitais e sequer pelos *blogs* mais bem situados nos *rankings* de acessos e de *links* da *Blogosfera*, que, em geral, concentram seu noticiário e seus comentários na pauta ditada pelos grandes grupos de comunicação, contribuindo para a circularidade mimética das mesmas idéias ou “*memes*”.

Um dos fenômenos responsáveis por esta frustração em relação às primeiras perspectivas otimistas está relacionado ao fortalecimento da imagem do jornalista como referência e à adoção dos padrões jornalísticos para a produção e seleção de conteúdos para os *blogs*. Ou seja, a esperada “morte do jornalista” dá lugar à “ressurreição” de sua credibilidade. Os textos mais lidos e reproduzidos na *Blogosfera* política e os *blogs* mais acessados e *linkados* são justamente os de jornalistas, alguns de nome consagrado, outros vinculados a veículos da grande imprensa nacional ou internacional, ou a empresas de comunicação

predominantes em determinada região. Por consequência, o “selo de garantia” de uma informação dada por um *blog* é a origem jornalística do jornalismo-padrão vigente, utilizando-se das mesmas fontes oficiais. A polifonia descentralizadora é contida pelo uníssono que centraliza.

Para lembrar Vaz, na impossibilidade da interação face a face, a imagem do emissor – no caso, do *blogueiro* - deve transmitir confiança ou estar revestida de uma aura de credibilidade. Assim, aqueles que ocupam o topo do ranking, além de possivelmente adotarem estratégias pessoais, beneficiam-se, paradoxalmente, pela disputa entre aqueles que querem chegar ao topo. Na disputa dos “pequenos” ou “desconhecidos” por visibilidade, uma das tendências ou, talvez, a estratégia mais copiada, tem sido, além da referência a notícias da grande imprensa - com os respectivos *links* para as mesmas ou a sua citação como fonte - a parceria com os *blogs* mais populares e com os *blogueiros* conhecidos. A substituição do *dead-line* pelo *on-line*, por enquanto, apenas aumenta o poder dos mais ricos, “riqueza” esta que pode ser considerada como o acúmulo do capital social da popularidade na *Blogosfera* ou, não raro, também em termos econômicos. Dessa forma, a produção de conteúdo reduz-se à confecção repetitiva de *clippings*¹⁰⁹ do noticiário vigente.

O fato de *linkar* para os *blogs* mais populares, ou seja, quando um *blogueiro* – podendo mesmo ser desconhecido – coloca em sua página pessoal um *link* para um *blog* “top”, porém, não garante a retribuição, nem sequer que seus textos e temas sejam publicados pelo famoso. A tradição do jornalismo impresso sobrevive às mudanças tecnológicas, como na adoção de mecanismos de seleção daquilo que é notícia, sintetizados na idéia do *Gatekeeper* – ou “porteiro”.¹¹⁰ Desta forma, a idéia de *free flow* (livre fluxo) de informação é seriamente

¹⁰⁹ *Clipping* é a reunião sintetizada das principais notícias do dia, da semana ou do mês, em geral contendo recortes de jornais e de revistas, textos impressos de internet e resumos dos noticiários de TV e de rádio. É um grande resumo das notícias veiculadas e publicadas no período pretendido.

¹¹⁰ “A idéia de gatekeeper remonta a um estudo de Kurt Lewin, em 1947, sobre a modificação de hábitos alimentares de grupos de pessoas. O trabalho mostrou que existiriam zonas de filtragem das informações nos canais por onde as informações passariam. Essas zonas agiriam permitindo ou impedindo que determinadas informações fossem publicadas. Seriam zonas controladas por gatekeepers ou porteiros. O conceito teria sido depois utilizado por White em 1950 para trabalhar com os fluxos de informação nos meios de comunicação. Existe, deste modo, uma seleção intencional das informações que são divulgadas pelos menos de comunicação” (Recuero, 2004).

abalada, na medida em que, na *Blogosfera*, além da escolha pessoal de informações a serem publicadas, há uma seleção adicional feita pelo *blogueiro*, a de quais *links* acrescentar ao *blog*. De acordo com Fernando Dalmonte, no artigo “Inovações Tecnológicas, Webjornalismo e Fluxos Informacionais”, esta filtragem “ilustra mais uma vez a manutenção dos padrões de controle do pólo de emissão, em detrimento da expectativa de liberação” (Dalmonte, 2007).

A seleção do *Gatekeeper* faz parte de um processo ainda mais complexo. Assim como as redações digitais da internet, produtoras do webjornalismo, são centros de gravidade para onde convergem os fluxos de matérias de todo o conglomerado de comunicação, geralmente envolvendo TV, rádio, jornal, revista e outros¹¹¹, os *blogs* ricos, ou seja, os mais acessados, passam a ser centros de gravidade da *Blogosfera*, exercendo papel similar na inserção das notícias no contexto social. Embora não se possa avaliar a intencionalidade das ações adotadas, o que se diagnostica, no pano de fundo do “mimetismo de modismos”, delineado por Salgado, é o mimetismo de estruturas e de padrões tradicionais e conservadores. O “controle cultural”, identificado pelo autor, e a “tentativa de controle do imaginário”, expressão cunhada por Lima, criam raízes no ambiente livre da *Blogosfera*, que, por enquanto, apenas torna visível a construção de comunidades capitalistas, associações para a obtenção do lucro, que pode nem ser financeiro, mas envolve necessariamente poder de domínio da informação e *status*.

Tais características de *mimesis*, de concentração de fluxos informacionais e de simples reprodução do conteúdo das grandes mídias acabam descaracterizando a *Blogosfera* como uma *small media* ou *small voice*, na medida em que permite acesso dos pequenos à produção, mas não os dá visibilidade instantânea. Pelo contrário, os deixa à mercê das seleções feitas tanto pela mídia convencional quanto pelos critérios pessoais dos *blogueiros*, em geral baseados no “profissionalismo padrão”. Como a mídia pequena ou “dos pequenos” não existe ainda em sua plenitude, no Brasil, é importante observar

¹¹¹ A observação, feita por Machado, leva em conta o caminho das matérias produzidas por profissionais destes veículos, colaboradores e mesmo usuários da rede (Machado, 2002).

que o que há é uma mídia “quase-padrão” dentro da *Blogosfera*, diferenciando-se das mídias-padrão pelo fato de poder atuar, em cada *blog*, apenas um gerente da informação e não necessariamente uma equipe de repórteres, redatores e editores.

A esta mídia, composta de *blogs* e mimética da grande imprensa, dá-se o nome, nesta pesquisa, de “*Blogomídia*”. A *Blogomídia* não é a grande mídia, mas sua “sombra”, e não é a mídia pequena, mas seu simulacro, uma aparência sem realidade. A aparência de uma prevalência da comunicação horizontal, que camufla a manutenção da comunicação vertical. Os fluxos não se dão de maneira aleatória e em níveis de igualdade entre os usuários da rede, assim como as informações circulantes não nascem livres do *Gatekeeper*. A escolha estratégica de unir-se a *blogs* populares; os *intra-links*, que se auto-referenciam ou referenciam os *blogs* abrigados no mesmo *site* ou portal; e os *links* amigos, que apontam para a vizinhança amadora formadora das comunidades virtuais “capitalistas”, mantêm uma comunicação vertical escondida. Valem mais os *blogs* famosos – ou de famosos – e as notícias circulantes nestes *blogs*, que, por sua vez, mantêm relação de simbiose com as mídias convencionais. A informação é gerada no cume da pirâmide e se alastra, primeiro de cima para baixo e, em seguida, para os lados, chegando à base com aparência de pertença a um fluxo horizontal.

Da mesma forma, a atemporalidade propiciada pelo meio volta a ser temporal, ditada pelo ritmo da propagação de novas notícias, sob a pena da sensação constante de atraso, o que lembra o frenético coelho de Alice. Por conseqüência, poucos debates sobre questões importantes se prolongam, pois há sempre a discussão em torno da notícia mais “quente” do dia ou da semana. O caráter de reflexão e análise conferido aos *blogs* passa a ser submetido à adequação ao contexto da história “construída” mítica e mimeticamente. A “convergência dos momentos” faz com que todos olhem para a mesma tela ao mesmo tempo o tempo todo, independente de compartilharem de uma mesma opinião sobre o “filme” exibido. Virar o pescoço para o outro lado torna-se dolorido. A sociedade da informação é também a sociedade do torcicolo.

Nesta perspectiva, enquanto os “agentes inteligentes”, mapeados por Vaz¹¹², espelham-se em guias humanos, um percentual considerável de *blogueiros* age como “agente”, indicando *blogs* e discussões que possam interessar aos visitantes, o que contribui para fechar o círculo de opções através da oferta de uma “facilidade” a mais, podendo ser por *links* ou por ferramentas, como RSS e *trackback*. O visitante passa a ter o conforto de “ter às mãos” aquilo que talvez nem seria motivo de sua busca.¹¹³

A conseqüência deste quadro parece ser a permanência da formulação equivocada de questões públicas aos organismos de decisão política, conforme definido por Miguel e Howlett, e a própria propensão ao “segredo”, no sentido definido por Thompson, paradoxal à abertura potencializada pela *Blogosfera*. Diante deste diagnóstico, pode-se elaborar as respostas às três partes da primeira questão deste trabalho. As pautas midiática e política se reproduzem na sociedade contemporânea de maneira mimética, mítica e simbiótica, a partir da repetição de conteúdo entre veículos convencionais e produtos das novas TICs. A internet, especificamente a *Blogosfera*, não transforma a lógica de imposição da agenda de debates públicos, na medida em que a maioria dos *blogueiros* ainda é tímida, incapaz ou omissa para formular questões novas ou trazer à visibilidade temas que sobrevivem na opacidade.

Neste capítulo, pode-se perceber a evolução tanto dos blogs quanto dos estudos relacionados à *Blogosfera* e às redes de uma forma geral. O conceito de *Blogomídia*, cunhado na terceira seção, é uma forma de representar o estágio atual da rede de *blogs* brasileiros que tratam de informação política e que não se

¹¹² Um exemplo da ação de “agente inteligente”, demonstrado por Vaz, está no *site* da livraria Amazon. A partir de um histórico de escolhas do usuário, o *site* busca mapear seus gostos. Desta forma, quando o usuário escolhe um livro, o *site* indica outros que podem interessar ao comprador (Vaz, 1999: 12).

¹¹³ Vale lembrar que a formação de grupos fechados pode conduzir a equívocos de procedimentos e interações. A pesquisa de Janis sobre *Groupthink*, ou pensamento de grupo, é enfatizada por Primo pela observação de que estar coeso não significa estar correto. A explosão do ônibus espacial Challenger, em 1986, seria a conseqüência negativa do *Groupthink*, cujas características estão relacionadas a ilusão de invulnerabilidade do grupo, crença em sua moralidade inerente, racionalização coletiva, onde os objetivos do grupo justificam os meios, visão estereotipada sobre oposições externas, auto-censura, ilusão de unanimidade, repressão direta aos dissidentes e ações deliberadas de esconder do grupo informações discordantes (Primo, 2005). E, na medida em que os *blogs* acabam aglutinando pessoas de perfis similares, próximos, isso pode ser, por este ponto de vista, mais prejudicial do que se estivessem dialogando e tendo contato com “estranhos” ao seu modo de ser e de pensar.

diferenciam substancialmente daqueles vinculados a informações gerais. Percebe-se que a prática do mimetismo é um vício que trava a construção de uma *small media* efetiva e que ainda há timidez na proposição de pautas alternativas para a discussão pública.

Neste capítulo, procurou-se retratar a historiografia dos *blogs* em níveis mundial e nacional e as sugestões de taxonomias propostas por pesquisadores para as categorias distintas de páginas pessoais, bem como apresentar resultados obtidos pela observação netnográfica de *blogs* mais linkados na internet brasileira. Buscou-se ainda a formulação e argumentação das noções de *Blogomídia*, de mimetismo e de circularidade de temas entre os *blogs* analisados.

A “frustração democrática” constatada faria da *Blogosfera* um espaço sem expressão política? Diante de tais constatações, qual seria o papel dos *blogs* no Brasil e para onde podem caminhar? Os *blogs* ser vistos como esfera(s) pública(s), como contra-esfera(s) pública(s) ou como espaços propícios à conversação civil e ao resgate da opinião pública? A partir dos resultados obtidos nesta netnografia, e das respostas às primeiras questões propostas na apresentação, busca-se, no capítulo de encerramento, responder às perguntas delas derivadas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Senhores, um romance é um espelho que é levado por uma grande estrada. Umás vezes, ele reflete aos vossos olhos o azul dos céus, e outras a lama da estrada. E ao homem que carrega o espelho nas costas vós acusareis de imoral! O espelho reflete a lama e vós acusais o espelho! Acusai antes a estrada em que está o lodaçal, e mais ainda o inspetor das estradas que deixa a água estagnar-se e formar-se o charco.

(O Vermelho e o Negro – Stendhal)

3.1. Sobre homens e máquinas

O termo “Gentrificação”, que vem do inglês “*Gentrification*”, é recente no urbanismo e vem sendo usado pelos especialistas do meio para indicar algo que torna um ambiente urbano degenerado, em processo de degeneração ou “feio”. Sinteticamente, define um espaço “mal freqüentado” em ambiente “nobre”, que, “teoricamente”, deveria ser utilizado pela “elite” ou pela “classe média”. A requalificação de uma área urbana pode ser entendida dentro do processo de gentrificação, onde, em geral, há uma “natural” expulsão dos “nativos”. Exemplos deste tipo de intervenção seriam o deslocamento, para locais distantes, de uma população pobre, com o fim de implantação de conjuntos habitacionais de classes A e B, e a extinção de praças e campos de futebol socializados, isto é, de livre acesso para todos, para, em seus lugares, serem erguidos *shoppings* ou condomínios. Em resumo, a dessocialização do espaço público, o que se liga à idéia de desterritorialização, de Oldenburg e Bauman.

A partir desta perspectiva, pode-se falar em uma **gentrificação cultural**, tanto física quanto *ciberespacial*. A física é erguida sobre as bases da desigualdade econômica. Já a “*cibergentrificação*” seria a gentrificação dos espaços de formação da opinião e do próprio imaginário, dentro do ambiente virtual. A gentrificação acontece a partir de processos complexos, ligados a exclusões ativa e passiva de determinados grupos em relação aos debates

públicos travados no ambiente de rede. A exclusão ativa é a imposição de modismos, opiniões e gostos, a partir de padrões que tendem à conservação de modelos de hierarquias sociais. A passiva está ligada à conseqüente auto-exclusão de indivíduos e grupos criativos, mas desfavorecidos social e economicamente, de processos de interação.

Ao analisar as mudanças sofridas pelos desfiles de escolas de samba do Rio de Janeiro, Salgado fala na transformação de um espetáculo genuíno de raiz na cultura popular em espetáculo alegórico de artes plásticas populares, onde as celebridades são colocadas nos melhores postos, a produção é feita para turistas e o público das “comunidades” assiste “de longe”, nos setores mais baratos e desconfortáveis das arquibancadas.

A lógica estranha não estaciona: ritmo e melodia perdem importância para fantasias e alegorias, sofisticando um concurso popular que assume ares de organização fordista e com quesitos avaliadores de inspiração neodarwinista. O público já não se preocupa em aprender a cantar o samba mais bonito, mas em escolher a escola mais rica (Salgado, 2007).

A auto-exclusão torna-se ainda mais visível a partir de um olhar detalhado para arquitetura imponente de *shoppings* ou mesmo de prédios onde se travam os debates públicos, como câmaras e assembleias legislativas, fazendo com que as suas portas abertas sejam dessocializantes e inibidoras. O ambiente virtual e, em especial, a *Blogosfera*, não são – ou pelo menos não estão, não se apresentam – menos ostensivos. No caso dos *blogs* de informação política, especialmente analisados neste estudo, a *cibergentrificação* aparece quando o espaço livre da rede é dominado por profissionais da notícia - ou seguidores dos padrões convencionais de imprensa -, a partir da construção de uma estrutura que, naturalmente, afasta, exclui ou provoca a auto-exclusão de *blogueiros* com procedimentos diferentes. Estes são “jogados” para fora dos *rankings* mais acessados e para a periferia dos *webrings* e *blogrolls*, vizinhanças dentro de condomínios e entre condomínios virtuais, respectivamente.

Os próprios comentários dos comentários, não de *blogueiros*, mas de visitantes dos *blogs*, formam, não raro, castas preconceituosas e fechadas a pessoas que articulam de forma precária os seus argumentos, devido ao déficit explícito de formação entre camadas distintas da população. Não há espaços para “amadores”, no sentido puro da palavra, isto é, para aqueles que fogem aos padrões profissionais vigentes. Esta absoluta maioria acaba se voltando para assuntos banais e de entretenimento, que aparentam estar mais ao seu alcance.

Já entre os que disputam os fluxos “livres” da internet, o debate, muitas vezes, não se dá de forma equilibrada. O despreparo dos participantes para ouvir faz com que as discussões se transformem em conversas entre surdos que não se vêem, onde a tática predominante é a desqualificação do “adversário”, ao invés da análise racional de seus argumentos e da tentativa consensual de construção do bem comum. Tais encontros, que poderiam gerar uma idéia, um projeto, um movimento, são simplesmente transformados em um eterno “Fla-Flu”, o que significa sério entrave para o desenvolvimento das potencialidades políticas dos *blogs*. A fragilidade de grande parte dos debates virtuais e mesmo a restrição dos diálogos “civilizados” a grupos de exceção reflete processos sociais de ensino que acontecem no campo real.

Nesta linha, Salgado articula os postulados da epistemologia genética, de Jean Piaget com a Teoria da Consciência Moral, de Lawrence Kohlberg, alinhavando considerações sobre o desenvolvimento precário das seqüências de aprendizagem propostas pelos dois autores e o fosso de desigualdades culturais enfrentadas pela realidade brasileira¹¹⁴. Seqüências pobres são caracterizadas pelas dificuldades de linguagem e aquisição do simbólico, incompreensão de preceitos éticos morais, de direitos e de deveres, culminando com o déficit de cidadania. Por outro lado, o acesso à tecnologia e aos direitos sociais forma uma

¹¹⁴ Piaget divide os processos de aprendizagem em quatro períodos: sensorio-motor (até os dois anos), pré-operacional (até os sete anos), das operações concretas (até 12 anos) e da experimentação constante (aprender fazendo e compreender aprendendo), desenvolvendo a linguagem, nos sentidos fabulativo, metafórico e abstrato formal, mais forte quando adulto, mas nem sempre incentivado. Tais etapas, porém, não são rígidas, podendo se adiantar ou atrasar, prejudicando as linguagens falada, escrita e imaginada. Já Kohlberg divide as etapas dos juízos valorativos e morais em seis: pela ordem, castigo e obediência; objetivo instrumental e troca; expectativas interpessoais mútuas e preservação do sistema social e da consciência; aprendizado moral e internalização de princípios éticos universais e valores humanitários (Salgado, 2006)

topografia incoerente: Ou se está diante de “hiperalfabetizados”, que compreendem e dominam mecanismos de utilização da rede, ou de “protoalfabetizados”, excluídos do mundo da linguagem complexa (Salgado, 2006). De acordo com o autor, a consequência é a ampliação de um fosso cultural e tecnológico, um fosso “**tecnomidiático**”, aumentando a distância física entre as comunidades inclusivas e excludentes.

A tendência deste espaço, deste vazio, poderá ser o constante aumento, podendo gerar, entre os “excluídos” das “networks”, uma sociedade de “zumbis lobotomizados pela drogadição”, alienados culturais de todo o tipo e consumidores a-críticos e integrados. A vida destas pessoas – constatação cruel! – pode “passar” e elas nem o perceberem (Salgado, 2005: 70).

A lógica da distinção entre “**conectados hiperalfabetizados**” e “**desconectados protoalfabetizados**”, capaz de causar efeitos devastadores no campo das relações individuais, sociais e políticas, dentro do país, é também reflexo de um sistema maior, mundializado, chamado por Mattelart de “**imperialismo cultural**”.¹¹⁵ Dalmonte recorre a dados do relatório de 2005, da Unesco, sobre o uso da internet, para demonstrar, sob dois aspectos, como a lógica centro-periferia, norte-sul, faz permanecer as desigualdades reais no mundo virtual. O primeiro diz respeito ao acesso ao meio. Já o segundo está relacionado às barreiras impostas pela língua:

Quadro 25: Usuários de internet no mundo, em 2005.

Continente	Percentual de usuários
Ásia	34,5%
Europa	28,7%
América do Norte	23,8%
América Latina	7,3%

¹¹⁵ O conceito de “imperialismo cultural”, de Mattelart, surge da observação de que, na economia dos fluxos informacionais, existe uma relação desigual, perpetuando a relação de dominação a partir da dinâmica entre nações historicamente fortes e outras sem grande expressão, ou seja, do centro para a periferia, do norte avançado para o sul, subdesenvolvido (Matterlart, 1999: 117).

Oriente Médio	2,3%
Oceania	1,8%
África	1,7%

Fonte: UNESCO (1983).

Quadro 26: Línguas usadas na internet

Língua	Percentual de utilização
Inglês	31,6%
Chinês	13,2%
Japonês	8,3%
Espanhol	6,4%
Alemão	5,9%
Francês	4%
Coreano	3,4%
Italiano	3%
Português	3%
Holandês	1,6%
Outras	19,5%

Fonte: Unesco (1983)

Ainda de acordo com a Unesco, 90% das línguas não estão representadas na internet. A análise criteriosa dos quadros mostra que Ásia, Europa e América do Norte, os países do Norte, têm amplo domínio do uso. Da mesma forma, mais de um terço dos internautas falam inglês e praticamente um quarto são da Ásia, continente de países em plena ascensão econômica. Tais números não “falam” apenas em quantidade, mas em qualidade da utilização, bem como no poder exercido pelos mais ricos, literalmente em termos financeiros. *Webrings* e *Blogrolls* reúnem, em nível mundial, um pequeno círculo de “mundos pequenos”, que tomam a ponta da produção de bens e das idéias originais. Todo esse volume de informações chega, em “segunda mão”, após passar por uma ou mais traduções, à periferia digital, aos países, onde, além de proporcionarem acesso menor ao meio, falam idiomas diversos daqueles predominantes. A

“elite” conectada e hiperalfabetizada destes países periféricos, por sua vez, ao invés de desenvolver posições e sistemas alternativos, em muitos casos, acaba sucumbindo à simples incorporação, adequação e repetição dos modelos importados.

A língua surge, dessa forma, como delimitador do acesso à rede, bem como afastamento em relação ao universo produtor de conteúdos, tendo-se em vista a primazia do inglês. Tais dados evidenciam a manutenção de um quadro hegemônico internacional (Dalmonte, 2007).

Neste contexto, Dalmonte lembra que, além do aumento de acesso, torna-se cada vez mais necessário atentar-se para a importância da qualidade da participação. Ele recorre a Antônio Pasquali para distinguir os significados das duas palavras¹¹⁶, chamando atenção para a abundância do vocábulo “acesso” no discurso econômico hegemônico e a raridade de aparições do vocábulo “participação”. E é justamente neste sentido que a análise da democracia, de uma forma geral e em todos os seus campos potenciais, incluindo a *Blogosfera*, deve caminhar. A acesso e participação, deve-se acrescentar outros dois procedimentos a serem buscados, de forma realmente efetiva: a interação e a coabitação. A interação pressupõe trocas de experiências e negociações viáveis e permitidas. Já a coabitação tem a ver com o aceite de limites, de diferenças, de convivência com o “outro”, com valores diversos e antagônicos.

Em “É preciso salvar a comunicação”, Wolton menciona os passos dados pela humanidade rumo à terceira e mais difícil das globalizações, a cultural. Depois da globalização dos sistemas econômico e político¹¹⁷, a era das novas TICs descortina - ou acentua -, paradoxalmente, a incomunicação. Para o autor, “quanto mais as mensagens se globalizam, mais as diferenças culturais da comunicação se afirmam” (Wolton, 2006: 17). Isto se dá porque não há mais

¹¹⁶ Acesso, segundo o autor, é o exercício da capacidade de receber mensagens de qualquer natureza, decodificar, vir a saber, descobrir, investigar, demandar, recuperar ou colocar no domínio público. Já participação seria a capacidade de produzir e transmitir as mensagens, gerar, codificar, fornecer um veículo para disseminar, publicar ou transmitir (Dalmonte, 2007).

¹¹⁷ A globalização política é simbolizada pela criação da ONU e a construção do quadro da comunidade internacional. A econômica está ligada à liberalização econômica desde os anos 80 (Wolton, 2006).

ligação direta entre o crescimento do volume da informação e o crescimento da comunicação, mas justamente o contrário, uma espécie de “disjunção” entre informação e comunicação. Quanto mais o mundo torna-se visível, mais suas diferenças ficam expostas. A convivência e a interação com “diferentes” tornam-se, assim, “insuportáveis”, tanto para as grandes potências como para os dominados, em busca da afirmação de sua identidade.

O exemplo das duas Alemanhas, que conseguem união econômica e política, mas esbarram na cultural, assim como das tentativas de aproximação entre a União Européia consolidada e o atrasado Leste Europeu, são pródigos deste novo período histórico. Para Wolton, as técnicas são homogêneas, mas o mundo é heterogêneo, e seis bilhões e meio de computadores não bastariam para assegurar mais comunicação entre os homens, justamente porque o meio é apenas o espelho que reflete a consciência e as atitudes das sociedades.

Desta forma, comunicar, não no sentido de dar uma informação, mas de interagir, passa a representar o risco do encontro com o “outro” e também o risco do fracasso. Como não há ética da comunicação sem respeito a este “outro”, sem uma reflexão política, coabitar passa, de imediato, a ser uma questão de democracia. A “incomunicação”, para o autor, é o último estágio da comunicação, no sentido em que ela legitima a irredutibilidade das identidades em jogo. Buscar a comunicação e aceitar a incomunicação seriam, portanto, chaves gêmeas para o exercício da “coabitação”.

Por isso, a comunicação traz consigo um duplo desafio: aceitar o outro e defender sua identidade própria. No fundo, a comunicação levanta a questão da relação entre eu e o outro, entre eu e o mundo, o que a torna indissociável da sociedade aberta, da modernidade e da democracia. Embora a economia e as técnicas prevaleçam hoje, nunca se deve perder de vista a perspectiva antropológica e ontológica da comunicação (Wolton, 2006: 14-5).

A partir destas perspectivas, a importância da(s) esfera(s) pública(s) na sociedade contemporânea ganha esta nova variável e pode ser entendida por estágios distintos. O primeiro é o acesso a ela(s); o segundo, a capacidade para a

participação; o terceiro, a predisposição para a interação; e o quarto, a capacidade para a tolerância e para o aceite da própria incomunicação, o que não significa nem consenso e nem prolongação infrutífera de conflitos, mas a consciência de haver diferenças inconciliáveis, o que não deixa de ser salutar.

Inevitável concluir que a *Blogosfera* brasileira apresenta déficit em relação a condições de acesso, o que seria a plenitude do primeiro estágio. No entanto, a partir da observação detalhada da *Blogomídia* política, pode-se tatear aspectos que a ratificam ou a negam como esfera pública ou espaço público de discussões políticas, a partir do nível dos participantes, levando-se em conta a capacidade para o debate. A *Blogomídia* está longe de ser uma esfera deliberativa, na medida em que nenhuma decisão é definida diretamente pelos *blogs*, embora as discussões nela inseridas podem provocar, como já visto, de forma indireta, a mudança de um voto de um senador.

Por outro ângulo, sua capacidade de ágora pode também ser negada, na medida em que, em muitos casos, não se produz efetivamente algo de construtivo em relação ao tema debatido e em benefício da sociedade. A terceira face desta moeda mostra que o poder de atuação efetivo como esfera pública ainda está na potencialidade do meio, que não raro, é bloqueada pelo mimetismo apresentado em relação às mídias convencionais. Seria chegado tão rápido o momento de decretar a naturalização da *Blogosfera*, a sua absorção pela teia de padrões hegemônicos no agir da comunicação e da informação, assim como parte dos estudiosos das novas TICs já o fazem em relação à rede?

Há, porém, um outro nível de discussão que, necessariamente, não visa ao consenso ou a uma decisão formal, ou ao fechamento incontestado de um ponto de vista. Pode-se dizer que este nível, o de conversação civil, que retoma Tarde e revive em Papacharissi, é o mais desenvolvido na *Blogomídia* nacional e é, talvez, o único, que alcance o estágio da interação. Isso ainda não faz deste meio uma esfera, mas um espaço público que causa ressonância na sociedade. Falar em resgate da opinião pública pode ser um exagero, mas, no mínimo, existe um reforço de que ela sobrevive e é levada em conta, mesmo quando não participa diretamente do processo de formulação política, como delineado por Howlett.

Dessa forma, o papel dos *blogs* se reforça na sua potencialidade do “boca-a-boca *high tech*”, isto é, na certeza das elites de que o “controle” deste espaço de mídia não é perene e ileso aos seus efeitos.

Se, por um lado, a *Blogosfera*, através da *Blogomídia*, não representa ainda um poder de transformação do sistema, por outro, assume o papel de sua vigilância, seja em relação aos centros oficiais da política, seja em relação ao próprio papel dos veículos de comunicação na cobertura dos fatos. Pois, se há mimetismo em relação à pauta, o mesmo não se pode dizer sobre as abordagens. Basta considerar, como exemplo, aqui, a sigla PIG – Partido da Imprensa Golpista -, criada no *Blog Conversa Afiada*, para denunciar abusos cometidos pelos veículos de comunicação. A *Blogomídia* ainda não é o contra-poder do quarto poder, na medida em que não faz uma oposição sistemática à sua forma de trabalhar, mas alguns de seus setores funcionam como a polícia das empresas e dos profissionais da informação, o que não é pouco.

É ainda importante salientar que, no Brasil, depois de uma longa noite de ditadura, são apenas 19 anos de democracia plena, considerando a contagem a partir da primeira eleição direta de 1989. Portanto, sua população passa por novo processo de aprendizagem política. Nesse curto período, pode-se dizer que há mais avanços do que retrocesso ou estagnação. Isto significa um poder de mobilização silencioso e “invisível”, capaz de elevar ao posto mais alto do país um operário da metalurgia. E, se a democracia contemporânea nacional só agora atinge a maioria, o que dizer dos *blogs*?

A *Blogosfera* política teve seu primeiro impulso em 2005, com a cobertura do escândalo do “Mensalão”. Portanto, apenas engatinha. Depois de uma primeira geração de “tagarelas”, a segunda geração já apresenta formato profissional, onde o mimetismo pode ser, retomando Aristóteles, simples parte do aprendizado para a construção de algo maior pelas próximas gerações de *blogueiros* ou mesmo pelos bandeirantes de novos formatos tecnológicos.

Já o quarto estágio, o da coabitação, é uma busca que não se restringe ao nível nacional, nem à categoria política e sequer exclusivamente às interações na estrutura das novas TICs. Coabitar significa também escolher entre paz e guerra,

e conjugar estratégias de comunicação com atitudes de tolerância. No campo virtual, pela própria característica de dinamismo do meio, a simples desinência “des” pode ser acrescentada, “de repente”, ao aparente “controle” das elites, causando reviravoltas no mar nebuloso da *Blogosfera*.

(...) Certamente, estamos contemplando um sem número de ocasos: a morte das organizações populares e do povo, a morte das organizações de massa e da massa, a morte do estado democrático amparado na representatividade do povo e da massa, a morte dos grandes aparelhos de homogeneização do homem. Mas esses ocasos não são senão o fim da tenebrosa noite de dominação da disciplina e a explosão de inumeráveis auroras abertas pelo controle (Antoun, 2004: 83).

O diagnóstico da *Blogomídia* nacional ainda aponta traços que sugerem uma possível “frustração democrática”, mas nunca é demais lembrar, como Wolton, que, por detrás das máquinas, estão os homens. Se, como diz o escritor, “não há cachorrinho amestrado que ao final não se lhe ouça o latir”¹¹⁸, o que dizer então da capacidade de superação dos homens, que vêm sobrevivendo a eles mesmos? Se a humanidade usa meios técnicos para a produção de bombas nucleares, também lança mão deles para promover a cura de doenças “incuráveis”. Na sociedade das novas tecnologias, “em oposição à globalização econômica, há uma fantástica capacidade de solidariedade mundial, como no caso do movimento mundial de apoio às vítimas do Tsunami, em 2004” (Wolton, 2006: 225). Por outro lado, Dalmonte lança duas questões cruciais:

(...) Como os meios de comunicação poderiam ser democráticos em sociedades nas quais ainda não se chegou a uma real democracia? Ou, como os meios de comunicação poderiam ser mais democráticos que as sociedades que os abrigam? (Dalmonte, 2007).

¹¹⁸ A frase, do livro *Esaú e Jacó*, é mais um dos aforismos criados por Machado de Assis e que se eternizaram na obra do autor.

Dalmonete e Betto apostam na utilização pró-ativa dos meios pelos movimentos sociais, apontando como possível solução para a sua maior e melhor coesão a criação de um pólo de referência, como a Central de Movimentos Populares ou a Coordenação de Movimentos Sociais, que funcionariam como o coração deste corpo social, assegurando o fluxo livre de informações e mobilizações. Dalmonete lembra argumento de Betto, segundo o qual não se consegue suficiente representatividade para os movimentos “mantendo-os como paralelos sociais, sem nenhum ponto de convergência capaz de favorecer a unificação de determinadas bandeiras e lutas”.

Antoun, por sua vez, aposta justamente no divórcio entre a democracia e o Estado para a ascensão de movimentos sociais, de organização anárquica e transparente nas redes, “entrelaçando o ilimitado poder de fogo da multidão com o ilimitado poder de parceria da comunicação”. Em ambos os casos, porém, tanto na visão de Dalmonete e Betto quanto na de Antoun, estão a capacidade de acesso, de participação, de interação e de coabitação entre os homens. Assim, em meio à aparente desorganização virtual, pode haver organização em busca da construção de bens públicos.

Prêmio Nobel de Química em 1977, Prigogine ensina, com a “Teoria das Estruturas Dissipativas”, que a criação de uma ordem pode vir pela desordem e que o caos é fonte de evolução de novas estruturas complexas, desde a formação de ciclones até a organização de formigas, passando pelo crescimento urbano. A simetria deixa de ser uma necessidade no meio cosmológico, havendo uma pluralidade de níveis interconexos, sem que nenhum deles possa mais se colocar como prioritário ou fundamental. A estrutura da *Blogosfera* tem a capacidade potencial para que nela seja gestado este modelo plural.

A teoria de Prigogine, nesse sentido, aproxima-se então da noção de *Rizoma*, de Deleuze e Guattari. No rizoma, não há hierarquização, mas heterogeneidades; não há pontos ou posições, mas linhas. Entre seus princípios básicos, estão os de conexão, de heterogeneidade, de multiplicidade, de ruptura assignificante, de cartografia e de decalcomania. A conexão pressupõe que qualquer ponto do rizoma pode ser ou estar conectado a qualquer outro, tornando assim toda

conexão heterogênea. A multiplicidade pressupõe que o rizoma é múltiplo, não possuindo uma unidade que sirva de pivô. Dessa forma, não prevê nenhum processo de significância e está sempre sujeito a linhas de fuga, a novos caminhos. O princípio da cartografia indica, por sua vez, que, enquanto mapa e a partir do mapa, é possível ver que o rizoma possui entradas múltiplas, com a possibilidade não só de ser acessado de diversos pontos, mas de remeter a outros pontos de seu território. Já no princípio da decalcomania, os mapas podem ser copiados e reproduzidos. No entanto, a ressalva vem da reflexão de que colocar uma cópia sobre o mapa nem sempre garante uma sobreposição perfeita.

Tais pressupostos conjugam-se à noção de que a ordem pode vir pelo aparente caos, aparente neste caso por ser a-centrado e permitir, para lembrar Antoun, a explosão de auroras abertas pelo controle. É evidente que o uso da máquina - e do mapa da rede e da *Blogosfera* rizomática - depende do avanço educacional para o meio digital, não apenas para a participação passiva ou mimética, mas para a interação e a coabitação com diferentes. Da educação política para a formação de cidadãos plenos e não de meros consumidores também depende o avanço do meio. De acordo com Rodrigues, o Brasil, por exemplo, é a nação do voto eletrônico. Seus “cidadãos”, porém, respondem quando são consultados, mas não questionam as perguntas. O investimento para a formação de uma sociedade realmente participativa contribuiria, inequivocamente, para a construção de governos e governança eletrônicos:

O governo transformado permitiria a todos os seus cidadãos a participação plena na sociedade da informação, criando infra-estrutura para tal e promovendo identidade cultural e cidadania por meio das TICs, o que levaria a sistemas interligados (escolas e bibliotecas, hospitais e centros de pesquisa), capacitação do cidadão pela informação e ao uso dos meios eletrônicos para influenciar os governos (como o desenvolvimento de comunidades e conselhos virtuais), enfim, à um sistema de governança eletrônica. Tal possibilidade seria “uma oportunidade de constituir um ‘estado virtual’, extensão do estado real, como ente facilitador de mudanças institucionais e espaço de promoção de uma reinvenção do próprio governo real” (Moraes, 2007: 78).

Bater na tecla da educação ou clicar no *link* do uníssono acadêmico em torno do tema não significa apenas um final bonito para esta dissertação e reconciliador com a esperança em um futuro melhor, mas um grave alerta em relação à postura pública oficial e da sociedade civil em relação à evolução dos novos meios. O descompasso entre investimentos e novidades importadas é flagrante nos países em desenvolvimento, incluindo o Brasil, e a velocidade das transformações atinge níveis absurdos. Isto significa que uma postura passiva diante deste acelerado progresso pode proporcionar um cenário em que tecnologias derivadas das atuais cheguem já prontas, ocupadas, com seus *rankings* de acesso formados, com seus formadores de opinião definidos, em embalagens atraentes e envolventes.

Da mesma forma, pode causar fraturas ainda mais negativas na hierarquia virtual, com a formação de novas classes, com os conectados sendo divididos em categorias de *clusters* de hiperalfabetizados, de alfabetizados *freeloaders* ou de conectados precários ou semi-analfabetos digitais. No outro extremo, seria inevitável e talvez irreversível a expansão do fosso destes em relação aos “zumbis” desconectados. Por consequência, “sombras” de estruturas definidas e “simulacros” de mudanças esperadas acabariam se multiplicando em tecnologias descendentes das atuais.

No outro extremo, a busca constante pela aquisição de novos meios e pela liberdade de criação, de modificações e de adequações dos modelos tecnológicos que se sucedem - como começa a acontecer em vários setores públicos brasileiros, com a substituição de *softwares* fechados da Microsoft pelos programas livres BR-Linux¹¹⁹ -, acompanhada de uma revolução de longo prazo, na educação, e pela formação e manutenção de quadros “peritos”, a partir do fortalecimento de movimentos sociais, para fiscalizarem e discutirem, em condições iguais, os programas de políticas públicas efetivados nos âmbitos governamental ou mesmo não-governamental, pode diminuir desigualdades.

¹¹⁹ Programas fechados, como os da Microsoft, não podem ser modificados e devem funcionar conforme suas normas. Já os programas livres, como da BR-Linux, podem ter seus códigos alterados conforme a conveniência dos usuários.

Paralelamente à educação, processos de implantação de ferramentas de acompanhamento e fiscalização da aplicação de recursos públicos e dos resultados de políticas - chamados de “*accountability*”, de “*check and balances*” e de “*agenda-setting*” - pelas instituições políticas formais ou pelas organizações que mantenham vínculos com programas, recursos e ações voltadas para o público são indispensáveis para dar transparência às ações voltadas para o público e para o fortalecimento de uma democracia avançada, a democracia da interação e da coabitação.

Neste estado ideal, as fronteiras entre o País das Maravilhas, de Alice, e o mundo mágico de Oz, com seus homens de lata, leões medrosos e espantalhos sem cérebro, mais aproximam do que afastam. Alice e Dorothy¹²⁰ se encontram e descobrem que a essência de tudo está em cada indivíduo. O imaginário a ser formado é a identidade individual e coletiva para o bem de todos. A essência está no “eu” e em “nós”, construídos de relações com os “outros” e com o(s) mundo(s). Depende da capacidade de relacionamento e de solidariedade humana a percepção de que os homens de lata, “de máquina”, têm coração, os espantalhos “*freeloaders*” podem ter brilhantes idéias e os leões “amadores”, no fundo, são corajosos.

3.2. Sobre presente e futuro

Como dito na apresentação, lacunas não faltam neste estudo, mesmo porque o percurso percorrido exigiu escolhas. Dessa forma, é interessante sugerir aqui temas que possam dar prosseguimento a esta linha de pesquisa. O primeiro seria a observação de *blogs* de mulheres que contenham discussões políticas, já que chama atenção a pouca participação ativa do gênero feminino tanto na política formal da vida real quanto no universo virtual. Outro olhar pode ser focado para os *blogs* de categorias aparentemente não políticas, mas que, não raro, ajudam

¹²⁰ Dorothy é a personagem principal do livro “O mágico de OZ”.

na formação da cidadania, como os dedicados a esporte, a cultura ou mesmo a grupos específicos de música, como, por exemplo, de *hip-hop*.

Como parte considerável de autores que estudam o meio apontam o fortalecimento de movimentos sociais civis na internet para a ruptura de antigas estruturas, a análise criteriosa das ações, no campo virtual, dessas organizações, como o Movimento dos Sem Terra, parece ser de extrema valia para a compreensão deste jogo. A conjugação da internet e, especificamente, da *Blogosfera* com outras tecnologias interativas, como o aparelho celular, e, possivelmente, a própria adequação do seu formato à TV Digital, que começa a ser implantada, de maneira efetiva, no Brasil, pode render excelentes resultados.

As experiências de governança eletrônica, em níveis estatais, por sua vez, já vêm sendo estudadas. No entanto, faz-se necessária a observação de “governos” virtuais em níveis micro, ou seja, em organizações pequenas, com grupos reduzidos, também pode ser cara a este ramo de pesquisa, na medida em que contribui para a formação, em esferas menores, de *cibercidadãos*. Por fim, uma análise mais detalhada dos efeitos do domínio da empresa Google sobre os principais *sites* de procura e indexação, de relacionamento, de imagens e de publicidade da Web, pela ordem, Google, Orkut, Youtube e, recentemente, DoubleClick. A compra dos principais canais virtuais que transformam o imaginário do usuário fez com que a revista Super Interessante colocasse em destaque, na matéria, a seguinte conclusão: “O Google sabem quem você é. Mesmo. Se bobear, sabe mais até do que seu próprio psicanalista”.

Buscou-se, neste estudo, a partir da netnografia dos *blogs* brasileiros de informação política, verificar como as pautas midiática e política se reproduzem na sociedade a partir do momento em que não estão mais restritas à(s) mídia(s) de massa convencionais, bem como avaliar se a internet transforma a imposição da agenda de debates públicos a partir de pautas alternativas. Por uma segunda vertente, a pesquisa observou o papel exercido pelos *blogs* atualmente e o seu potencial de atuação como esfera pública e/ou como setor de vigilância e fiscalização de ações na área política e nos próprios veículos de informação. A síntese das respostas é de que, por enquanto, a *Blogosfera* não transforma o

sistema das estruturas padronizadas da produção e distribuição da informação e, conseqüentemente, contribui para a manutenção da lógica de imposição da agenda de debates públicos.

Por outro lado, exerce papel de opinião pública na interferência indireta sobre a ação de setores estratégicos de política e de informação, além de funcionar como setor fiscalizador das práticas nos centros formais do “fazer político” e da imprensa convencional. A partir da taxionomia usada para definir categorias de *blogs* políticos, da aplicação do termo *Blogomídia* para retratar o atual estágio dos *blogs* observados e de discussões sobre mimetismo, centralização de fluxos de informação e um controle que tende a abrir espaço para uma desorganização produtiva, o objetivo é contribuir para o debate acadêmico sobre o assunto. As considerações aqui expostas podem amanhã perder seu sentido, devido ao avanço rápido das tecnologias e das pesquisas sobre elas, mas, enquanto este dia não passa e suas linhas fazem parte do presente, estão abertas a críticas e sugestões, que, com certeza, serão capazes de construir novos *links* para a edificação de conhecimento mútuo e de fluxo civilizado, livre e libertário.

ANEXOS

Seqüência de anexos

Blogs partidários:

1. Roberto Jéferson
2. Zé Dirceu

Blogs profissionais:

3. Josias de Souza
4. Lúcia Hippolito
5. Ricardo Noblat*

Blogs independentes:

6. Mino Carta
7. Paulo Henrique Amorim

Blogs amadores

8. O Biscoito Fino e a Massa
9. Vizinho do Jéferson
10. Polêmica S.A

11. Mapa da *Blogosfera* brasileira

12. Decálogo dos direitos do *blogueiro***

* O blog de Ricardo Noblat apresenta um sistema de segurança que impede a cópia e a reprodução parcial. Por isso, não está na lista de anexos.

** Decálogo criado por Idelber Avelar. Note-se que as normas são colocadas em ordem decrescente, da décima à primeira.

Decálogo dos Direitos do Blogueiro

10. Toda blogagem se dará em paz e exercerá a liberdade de expressão inerente a qualquer democracia. A blogagem estará a salvo de perseguição política, religiosa ou doutrinária de qualquer caráter. O blogueiro será livre para dizer o que lhe venha à telha, desde que, obviamente, não cometa com a linguagem crimes de calúnia ou plágio.

9. Todo blogueiro terá o direito de passar um dia sem blogar e não receber mensagens alarmistas, preocupadas ou encheção de saco. Os blogueiros serão poupados de receber emails com gritaria ou esbravejação em letras maiúsculas e, no caso de recebê-los, serão livres para exercitarem o direito de ignorá-los ou apagá-los.

8. Todas as blogueiras terão direito de blogar em próprio nome, em pseudônimo ou em heterônimo como lhes apraza, de forma exclusiva ou simultânea. Assim como todos os outros direitos nomeados aqui preferencialmente no feminino, este também se aplica, evidentemente, aos homens que possam, saibam ou usem exercitá-lo.

7. Sendo publicitário, funcionário público, palhaço, vendedor de seguro, jogador de futebol, aeromoça, professor universitário, paqueta, lixeiro ou desempregado nas horas vagas, o blogueiro tem direito de não ser importunado, agredido, chantageado ou ofendido por sua escolha ou necessidade profissional fora das horas de blogagem.

6. Todas as blogueiras terão direito de livre associação em quaisquer grupos, incluindo-se aí grupos com objetivos e programas contraditórios. Entender-se-á a blogagem sobretudo como um direito à coexistência bizarra, insólita e feliz de diferenças na internet. Na blogosfera haverá paz de se retribuir as visitas aos blogs de cada um na devida temporalidade baiana que deve reger as coisas, sem pressa, sem culpa e sem cobrança. Ao visitar o blog alheio o blogueiro também temperará o natural desejo da recíproca com semelhante tranquilidade.

5. Toda blogueira estará livre de qualquer responsabilidade sobre afirmações feitas por outras pessoas em seu blog. Nenhuma blogueira poderá ser interpelada, processada ou censurada por ofensas ditas por outrem em seu blog. Caso alguma pessoa se sinta ofendida por algum comentário e reclame, a blogueira terá amplo tempo para decidir qual a atitude correta de anfitriã que exercita seus direitos de cidadã numa democracia onde àqueles correspondem, é claro, deveres também.

4. A todo blogueiro será garantido o direito de promover votações, concursos,

citações, retrospectivas, autolinkagem ou reciclagem sem ser acusado de estar ficando sem assunto.

3. Todo blog terá liberdade absoluta de linkar, deslinkar e relinkar como lhe preze, entendendo-se que a linkagem é ato livre, unilateral e jamais significa, por si só, um endosso de conteúdo do site linkado. Todo blogueiro terá paz para ir linkando aqueles que o linkam ou não, na medida em que ele vá viciando-se em blogs.

2. Todo blogueiro terá o direito de exercitar periodicamente o direito de dizer bobrinhas sobre assuntos que não entende, de tal forma que os blogs de futebol serão apoiados quando resolvam falar de música e os blogs de economia contarão com a compreensão geral quando decidam falar sobre a composição do vinho. Mais bobagem que certas revistas semanais blog nenhum conseguirá dizer.

1. Todo blogueiro terá o direito de propor decálogos incompletos – eneálogos, na verdade – e solicitar ser completado, corrigido ou auxiliado pela caixa de comentários. Esqueci de alguma coisa? Sejam bem-vindos.

Fonte: O Biscoito Fino e a Massa - quarta-feira, 30 de março 2005 - Escrito por Idelber às 02:26

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDÉ, Alessandra, ESCOBAR, Juliana e CHAGAS, Viktor. (2007), “A febre dos blogs de política”, in: **Revista FAMECOS**. nº 33. Porto Alegre, PUCRS.

ANTOUN, Henrique. (2004), “O poder da comunicação e o jogo das parcerias na cibercultura”, in: **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. Vol 2. Porto Alegre, Unisinos.

_____ e PECINI, André. (2003), “Multiplicação na rede: a formação de parcerias para coleta e disseminação de informações”. Trabalho apresentado ao NP8 – Tecnologias da Informação e da Comunicação, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa do **Intercom**. Porto Alegre. Intercom.

ARISTÓTELES. (1998), **Arte retórica e arte poética**. 14ª ed. Rio de Janeiro, Ediouro.

ARRETCHE, Marta. (1995), “Emergencia e Desenvolvimento do Welfare State: Teorias Explicativas”, in **Bib**, n.39. Rio de Janeiro, ANPOCS.

ARON, Raymond. (2002), **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo, Martins Fontes.

AUERBACH, Erick. (1996), **Mímesis – A representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo, Editora Perspectiva.

BAUDRILLARD, Jean. (1997), **Tela Total – Mitos e Ironias da Era do Virtual e da Imagem**. Porto Alegre, Sulina.

BAUMAN, Zygmunt. (2003), **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

BOURDIEU, Pierre. (1989), “A Representação Política. Elementos para uma Teoria do Campo Político”, in **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil/Difel.

CASTELLS, Manuel. (2006), **A Sociedade em Rede**. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

_____ (1999), **O poder da identidade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

COSTA, Rogério H. da. (2004), **O Mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

DALMONTE, Edson Fernando. (2007), “Inovações tecnológicas, Webjornalismo e Fluxos Informacionais: entre novas possibilidades e velhos ideais”, in: **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. Vol. 30. n.1. São Paulo, Intercom.

DAWKINS, Richard. (2001), **O Gene Egoísta**. Coleção O Homem e a Ciência. Vol. 07. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (1995). **Mil Platôs- Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol: 01. Rio de Janeiro.

DÓRIA, Pedro. (julho - 2007), “O lado negro da força”, in: **Revista Super Interessante**. São Paulo, Ed. Abril.

DREVES, Aleta Tereza. (2004), “Blog e jornalismo on-line: potencialidades profissionais na contemporaneidade tecnológica”, in: **Monografia de Conclusão de Curso de Comunicação**. Pato Branco/PR. Faculdade de Pato Branco.

DUCLÓS, Miguel. (2004), **Sobre o conceito de mimesis e katharsis na Poética de Aristóteles**, in: <http://www.consciencia.org/>

EISENBERG, José e CEPIK, Marco (org). (2002), **Internet e Política: teoria e prática da democracia eletrônica**. Belo Horizonte, Editora UFMG.

FELINTO, Marilene. (2006), “Golpe vem a Galope, na Margem de Erro da Mídia Podre”, in **Caros Amigos**, n. 115. São Paulo, Casa Amarela.

FERNBACK, J e THOMPSON, B. (1995). “Virtual Communities: abort, retry, failure?” Disponível em <http://www.rheingold.com/texts/techpolitix/VCCivil.html>.

FERNANDES, Juliana de Brum. (2003), “A hipótese do Agenda-Setting: estudos e perspectivas”, in: **Razón y Palabra**. n 35. México. <http://www.razonypalabra.org.mx/>

FISHKIN, James S. (2002), “Possibilidades democráticas virtuais. Perspectivas da democracia via Internet” in: Eisenberg, José & Cepik, Marco. Internet e Política. **Teoria e prática da democracia eletrônica**. Belo Horizonte. UFMG.

GERALDES, Elen Cristina. (2005), “A Voz Política dos Blogs de Notícias: Possibilidade de Reconstituição da Esfera Pública?”. Trabalho apresentado ao NT 02 – Jornalismo, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da **Intercom**, no Rio de Janeiro, Intercom.

GIDDENS, Anthony. (1998), **O Estado Nação e a Violência**. São Paulo, Edusp.

_____ (1991), **As conseqüências da modernidade**. São Paulo, Unesp.

HABERMAS, Jürgen. (2003), “O Papel da Sociedade Civil e da Esfera Pública Política”, in **Direito e Democracia**, vol.2. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

_____. (1984), **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

HOWLETT, Michael. (2000), “A Dialética da Opinião Pública”, in **Opinião Pública**, vol. 6, n.2. Campinas, CESOP/UNICAMP.

JOHNSON, Steven. (2001), **Cultura da Interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

KEANE, John. (1996), “Transformações estruturais da esfera pública”, in: **Comunicação e Política**. Vol. 3. nº 2. Rio de Janeiro. p. 06 a 29.

LIMA, Luís Costa (org). (1978), **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

LUCAS, Giovana Pampanelli. (2005), “Ciberspaço e sociabilidade – estudo de caso do sítio Agenda do Samba e do Choro”, in: **Dissertação de Mestrado em Comunicação**. Rio de Janeiro, UERJ.

LUCHESI, Ivo. (2004), “Quem informa o que a quem”, in: **Observatório da Imprensa**. n. 171. <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/>

- MACHADO, Elias. (2002), “O ciberespaço como fonte para jornalistas”, in: **Biblioteca on-line de ciências da comunicação**. www.bocc.ubbi.pt.
- MANTOVANI, Camila. (2006), “Informação e Mobilidade”, in: **Info-entretenimento na telefonia celular: interação, mobilidade e interação social em um novo espaço de fluxos**. Projeto de Pesquisa. Minas Gerais, UFMG. www.bocc.ubbi.pt
- MAQUIAVEL, Nicolau. (2005), **O Príncipe**. São Paulo, Martin Claret.
- MARQUES, Francisco P.J.A. (2006), “Debates políticos na internet: a perspectiva da conversação civil”, in: **Opinião Pública**. Vol. 12. Campinas, Unicamp.
- MIGUEL, Luís Felipe. (2003), “A Eleição Visível: A Rede Globo descobre a Política em 2002”, in **Dados**, vol.46, n.2. Rio de Janeiro, IUPERJ.
- _____ (2003), “Eleições, Opinião Pública e Mídia”, in **Política e Sociedade**, n.2. Florianópolis, UFSC.
- _____ (2000), “Um Ponto Cego nas Teorias da Democracia: Os Meios de Comunicação”, in **Bib**, n.49. São Paulo, ANPOCS.
- MONTARO, Sandra e PASSERINO, Liliana (2006), “Estudo dos Blogs a partir da Netnografia: Possibilidades e Limitações”, in: **Novas Tecnologias na Educação**, Vol.4, nº 2. Porto Alegre, Cinted-UFRGS.
- MONTESQUIEU, Charles Louis de Secondat. (1995), **O Espírito das Leis**. Brasília. Editora UNB.
- MORAES, Sara Rodrigues de. (2007), “Governo Eletrônico, Liberdade e Controle”, in: **Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais**. Juiz de Fora, UFJF.
- MURRAY, Janet. (1999), **Hamlet On The Holodeck – The Future Of Narrative In Cyberspace**. Cambridge, The MIT Press.
- PALACIOS, Marcos. “Cotidiano e Sociabilidade no Cyberspaço: Apontamentos para Discussão”. In: RECUERO, Raquel da Cunha. (2001), **Comunidades Virtuais – Uma abordagem teórica**. Porto Alegre, V Seminário Internacional de Comunicação.

PESSIS-PASTERNAK, Guitta. (1993), **Do Caos à Inteligência Artificial – Quando os cientistas se interrogam**. 2ª edição. São Paulo, Unesp.

PUTNAM, R. D. (1996). “The strange disappearance of civic America. The American Prospect,”: 34-48. Disponível em: <http://www.prospect.org/print/V7/24/putnam-r.html>.

PRIMO, Alex. (2005), “Conflito e cooperação em interações mediadas pelo computador”. Trabalho apresentado no GT Tecnologias Informacionais de Comunicação e Sociedade, na **Compós**, em Niterói, Rio de Janeiro, Compós.

QUADROS, Cláudia Irene de. (2005), “Dez Anos Depois do *Boom* dos Diários Digitais”, in: **Intercom - V Encontro dos Núcleos de Pesquisa**. Rio de Janeiro, Intercom.

RECUERO, Raquel da Cunha. (2004), “Webrings: as redes de sociabilidade e os weblogs”, in: **Famecos**. edição 11. Porto Alegre, UFRGS.

_____. (2002), “Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais”. Trabalho apresentado no GT de Comunicação e Cultura do VII Seminário Internacional de comunicação, in: www.pontomidia.com.br/raquel. Porto Alegre, PUCRS.

_____. (2001), Comunidades Virtuais – Uma abordagem teórica. Texto apresentado no 5º Seminário Internacional de Comunicação, no GT de Comunicação e Tecnologia das Mídias, promovido pela PUC/RS. <http://www.pontomidia.com.br/raquel/teorica.pdf>: outubro/2001.

_____. (2006), “Memes em Weblogs – Proposta de uma taxonomia”. Trabalho apresentado no 15º Encontro da **Compós**. São Paulo, Unesp.

_____. (2004), “Teoria das Redes e Redes Sociais na Internet – Considerações sobre o Orkut, os Weblogs e os Fotologs”. Trabalho apresentado no IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa, do **XVII Intercom**. Porto Alegre, Intercom.

_____. (2005), “Redes sociais no ciberespaço: uma proposta de estudo”. Trabalho apresentado no **XXVIII Intercom**. Rio de Janeiro, UERJ.

RHEINGOLD, Howard. (1996), **A comunidade em rede**. Lisboa, Gradiva.

ROCHA, Luís Fernando. (2006), “Discurso reportado como (Meta)mimesis”, in: **Caderno Seminal Digital**. Vol 5. n 5. Rio de Janeiro, Dialogarts.

ROUSSEAU, J.J. (2003), **O Contrato Social. Princípios do Direito Político**. São Paulo, Martins Fontes.

SALGADO, Gilberto Barbosa. (2007), “Desigualdades Culturais e Modernidade Periférica”. Trabalho apresentado no 31º Encontro Anual da **ANPOCS**, em Caxambu, Minas Gerais. ANPOCS.

_____. (2006), “Mídia e Esfera Pública na América Latina”. Trabalho apresentado no 3º Seminário Internacional Iberoamericano. In: Revista *Intellectos*, UFJF/UFRJ/Coimbra-Portugal. ao 30º Encontro Anual da **ANPOCS**, em Caxambu, Minas Gerais. ANPOCS.

_____. (2005), **Fabulação e Fantasia: o impacto da hipermídia no universo simbólico do leitor**. Juiz de Fora, Ed. UFJF.

SANTOS, Francisco Coelho dos. (2007), “Boca a boca high-tech: os blogs e as relações público/privado”. Trabalho apresentado no GT 24 – Tecnologias de Informação e Comunicação: Controle e descontrol, do 29º Encontro Anual da **ANPOCS**, em Caxambu-MG. ANPOCS.

SANTOS, Milton. (2003), “Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal”, in: MANTOVANI Camila. (2006), “Informação e Mobilidade”, in: **Info-entretenimento na telefonia celular: interação, mobilidade e interação social em um novo espaço de fluxos**. Projeto de Pesquisa. Minas Gerais, UFMG. www.bocc.ubbi.pt

SERRA, Paulo. (2006), **Comunidade e Mediatização**. Portugal, Universidade da Beira Interior.

SHANNON, C e WEAVER, W. (1975), **Teoria Matemática da Comunicação**. Rio de Janeiro, Difel/Fórum.

SILVA, Cassandra Ribeiro de O e. (2004), **Metodologia e Organização do projeto de pesquisa**. Fortaleza. Cefet.

TARDE, Gabriel. (1989), **Le Opinion et la Foule**. Paris. Les Presses Universitaires de France. http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html

THOMPSON, John. (2002), **O Escândalo Político – Poder e visibilidade na era da mídia**. Petrópolis, Vozes.

_____ (1998), **A Mídia e a Modernidade**. Petrópolis, Vozes.

TÖNNIES, Ferdinand. (1957), **Community & Society (Gemeinschaft und Gesellschaft)**. Translated and edited by Charles P. Loomis. Michigan State University Press.

UNESCO. (1983), “Um mundo e muitas vozes: comunicação e informação na nossa época.”. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

VAZ, Paulo. (1999), “Agentes na Rede”, in: **Lugar Comum**, n.7. Rio de Janeiro, ECO/UFRJ.

WAIZBORT, R. (2001). “Teoria Social e Biologia”, in: **História, Ciências e Saúde – Manguinhos**. Vol.08. pp.632-53.

WELLMAN, Barry. (1997), “An Electronic Group is Virtually a Social Network”. In: KIESLER, Sarah (org.) **Culture of Internet**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.

WOLTON, Dominique. (2006), **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo, Paulus.

REFERÊNCIAS LITERÁRIAS

ASSIS, Machado de. (1994), **Esaú e Jacó**. São Paulo, Círculo do Livro.

BAUM, L. Frank. (2007), **O mágico de Oz**. Porto Alegre, L&PM.

CARROLL, Lewis. (1997), **Alice no País das Maravilhas**. São Paulo, Editora Scipione.

HOLLANDA, Chico Buarque de. (1991), **Estorvo**. São Paulo, Cia das Letras.

NIETZSCHE, Friedrich. (2005), **Assim falou Zaratustra**. São Paulo, Martin Claret.

ROSA, João Guimarães. (1986). **Grande Sertão Veredas**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira.

STENDHAL. (1993), **O Vermelho e o Negro**. Porto Alegre, Nova Cultural.

SITASE BLOGSCONSULTADOS

www.uol.com.br

www.bol.com.br

www.uai.com.br

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/>

<http://www.cartacapital.com.br/>

<http://acertodecontas.blog.br/>

<http://computerworld.uol.com.br/telecomunicacoes/2007/08/04/idgnoticia.2007-08-04.6609357657/>

<http://www.intel.com/portugues/>

<http://www.bocc.ubi.pt/>

<http://pre-esferapublica.blogspot.com/>

<http://minutopolitico.blogspot.com/>

<http://herdeirodochaos.wordpress.com/2007/08/21/governo-eletronico/>

<http://oglobo.globo.com/>

<http://www.interney.net/blogs/politica/>

<http://blogdasanta.blogspot.com/>

<http://www.verbeat.org/pesquisablogosferabrasil/>

<http://www.futepoca.com.br/>

<http://blogcampominado.blogspot.com/>

<http://discutapolitica.blogspot.com/>

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/>

<http://www.humanitasbrasil.blogspot.com/>

<http://blogopedia.tubarcoesquilo.pt/>

<http://marceloferndes.blog.br/2007/09/10/brasil-e-11%C2%BA-em-acesso-a-banda-larga/>

<http://www.midiaepolitica.unb.br/>

<http://www.publiweb.com.br/>

<http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2007/01/>

<http://www.topblogsbrasil.com/>

http://meninaesperta.zip.net/arch2007-11-01_2007-11-30.html

<http://evocecomisso.blogspot.com/>

<http://idgnow.uol.com.br/internet/2007/08/03/idgnoticia.2007-08-04.2771559306/>

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG74959-6014-428-1,00.html>

<http://www.htmlstaff.org/ver.php?id=9740>

<http://diadefolga.com/existe-concorrancia-na-blogsfera-brasileira/>

<http://blog.terra.com.br/>

<http://www.ig.com.br/indice/blogs/>

<http://www.reporternet.jor.br/o-big-br-other-mundial/>

http://wnews.uol.com.br/site/noticias/materia.php?id_secao=1&id_conteudo=8570

<http://revolucao.etc.br/archives/ranking-de-blogs-brasileiros/>

<http://blogdodirceu.blig.ig.com.br/>

<http://www.blogdojefferson.com/>

<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/>

<http://www.luciahippolito.globolog.com.br/>

<http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/>

<http://blogdomino.blig.ig.com.br/>

<http://conversa-afiada.ig.com.br/>

<http://www.vizinhodojefferson.blogger.com.br/>

<http://www.malvados.com.br/blogsferabrasileira/index.html>

<http://www.idelberavelar.com>

<http://polemicasa.blig.ig.com.br/>

